Best-seller do *The New York Times* e do *USA Today*

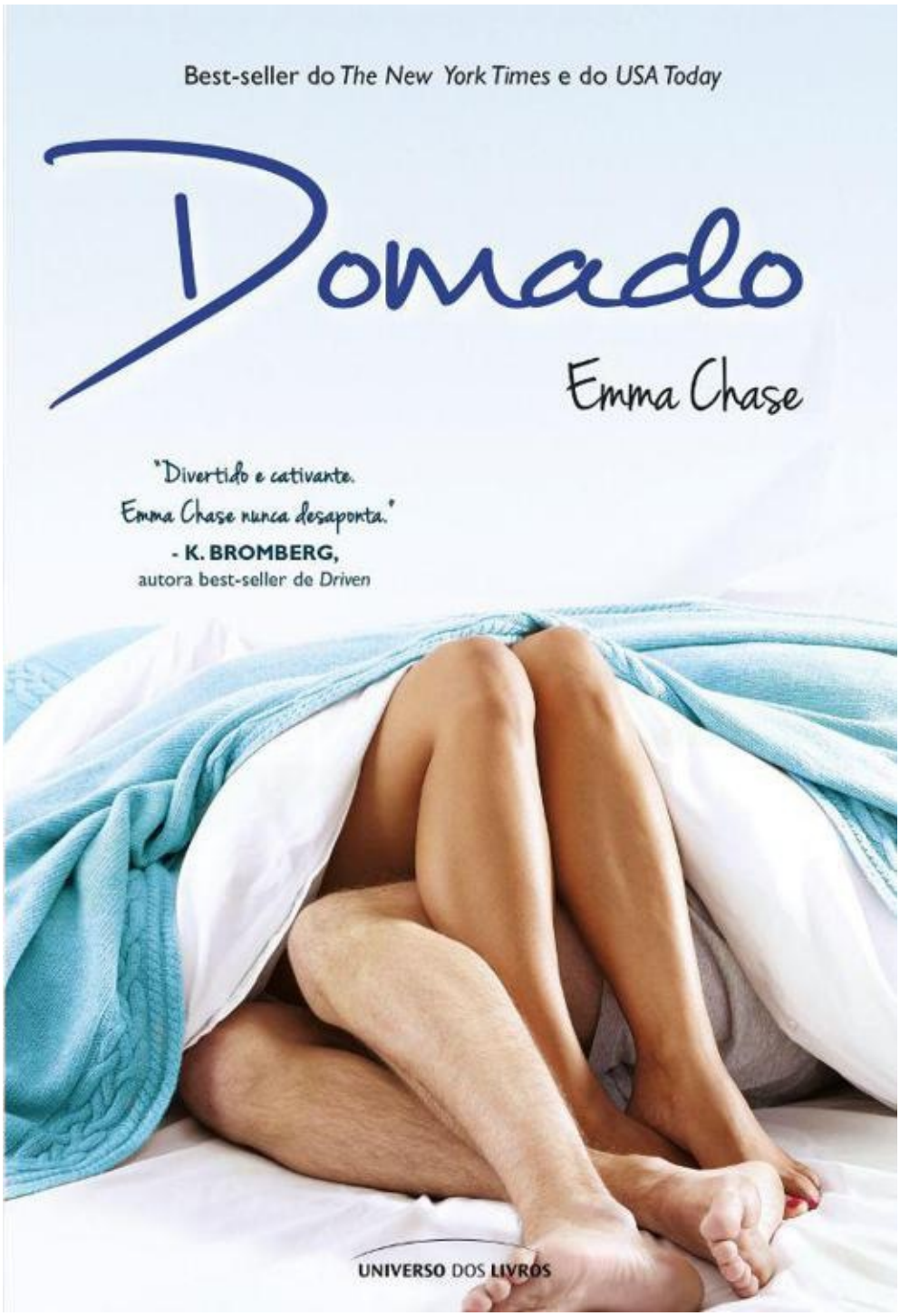
Domado

Emma Chase

"Divertido e cativante.
Emma Chase nunca desaponta."
- **K. BROMBERG,**
autora best-seller de *Driven*



UNIVERSO DOS LIVROS



Domado Universo dos Livros Editora Ltda.

Rua do Bosque, 1589 – Bloco 2 – Conj. 603/606

CEP 01136-001 – Barra Funda – São Paulo/SP

Telefone/Fax: (11) 3392-3336

www.universodoslivros.com.br

e-mail: editor@universodoslivros.com.br

São Paulo
2014

Siga-nos no Twitter: @univdoslivros UNIVERSO DOS LIVROS

Emma Chase **Domado** Best-seller do *The New York Times* e do *USA Today* © **2014 by Universo dos Livros** Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610 de 19/02/1998.

Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros.

Título original: *Tamed Copyright © 2014 by Emma Chase* All rights reserved, including the right to reproduce this book or portions thereof in any form whatsoever. For information address Gallery Books Subsidiary Rights Department, 1230 Avenue of the Americas, New York, NY

10020.

Diretor editorial: **Luis Matos** Editora-chefe: **Marcia Batista** Assistentes editoriais: **Aline Graça e Rodolfo Santana** Tradução: **Angélica Beatriz Halcsik** Preparação: **Grazielle Veiga** Revisão: **Vivivane Zeppelini, Monique D'Orazio** Arte e adaptação de capa: **Francine C. Silva e Valdinei Gomes** Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) Angélica Ilacqua CRB-8/7057

C436d Chase, Emma Domado / Emma Chase; tradução de Angélica Beatriz Halcsik. – – São Paulo : Universo dos Livros, 2014.

224 p.

ISBN: 978-85-7930-754-6

Título original: *Tamed* 1. Literatura americana 2. Romance Erótico I. Título II. Halcsik, Angélica Beatriz 14-0715

CDD 813.6

Este livro é dedicado a todos os garotos "legais" e garotas "malucas" no mundo. Que vocês se encontrem e, juntos, curtam a volta na montanha-russa da vida.

Agradecimentos Quando *Domado* for lançado, fará um ano que *Atraído*, o primeiro livro da coleção *Tangled*, foi publicado. Este ano tem sido maravilhoso e lindo! Sou muito grata por poder trabalhar com pessoas tão talentosas e dedicadas, que acreditam em mim, na minha escrita e nessas histórias engraçadas e sinceras.

Obrigada à minha superagente, Amy Tannenbaum, e a todos na Agência Jane Rotrosen pelas orientações, pelo estímulo e apoio maravilhosos. Obrigada à minha editora, Micki Nuding, às assessoras de imprensa Juliana e Kristen e a toda a família da Gallery Books por tudo o que fizeram para que este livro fosse muito mais do que seria sem vocês. Serei sempre grata à Nina Bocci da RP Bocci por seus ótimos conselhos e entusiasmo. Obrigada aos incansáveis blogueiros por ajudarem tantos outros leitores a descobrirem e se apaixonarem por estes personagens – por favor, nunca parem de fazer isso!

Sou completamente agradecida aos meus leitores – os melhores do mundo. Obrigada por toda postagem virtual, e-mails e mensagens – eu leio todas! A empolgação que vocês têm é uma lição de humildade, é inspiradora. Obrigada por amarem estes personagens do mesmo modo que eu.

Por fim, agradeço ao meu marido, aos meus filhos e a toda a minha família: amo vocês. Obrigada pela paciência e pelo apoio intermináveis e por me darem uma vida inteira de um material cômico precioso.

Capítulo 1

Durante as últimas semanas, chamou minha atenção que, às vezes, as mulheres gostam mesmo de chorar. Elas choram lendo livros, com seriados, assistindo àqueles comerciais horríveis contra abusos de animais e com filmes,

principalmente com filmes. Sentar para assistir algo que você sabe que te deixará infeliz? Não faz sentido algum.

Mas tudo bem, vou esquecer isso e ir direto à outra coisa que nunca vou entender sobre minha namorada. Sim, eu disse namorada. Dee Warren é, oficialmente, minha namorada.

Mais uma vez, para quem está no fundo e não ouviu: namorada – Delores – *minha*.

Repetir isso me faz parecer uma adolescente obcecada pelo Harry Styles, mas não me importo. Porque foi uma vitória difícil de ser conquistada – se você soubesse o que eu tive que passar para fazê-la ser minha, você me entenderia.

Bom, de qualquer jeito, vamos voltar ao que eu estava falando. Mulheres gostam de chorar, mas essa não é uma daquelas histórias. Não vai ter morte de melhores amigas, não há passados obscuros cheios de torturas, não há segredos escondidos, não há separações com vampiros brilhantes e não há coisas pervertidas sem sentido.

Bom… está bem… tem um pouco de coisa pervertida sem sentido, porém, são coisas felizes.

Esta é uma história sobre um garanhão que conhece uma garota um pouco maluca. Eles se apaixonam e o garanhão muda de modos para sempre. É uma história que, provavelmente, você já deve ter ouvido antes, talvez até mesmo do meu amigão, Drew Evans. Mas vamos ao que interessa: lembra quando ele e Kate estavam tentando se entender? Havia um universo alternativo acontecendo comigo e com Deloris que você não conhece. Então fique por aí, mesmo que pense que já conhece o final. Porque a melhor parte de uma viagem não é chegar ao destino; mas, sim, todas as coisas descontroladas que acontecem no meio do caminho.

Antes de começarmos, tem um histórico que você vai precisar conhecer. Primeiramente, Drew é um ótimo rapaz, um verdadeiro melhor amigo. Se fôssemos o grupo de artistas Rat Pack, ele seria Frank Sinatra, e eu, Dean Martin. Apesar de sermos próximos, Drew e eu não temos a mesma opinião sobre mulheres. Neste ponto em nosso conto, ele se vê solteiro pelo resto da vida, tem várias regras sobre nunca levar uma garota para seu apartamento, nunca sair com alguém do seu trabalho e a Regra Fundamental: nunca transar

com a mesma mulher duas vezes.

Eu, no entanto, não ligo para onde transo – pode ser na minha casa, na casa dela, no convés de observação do Empire State Building.

Aquela foi uma ótima noite.

Também não tenho nada contra sair com alguém do escritório. O único problema é que a maioria das garotas do serviço são estressadas, fumantes, viciadas em café e carregam um peso nas costas. Não tenho problema algum em sair com a mesma garota em diversas ocasiões, contanto que a diversão continue rolando. Algum dia, acho que vou me acalmar: vou casar, terei filhos, será o conjunto completo.

Mas enquanto procuro pela Senhora Certa? Vou aproveitando com todas as Senhoras Erradas.

Em segundo lugar, sou muito otimista. Nada me abala.

Minha vida é excelente, minha carreira me dá a possibilidade de ter os melhores brinquedos disponíveis para homens no mercado, tenho amigos maravilhosos e uma família estranha, porém adorável. O termo “emotivo” não está no meu vocabulário, mas meu sobrenome deveria ter sido “você vive apenas uma vez”.

Agora é a vez de Deloris Warren: a Dee, se você quiser que ela goste de você. Para os padrões atuais, é um nome diferente, mas que combina perfeitamente com ela. É uma mulher incomum, ou diferente, no bom sentido. É cruelmente honesta, ênfase para o “cruel”. Ela é forte e não dá a mínima para o que os outros pensam sobre ela. É verdadeira consigo mesma e não inventa desculpas para o que quer ou para quem é. Ela é selvagem e linda como um puro-sangue não domesticado que corre sem a sela.

Foi aí que quase fui pro caminho errado. Queria dominá-la.

Pensei que tivesse paciência para fazer isso, mas forcei a barra e puxei muito as rédeas, que foram quebradas por ela.

Está ofendida por eu ter comparado a mulher que amo a um cavalo? Supere, pois esta não é uma história que as pessoas comportadinhas curtirão.

Mas estou desviando o assunto. Lembre-se de que Kate Brooks é nossa colega de trabalho e melhor amiga de Deloris: a Shirley, para Dee Laverne. Em todos esses anos que conheço Drew – que são praticamente todos –, nunca o vi reagir a uma mulher como ele reage a Kate. A atração deles, apesar de ter sido praticamente antagônica no começo, era palpável. Qualquer um com olhos consegue perceber que os dois sentem uma atração forte um pelo outro.

Bom… Qualquer um, menos eles.

Kate, assim como Deloris, é uma ótima garota. O tipo de mulher que, nas palavras imortais de Eddie Murphy em *Um Príncipe em Nova York* , poderia despertar tanto o intelecto de um homem quanto sua carne.

Entendeu tudo isso? Ótimo. Então vamos começar a festa.

Minha vida mudou há umas quatro semanas. Em um dia normal e comum, quando conheci uma garota que era tudo, menos comum.



Quatro semanas antes – Matthew Fisher, Jack O'Shay, Drew Evans, esta é Dee-Dee Warren.

Amor à primeira vista não existe. É simplesmente impossível. Não queria acabar com sua fantasia, mas é assim que as coisas são. Ignorância pode parecer felicidade, mas quando você arranca a camada feliz, ainda resta apenas falta de informações.

Para realmente amar outra pessoa, você tem que conhecê-

la: suas esquisitices, seus sonhos, o que a irrita e o que a faz sorrir, seus pontos positivos, negativos e seus defeitos. Já ouviu aquela citação da Bíblia? Aquela que é sempre lida em casamentos: "O amor é paciente, o amor é gentil…"? Tenho uma versão própria: Amar é sentir falta do bafo de alguém no outro dia de manhã. Achar aquela pessoa bonita, mesmo que seu nariz esteja parecendo o de um palhaço e seu cabelo esteja parecendo um ninho de passarinho. Amar não é suportar os defeitos de uma pessoa, mas adorá-la por causa deles.

Já desejo à primeira vista, isso sim é real. E muito mais comum. Na verdade, quando a maioria dos homens conhece uma mulher, eles sabem já nos primeiros

cinco minutos em qual categoria elas estão: “transar, matar ou casar”. Para os caras, a categoria “transar” não significa muita coisa.

Queria poder te dizer que a primeira coisa que notei em Deloris foi algo romântico, como os olhos, o sorriso ou o som de sua voz, mas não foi. Foram seus peitos. Sempre preferi seios, e os da Dee eram fantásticos. Estavam com uma leve abundância em uma blusinha rosa escura, apertados para criar um decote um pouco aberto, moldados de um modo lindo em um casaco cinza de tricô.

Antes que ela dirigisse uma palavra para mim, estava cobiçando a comissão de frente de Deloris Warren.

Após bater um papo com Drew por um minuto, fiz com que ela prestasse atenção em mim: – Então, Dee-Dee… Seu nome é abreviação do quê?

Donna, Deborah?

Afetuosos olhos cor de mel viraram na minha direção.

Mas antes de responder, Kate desvendou o segredo.

– Deloris. É o nome da avó dela. Ela odeia.

Deloris olhou para Kate com raiva.

Se você quer causar uma boa impressão numa garota, é sempre bom apostar no humor. Isso mostra para uma mulher que você é hábil, esperto e confiante. Se você tem coragem, exiba-a.

É por isso que disse para a amiga de Kate: – Deloris é um lindo nome, para uma linda garota. Além disso, rima com *clitóris*… e disso eu entendo. Grande fã.

Como planejado, minha fala consegue uma reação instantânea. Ela sorri lentamente e passa um dedo no lábio inferior, pensativa. Sempre que uma mulher toca o corpo reagindo ao que um homem disse? É um bom sinal.

Em seguida, ela quebra o silêncio e diz para todos nós: – Bem, tenho que correr, preciso trabalhar. Prazer em conhecê-los, meninos.

Dee-Dee abraça Kate e pisca para mim. *Isso também é um bom sinal.* Observo-a ir embora e não deixo de reparar que a parte de trás é tão boa quanto a da frente.

Drew pergunta para Kate: – Ela precisa ir trabalhar? Pensei que os bares de strip-tease não abrissem antes das quatro.

Tenho que concordar. Depois de ter frequentado tantos bares, você começa a notar um padrão. As roupas que as mulheres usam, apesar de poucas, são semelhantes. É como se todas comprassem na mesma loja. E a Dee está definitivamente seguindo a vibração de stripper.

Apesar de ser apenas um pensamento meu, seria legal se ela fosse uma dançarina. Elas não são apenas flexíveis, mas também festeiras. Totalmente desinibidas. O fato de geralmente opinarem pouco sobre homens é outro ponto positivo. Porque isso significa que o ato mais simples de cavalheirismo será devolvido com extrema gratidão. E uma stripper grata resulta em sexo oral.

Mas Kate acaba com minhas esperanças.

– Dee não é uma stripper. Ela se veste desse jeito só para despistar as pessoas. Pra que fiquem chocadas ao descobrir com o que ela trabalha de verdade.

– O que ela faz? – perguntei.

– Ela é uma cientista espacial.

Jack lê minha mente.

– Você está de sacanagem.

– Não estou. Deloris é química. Um de seus clientes é a NASA. O laboratório dela está trabalhando para aprimorar a eficácia do combustível que eles usam nos ônibus espaciais – ela estremece. – Dee-Dee Warren tem acesso a substâncias altamente explosivas… não gosto nem de pensar nisso.

Agora minha curiosidade está quase tão forte quanto meu desejo. Sempre gostei do diferente – do exótico – nas mulheres, na música, em livros. Diferente do Drew, cujo apartamento é meticulosamente decorado, tenho tendência de procurar sempre por peças com alguma história. Mesmo que elas não combinem, algo que não seja tradicional é sempre interessante.

– Brooks, você tem que fazer algum esquema. Sou um bom garoto. Me ajude a sair com sua amiga. Ela não vai se arrepender.

Kate pensa por um momento e diz: – Ok, ajudo. Você parece ser o tipo de homem que ela gosta.

Ela me entrega um cartão e diz: – Mas tenho que te avisar. Ela é daquelas que não veem

problema algum em machucar alguém. Se você está procurando diversão por uma ou duas noites, então com certeza deve ligar para ela. Mas, se está procurando algo mais sério, aí eu ficaria longe.

Sei como Charlie se sentiu quando ganhou o último cupom dourado para a Fantástica Fábrica de Chocolate do Wonka.

Levanto da mesa e dou um beijo na bochecha de Kate.

– Você… é a minha nova melhor amiga.

Penso em abraçá-la também, apenas para zoar com a cara do meu parceiro, mas não quero correr o risco de levar um soco. Tenho planos para os meus neurônios. Eles têm que estar em boa forma.

Kate diz para Drew não fazer bico, e ele comenta algo sobre seus seios, mas nem estou escutando muito bem.

Porque estou muito ocupado pensando sobre aonde irei encontrar Deloris Warren para tomar um ou vários drinques, e em todas as atividades fantasticamente pervertidas que, com certeza, acontecerão.

Bom, foi assim que tudo começou. Não era para ser complicado. Não teve amor à primeira vista, não houve atos grandiosos, não tinha raiva no jogo. Era algo certo, momentos divertidos, uma transa de uma noite, com a opção de uma segunda vez. Isso foi o que Kate disse que a Dee curtia, e era tudo o que procurava. Tudo que pensei que fosse ser.

Elvis Presley estava certo. Os tolos realmente se apressam. E se você ainda não percebeu, eu sou a droga de um enorme tolo.

Capítulo 2

Muitas pessoas vivem para o emprego. Não porque precisam do dinheiro, mas porque suas profissões são quem eles são – o emprego lhes dá confiança, objetivos, talvez uma sensação de adrenalina. Nem sempre isso é ruim. O

escritório é o parquinho de um empresário, e o tribunal é como se fosse o lar de um advogado. E se eu precisar de um cirurgião? Somente um viciado em trabalho chegará perto de mim.

Dito isso, sou um agente de investimento em uma das empresas mais respeitadas e prestigiadas na cidade. Sou bom no que faço, ganho um bom salário e cuido bem dos meus clientes: mantenho-os felizes e faço novos. Mas não posso afirmar que amo meu serviço. Não é uma paixão.

Quando eu morrer, não vou sair por aí desejando ter passado mais tempo no escritório.

Quanto a isso, sou parecido com meu pai. Ele é comprometido com a empresa que criou com John e George, mas não deixa as obrigações interferirem em seu jogo de golfe. E ele é um homem de família antiquado – sempre foi.

Quando eu era mais jovem, o jantar era servido às seis horas em ponto. Toda noite. Caso não estivesse com minha bunda na cadeira daquela sala de jantar, era melhor eu estar no pronto-socorro ou teria que arcar com as consequências. A conversa no jantar era sempre sobre “O que você fez hoje?”, e “Nada” nunca era uma resposta aceitável. Sou filho único, então nunca tive irmãos para distraírem meus pais e eles pararem de ficar no meu pé. Meu velho conhecia muito bem as potenciais armadilhas de crescer rico na cidade de Nova York, então certificou-se de que eu me mantivesse longe de confusões.

Bom… na maior parte do tempo.

Toda criança deve se meter em alguma confusão. Ajuda a aprender a ser talentoso, pensar mais conscientemente. E se um adolescente não puder se divertir um pouco? Na faculdade ele com certeza ficará maluco, o que poderá ter consequências ruins.

Meu pai tinha três regras básicas: tire notas altas, não suje sua ficha criminal e mantenha o zíper da calça fechado.

Eu seguia duas de três. Nada mal, não?

Apesar de meu pai saber a importância de ter uma família e separar negócios de prazer, isso não significa que eu ganhe um passe livre na empresa porque sou seu filho. Na verdade, acho que ele exige muito mais de mim do que dos outros funcionários, para evitar quaisquer reclamações de favoritismo. Comportamento inapropriado no escritório é algo que ele nunca toleraria. Acabaria com isso igual ao filme *O Massacre da Serra Elétrica*.

É por esse motivo que meu pai e seus parceiros conseguiram construir um negócio tão bem-sucedido, porque cada um deles traz seus talentos individuais para a equipe. John Evans, o pai de Alexandra e Drew, é como o Face do *Esquadrão Classe A*. É o sedutor, o persuasivo – garante que os clientes estejam satisfeitos e que os funcionários estejam não apenas contentes, mas também entusiasmados. Tem também George Reinhart, o pai do Steven. George é o cérebro da operação. Meu pai e John não são ruins neste departamento, mas George é como o Stephen Hawking. É o único cara que conheço que realmente gosta do aspecto técnico e cheio de números do banco de investimentos.

E aí tem meu pai, Frank, que é o músculo. O intimidador. É

um homem de poucas palavras, ou seja, quando ele fala, é melhor que você esteja escutando, porque ele está dizendo algo que vale a pena escutar. E não tem problema algum em demitir pessoas. Meu pai faz o Donald Trump parecer uma gatinha. Não importa se você é o único ganha-pão da família ou uma grávida em seu último trimestre; se não está trabalhando direito, está ferrado. Ele não se comove com lágrimas, e é raro que dê uma segunda chance. Desde quando eu era criança, ele dizia: “Matthew, família é família, amigos são amigos, e negócios são negócios. Não os confunda”.

Apesar de ele ser durão, é sempre justo. Honesto. Se você seguir pelo caminho certo, não terá problema algum. Eu sempre ando pelo caminho certo. Não porque prefiro ter meu emprego, mas porque… nunca gostaria de decepcionar meu velho. Infelizmente, essa atitude se tornou rara. Tantos idiotas estão andando por aí sem o intuito de deixar seus pais orgulhosos – mas foi assim que eu, Drew, Alexandra e Steven fomos educados.

De qualquer modo, vamos voltar à história real.

Depois do almoço com os caras, passei o restante da tarde na minha mesa,

esboçando um contrato e conversando com clientes ao telefone. Por volta das seis, estava arrumando as coisas para ir embora quando Steven chegou tagarelando na minha porta.

– Adivinha quem passou o almoço na companhia de jogadores furiosos esperando na fila para o mais novo lançamento?

Guardo uma pasta na mala para uma leitura não muito agradável antes de dormir. Se você não quer viver uma vida preso a uma cadeira, saber gerenciar o tempo é superimportante.

Respondo: – Você?

Ele sorri e concorda.

– Acertou em cheio, mano. E veja o que consegui.

Ele levanta um pacote quadrado embrulhado em celofane.

Na época do meu pai, os caras costumavam se juntar para fazer uma viagem para pescar ou tomavam bebidas no bar da cidade para relaxar depois de um longo dia de trabalho. Mas o que o Steven está segurando é mais viciante do que álcool e muito mais divertido do que pescar.

É a última edição de *Call of Duty*.

– Legal – pego o disco de sua mão e dou uma olhada, verificando os gráficos atualizados que parecem reais.

– Está a fim de uma missão hoje à noite? Umas nove horas?

Caso você não saiba, Steven é casado. E ele não é apenas casado, ele é casado com Alexandra-antigamente-Evans, também conhecida como A Vaca. Mas você não escutou a última parte sair da minha boca.

Se uma esposa normal é um fardo, Alexandra é um carro de combate. Ela mantém Steven preso, não o deixa sair para os bares nas noites de sábado e só deixa ele ir para uma noite de pôquer uma vez por mês. Apesar de Steven não ser o tipo de cara que procura por um caso amoroso, Alexandra acha que sair conosco, seus amigos solteiros e desimpedidos, é uma má influência para seu

marido. E ela provavelmente está certa.

Mas, como qualquer bom diretor sabe, você só consegue restringir os presidiários um pouco. Você pode deixá-los presos em uma cela por dez horas em um dia, pode banir o banho de sol, mas se tentar tirar seus cigarros, uma grande revolta cairá em suas mãos.

O Xbox é um vício permitido para Steven. Contanto que seu momento de diversão não atrapalhe sua filha, Mackenzie, depois que ela for dormir. Teve uma vez em que Steven se empolgou um pouco demais em uma emboscada e acordou Mackenzie. Ficou preso em cativeiro por uma semana. Lição aprendida.

– Sim, cara, pode me incluir nessa – devolvo o jogo.

– Legal. Te vejo às nove.

Ele me cumprimenta e vai embora.

Pego a pasta e a mochila da academia e saio um pouco depois. A caminho do elevador, dou uma passada na sala de Drew.

Ele estava inclinado na mesa cheia de papéis, fazendo anotações com uma caneta vermelha em um documento.

– Oi.

Ele olha para cima: – Olá.

– Xbox esta noite, nove horas. Steven conseguiu o novo *Call of Duty*.

Com a atenção voltada ao papel, Drew diz: – Não posso. Vou ficar por aqui até umas dez, pelo menos.

As pessoas que mencionei que vivem pelo trabalho? Drew Evans é esse tipo de pessoa.

Mas isso funciona pra ele. Ele não é um funcionário desarrumado e estressado, é totalmente o oposto. Drew gosta honestamente de um trabalho maçante, ele se empolga negociando um acordo, mesmo se for algo difícil de ser vendido. Porque ele sabe que consegue fechar, sabe que provavelmente é o único que

consegue.

Bom… até uma certa mulher morena ter se juntado às nossas classificações.

Olho no corredor para a sala de Kate. Ela está em sua mesa, idêntica ao Drew – mas muito mais gostosa.

Me apoiando na cadeira, digo: – Você ficou sabendo que Kate está quase conseguindo a conta da Pharamatab?

Ainda sem olhar pra cima, ele resmunga, ranzinza: – Sim, fiquei.

Sorrio.

– É melhor você se esforçar mais, cara. Se ela fechar esse acordo, seu pai vai ficar tão doido, que eu não ficaria surpreso se ele a adotasse, e incesto, mesmo entre irmãos adotados, é ilegal em Nova York.

Encher o saco: é pra isso que servem os amigos. É a mesma coisa quando as mulheres jogam aqueles beijos no ar. Um sinal de afeto.

– Mas acho que incesto não seria uma opção de qualquer maneira, do jeito que ela tem te deixado para trás.

– Vai se foder.

Rio.

– Esta noite não, querido. Estou com dor de cabeça – ando até a porta. – Boa noite.

– Até mais.



Após sair do escritório, entro no metrô, como faço todos os dias depois do serviço, para ir à academia, que fica no Brooklyn, um lugar para levar apenas o básico. Algumas pessoas o chamam de lixo, mas para mim é um diamante numa desordem. O chão é resistente e sujo, e sacos de pancada vermelhos desgastados preenchem a parede dos fundos. Há pesos empilhados na frente de um espelho

rachado, uma caixa de leite cheia de cordas ao lado da máquina de remo seco de lona. Não há donas de casa entediadas com roupas de elastano que vão apenas para encontrar algum homem ou para mostrar seus últimos lançamentos de cosméticos. Não há elípticos ou esteiras modernas como aquelas encontradas na sala de musculação do prédio. Venho aqui para suar e alongar meus músculos até o máximo, praticando exercícios calistênicos com garantia comprovada. Mas venho, principalmente, para o ringue de boxe no centro da academia.

A primeira vez que assisti *Rock y* eu tinha doze anos. O

filme se passa na Filadélfia, mas podia ter sido em Nova York. Desde então, me tornei um fã de boxe. Não vou parar de trabalhar durante o dia para treinar até conseguir um título de peso-pesado ou algo do gênero, mas não há treino melhor do que alguns *rounds* dentro do ringue contra um oponente digno.

O dono da academia é Ronny Butler, um cara na casa dos cinquenta anos, com barba por fazer, vestindo moletom cinza, com um grosso crucifixo de ouro no pescoço lá no canto do ringue, que está gritando críticas para os dois parceiros de luta dançando ao seu redor. Ronny não é um Mickey, mas é um bom homem e um treinador ainda melhor.

Com o passar dos anos, consegui juntar algumas informações que ele deixou escapar quando eu era o último aqui antes de fechar. No fim dos anos 1980, Ronny era um homem importante na Wall Street, vivia o sonho americano.

Numa noite de sexta-feira, ele e sua família estavam indo a Hamptons para passar o final de semana. Ele acabou ficando preso no trabalho, por isso a viagem começou mais tarde.

Nela, o motorista de um caminhão estava sonolento e acabou dormindo no volante, aí voou pelo canteiro até o trânsito na direção contrária e bateu de ponta-cabeça na BMW de Ronny. Ele acabou saindo do acidente com apenas uma concussão e o fêmur despedaçado. Já sua esposa e filha não conseguiram sobreviver.

Ronny passou alguns anos se afogando em bebidas, outros se tornando sóbrio. Depois, usou o dinheiro do acordo para comprar este local. Não parece estar ressentido ou triste, mas também não parece feliz. Acho que a academia dá forças para ele continuar, dá uma razão para ele levantar de manhã.

– Afaste-se, Shawnasee! – grita Ronny para o lutador que está com seu parceiro de luta preso nas cordas, esmurrando suas costelas. – Não estamos em Las Vegas, pelo amor de Deus, deixa o cara respirar.

Aquele menino Shawnasee é um idiota. É um jovem de cabeça quente, o tipo de idiota que sairia do carro para bater em alguém que lhe deu uma fechada em alguma avenida.

Esta é outra razão por que gosto de boxe, é a oportunidade perfeita para colocar idiotas em seus lugares sem ser acusado de agressão. Shawnasee tem me provocado para ir ao ringue com ele há alguns meses, mas não tem graça lutar com alguém com uma técnica muito ruim. Ele pode bater muito forte, mas não tem chance alguma de ganhar. Estou esperando Shawnasee ficar melhor, aí sim vou acabar com a cara dele.

Ronny me vê depois que separa os lutadores e me cumprimenta com um aceno. Depois volto ao vestiário, troco de roupa e bato no saco por meia-hora. Em seguida, uso a máquina de remo seco até meus bíceps começarem a gritar e minhas pernas parecerem gelatinas. Termino pulando corda por dez minutos, o que parece fácil, mas não é. Tente pular corda pela metade deste tempo e aposto que você pensará que está tendo uma parada cardíaca.

Quando o ringue esvazia, entro e faço três rodadas contra Joe Wilson, um advogado do centro com quem já lutei antes.

Joe aguenta uma boa luta, mas a sessão claramente fica melhor para o meu lado. Depois, batemos as luvas de forma

respeitosa, volto ao vestiário e pego minhas coisas.

Cumprimento Ronny com um tapa nas costas ao sair e corro até o metrô para pegar o trem até minha casa.

Não tenho vergonha de falar que foram meus pais que compraram meu apartamento depois da faculdade. Naquela época, eu não podia arcar com este lugar. A localização é ótima, dá para chegar ao escritório andando e tem uma vista impressionante do Central Park. Como eu moro aqui desde a época da faculdade, pode-se dizer que falta aquela qualidade estilosa que você esperaria ver na casa de um empresário bem-sucedido. Dê uma olhada.

Sofás de couro preto ficam em frente a uma televisão enorme com um sistema de som top de linha e jogos posicionados nas prateleiras de vidro embaixo da televisão.

A mesa de centro também é de vidro, mas está lascada nas pontas por causa dos anos de contato com pés e garrafas de vidro. Uma pintura sombria do topo de uma montanha, feita por um renomado artista japonês, está em uma parede, e minha coleção premiada de bonés de beisebol antigos está do outro lado, presa por ganchos. Uma vitrine iluminada empoeirada está no canto, mostrando o prêmio de cristal com as palavras Excelência em gerência de investimento gravadas, recebido ano passado… e o verdadeiro capacete de Boba Fett que foi usado durante a filmagem de *O Império Contra-Ataca*. Estantes embutidas de madeira escura estão enfileiradas com itens colecionáveis de esportes, livros sobre arte, fotografia e banco, e quase uma dúzia de porta-retratos mal combinados com fotos da família e de amigos das melhores épocas da minha vida. Fotos que eu mesmo tirei.

Um dos meus hobbies é fotografar. Você saberá mais sobre isso logo.

Na sala de jantar, em vez de um imprestável conjunto formal de mesa e cadeiras, coloquei uma mesa de sinuca e um jogo de fliperama do *Space Invaders*. Mas minha cozinha está completamente arrumada: balcões pretos de granito, chão de mármore, aparelhos de aço inoxidável e utensílios de cozinha que Emeril teria orgulho em ter. Gosto de cozinhar, e sou bom nisso.

Homem se conquista pelo estômago – mas também é a rota mais direta até as calças de uma garota. Para as mulheres, um cara que sabe cozinhar é um ótimo ponto positivo. Convença-me do contrário.

Enfim, meu apartamento é ótimo. É amplo e confortável, impressionante sem ser intimidador. Depois de tomar uma ducha no chuveiro de três jatos, dentro de um box de vidro, me seco e passo um minuto olhando o reflexo do meu corpo no espelho. Meu cabelo castanho claro está escuro porque está molhado e arrepiado em alguns ângulos estranhos feitos pela toalha. Preciso cortar, ele fica muito enrolado se deixo-o crescer demais. Esfrego a barba do meu rosto quadrado, mas não estou a fim de apará-la. Viro-me e flexiono meu bíceps, orgulhoso de meus músculos salientes.

Não sou volumoso como Popeye, mas sou justo, definido e poderoso, sem um

centímetro para beliscar do meu tanquinho, para não dizer uma polegada.

Ficar me olhando no espelho pode parecer besteira para você, mas, acredite em mim, todos os homens fazem isso.

Apenas não gostamos de sermos pegos. Quando você dedica tanto tempo ao seu corpo como eu, a recompensa faz tudo valer a pena.

Coloco uma cueca boxer de seda, depois esquento em uma tigela o que sobrou do macarrão e frango. Não sou italiano, mas comeria isso todo santo dia se pudesse. Termino de lavar a louça umas oito e meia. Sim, sou um homem que lava sua própria louça.

Mulheres, podem ficar com inveja, sou uma espécie rara.

Em seguida, pulo na minha maravilhosa cama king size e pego o cupom dourado do bolso da calça que acabei de tirar.

Tamborilo as letras no papel-cartão verde brilhante.

DEE WARREN QUÍMICA COMBUSTÍVEIS LINTRUM

Lembro da pele suave e macia que se avolumava do decote de sua apertada camisa rosa. Meu pau se contrai; acho que ele também se lembra.

Normalmente, eu esperaria um ou dois dias para ligar para uma garota como Deloris. Tempo é essencial. Parecer muito interessado é um erro de novatos – as mulheres gostam de ser rodeadas por cachorrinhos, não por homens.

Mas já estamos na noite de quarta-feira e quero encontrar com a Dee na sexta. O século xxi é a era do *Talvez ele não esteja tão a fim de você*, *Namoro para principiantes* e *O*

guia de encontros para namoradas, ou seja, não é tão fácil chamar uma gatinha para sair como antigamente. Agora existe um milhão de *regras* que acabei descobrindo do jeito mais difícil.

Por exemplo, se um cara quer te encontrar na mesma noite que ele te ligar, você deve dizer “não”, porque isso significa que ele não te respeita. E, caso ele queira te levar para algum lugar numa terça-feira, é um sinal de que ele já tem algum

plano melhor para o sábado.

Tentar ficar em dia com os decretos que estão em constante mudança é mais difícil do que acompanhar a porcaria do debate sobre saúde no Congresso. É como um campo minado: dê um passo errado e seu pinto não vai fazer muita coisa durante um bom tempo. Mas, se transar fosse algo fácil, todo mundo estaria fazendo isso. Isso… e provavelmente mais nada.

Isso me leva ao meu próximo pensamento: as feministas sempre reclamam que os homens estão sempre no controle.

Mas quando é algo relacionado a um encontro – nos Estados Unidos, pelo menos? – não é bem isso que acontece. Nos bares, aos finais de semana, sempre são as mulheres quem escolhem. Elas podem escolher quem quiserem, pois sabem que homens solteiros nunca irão recusar uma saidinha.

Imagine: a música está tocando alto, os corpos estão se encostando e uma mulher razoavelmente bonita se aproxima de um cara que está tomando uma bebida no bar. Ela diz: “Quero te comer todinho”. Ele responde: “Não, não estou a fim de transar esta noite”. Lembre-se: UM HOMEM *NUNCA* DIRÁ ISSO.

As mulheres nunca precisam se preocupar em levar um fora – é claro, se elas não estiverem também tentando pegar algo muito fora de seu alcance. Nunca precisam ficar estressadas pensando em quando vão ter sorte. Para as mulheres, o sexo é um bufê *self-service* – elas apenas têm que escolher um prato. Deus criou os homens com um desejo de sexo muito forte para garantir a sobrevivência da espécie. Crescei e multiplicai-vos e tudo mais. Para caras como eu, que sabem que merda estão fazendo, não é muito difícil. Mas para meus irmãos não tão espertos, conseguir alguma coisa pode ser uma tarefa desencorajadora.

Um leve toque de adrenalina flui sobre mim assim que pego o telefone para discar o número que está no cartão.

Não que eu esteja nervoso, é mais uma… ansiedade prudente. Minha mão tamborila *Enter Sandman* do Metallica na perna no momento certo e meu estômago se aperta conforme o telefone disca.

Acho que ela vai se lembrar de mim. Afinal, causei uma boa impressão e acredito que ela gostará de um encontro, talvez até fique empolgada. O que não

espero é sua voz entrando com tudo em meu ouvido, quando ela grita: – Não, idiota. Não quero escutar a música de novo! Ligue para a Kate se você precisa de uma plateia!

Afasto o telefone um pouco do ouvido e verifico o número para garantir que é o correto, e é.

Então, digo: – Hã… alô? É a Dee?

Sinto uma pausa quando ela percebe que não é o idiota.

Em seguida, ela responde: – Sim, é a Dee. Quem está falando?

– Oi, é Matthew Fisher. Trabalho com a Kate. Nos conhecemos no restaurante hoje à tarde.

Mais uma pausa rápida, aí sua voz suaviza: – Ah, claro. O cara do clitóris, certo?

Sorrio por dentro, sem saber se realmente gostei do apelido, mas pelo menos deixei minha marca. Lembrete: tenho que falar aquilo novamente.

– Isso mesmo.

– Foi mal pelos gritos. Meu primo está atrás de mim o dia inteiro.

Meu pau se mexe com esta conversa, e tenho que me controlar para não me oferecer para trocar de lugar com o primo dela.

– O que posso fazer por você, Matthew?

Minha imaginação enlouquece e se enche detalhes. *Ah, as coisas que ela pode fazer…*

Por um instante, fico pensando se ela está falando desse jeito de propósito ou se sou eu o pervertido.

Não me arrisco.

– Será que você gostaria de sair algum dia? Para tomar algo?

Vamos interromper um pouco aqui. Porque, apesar das minhas reclamações

sobre as complexidades modernas que os homens enfrentam tentando sair com alguém, acho que é meu dever tentar educar outras pessoas – botar tudo pra fora – sobre como decodificar a linguagem masculina. Pense em mim como uma versão mais atraente de Edward Snowden ou Julian Assange. Talvez eu devesse abrir o meu próprio site, que se chamaria *Dick iLeak s*. Pensando bem, esse nome é uma porcaria. Parece com algum sintoma de DST.

Lembra daquele jogo mental "transar, matar ou casar" que mencionei? Se um homem te oferecer uma bebida ou perguntar se você quer ir pra algum lugar, você está honestamente na categoria "transar". Não, não adianta discutir, esta é a verdade. Se um cara te chamar para um encontro ou um jantar, ou talvez até para ir ao cinema, você provavelmente está na categoria "transar", mas tem potencial de subir para uma melhor.

Não precisa responder à proposta de um cara se baseando nessa informação, mas achei que era bom você saber disso.

Agora voltemos à conversa telefônica.

Consigo escutar um sorriso em sua voz quando ela aceita meu convite.

– Sempre estou excitada para beber algo.

Excitada. Mais indiretas sexuais. Com certeza isso não está vindo da minha imaginação. Eu, *com certeza*, vou transar.

– Legal. Que tal sexta-feira?

Por um momento, tudo fica silencioso, até que ela sugere: – O que acha desta noite?

Uau. Acho que Deloris Warren pulou o capítulo que pede um aviso prévio de dois dias para todas as propostas de sacanagem.

Bom pra mim.

E depois explica.

– Sabe, vai que tem um apagão, um racionamento de água ou alienígenas finalmente decidem invadir e fazer a raça humana escrava…

Isso é algo que nunca ouvi antes.

– Aí estaríamos com um maldito azar. Por que esperar até sexta-feira?

Gosto de como esta garota pensa. E o discurso continua…

– Não deixe pra amanhã o que você pode fazer hoje.

Ou… algo parecido.

– Pra mim está ótimo hoje à noite – concordo prontamente.

– Que horas?

Algumas garotas demoram mil anos para se arrumar. É

completamente irritante. Se arrumar para a academia ou a praia não deveria demorar tanto, garotas.

– O que acha daqui a uma hora?

Dois pontos para Dee: lindos peitos *e* pouca manutenção.

Acho que estou apaixonado.

– Ótimo. Onde você mora? Passo aí e te pego.

Meu prédio tem um estacionamento privado para os inquilinos. Muitos nova-iorquinos gastam uma grana por mês para pagar estacionamento e acabam *não* dirigindo seus carros por causa do trânsito da cidade. Não me importo com o congestionamento de carros, sempre saio antes. Como disse, gestão de tempo é a chave do sucesso.

Além disso, não tenho um carro. Dirijo uma Ducati Monster 1100 S personalizada. Não sou daquele caras que querem ter carrões e se juntar a rachas, mas dirigir é um o u t ro *hobby* meu. Poucas coisas na vida são tão boas quanto dirigir por uma rodovia livre em um dia de outono frio, com o céu azul e as folhas começando a mudar. É o mais próximo que um ser humano pode chegar de voar.

Saio de moto sempre que tenho a oportunidade. Às vezes uma garota reclama de

estar com frio ou de estar bagunçando seu cabelo, mas, depois de tudo dito e feito: mulheres adoram motocicletas.

Deloris responde: – Humm… o que acha de eu te encontrar?

Jogada esperta para uma mulher solteira. Do mesmo jeito que você não forneceria o número da sua previdência social *on-line*, você também não passa seu endereço para algum cara que acabou de conhecer. O mundo está todo fodido, e as mulheres, principalmente, devem fazer de tudo para garantir que algo de ruim não chegue até a sua porta.

Mas, infelizmente, isso também significa que a moto vai ficar em casa esta noite. Um pouco triste com isso.

– Pode ser, vamos nos encontrar.

Antes de sugerir um lugar, Dee toma partido.

– Conhece o Stitch’s, na West 37?

Conheço. É um lugar discreto, com boas bebidas, música ao vivo e um salão confortável. Por ser uma noite de quarta-feira, provavelmente não estará lotado; no entanto, nenhum bar em Nova York fica vazio.

– Sim, conheço.

– Ótimo. Te vejo daqui mais ou menos uma hora.

– Legal.

Depois de desligarmos, não me arrumei rapidamente. Não demoro para escolher minhas roupas como alguns jovens profissionais semiassexuados, mas também não sou relaxado. Consigo ficar pronto para sair em exatos sete minutos. Então, pego a pasta de dentro da maleta e aproveito o tempo extra para terminar de ler o que tinha planejado antes de ir pra cama. Porque parece que não vou entrar por baixo daqueles lençóis muito cedo e, quando entrar, com certeza não estarei sozinho.

Capítulo 3

Chego mais cedo no Stitch’s. Bebo uma cerveja no bar e depois saio para fumar uns cigarros. Sim, sou fumante.

Saque o martelo e os pregos e comece a crucificação.

Sei que não é saudável. Não preciso ver os órgãos internos de pacientes que morreram de câncer naqueles comerciais horríveis para saber que é um hábito ruim – *obrigado, prefeito Bloomberg.* Sair de um lugar não me faz deixar de acender um, apenas me deixa puto. É

inconveniente, mas não é um impedimento.

Mas entendo isso. Não jogo minhas bitucas na rua, não assopro a fumaça no rosto de idosos ou crianças. Alexandra iria, literalmente, cortar minha garganta se, um dia, eu acendesse um perto de Mackenzie. Literalmente.

Mas planejo parar… um dia.

Por enquanto, o dano a longo prazo que devo estar fazendo a meus pulmões fica em segundo lugar, já que eu gosto de fumar. É gostoso. Simples assim. E você pode ficar com seus pretzels de bar, porque nada fica melhor com uma cerveja gelada do que um cigarro. É tão bom quanto o bom velho e sanduíche que uma mãe prepara.

Apago meu cigarro na parede do prédio e jogo-o na lata de lixo na rua. Depois coloco balas na boca. Porque, como disse, eu entendo. Não sei se Dee é uma pessoa que curte fumantes ou não, mas ninguém quer enfiar a língua na boca de outra pessoa e sentir gosto de cinzeiro. E ter a língua da Dee na minha boca… entre outros lugares… está, com certeza, nos planos das festividades desta noite.

Volto para dentro do bar e peço uma segunda cerveja.

Dou um gole e percebo a porta da frente se abrindo.

Observo-a entrar.

Se achei Deloris gostosa esta tarde? Acho que preciso ir ao oftalmologista. Porque ela é muito mais do que isso.

Seu cabelo loiro-avermelhado está solto, ondulado nas pontas, sem cair no rosto

por causa de uma tiara grossa preta. Uma jaqueta preta, parecida com um terninho, está cobrindo seu corpo, e ela veste por baixo uma blusa do tipo tomara que caia com um decote profundo. Quase não dá para ver o short branco curto por baixo da jaqueta, que revela pernas longas, grossas e torneadas. Ela completa o visual com saltos altos, finos e brancos. Um batom vermelho ressalta sua boca.

Ela está bonita – surpreendentemente linda. Se você colocá-la em uma fotografia preta e branca, Dee facilmente poderia participar de uma campanha da Calvin Klein. Seu cartão comercial não é aquele cupom dourado do Charlie, mas sim da loteria, e acabei de acertar em cheio.

Ela dá uma olhada no local e me vê da porta. Aceno, tranquilo. Ela dá um sorriso, mostrando seus dentes retos e brilhantes.

– Oi – diz ela ao se aproximar.

– Oi. Esta jaqueta ficou boa em você.

Não tem como errar algo começando com um elogio.

Mulheres amam ser paparicadas.

Seu sorriso se torna uma risadinha maliciosa quando ela provoca: – Deixe-me adivinhar: mas eu ficaria melhor sem ela?

Rio.

– Não ia dizer isso. Nunca diria algo tão cafona – encolho os ombros –, ia dizer: “Iria ficar ainda melhor no chão do meu quarto”.

Uma risada forte e alta escapa de sua garganta: – É, pois isso não é nada cafona.

Puxo um banco do bar e ela senta.

– Qual é seu veneno? – pergunto.

Sem pausar, ela responde: – Martini.

– Forte?

– Gosto dos meus Martinis do mesmo jeito como gosto das minhas transas – ela

pisca, me paquerando. – Forte é sempre melhor.

Sim, com certeza estou apaixonado.

O barman vem até nós, mas antes de eu poder pedir para ela, Dee começa a dar algumas instruções específicas de como quer que seu drinque seja feito.

– Um pouco de gim, bem forte no vermute, apenas uma pitada de suco de azeitona…

O garçom com cara de criança e uma camisa xadrez, que não aparenta nem ter vinte e um anos, parece perdido. Dee percebe e levanta.

– Sabe de uma coisa, deixa eu te mostrar, será mais fácil.

Ela vira, pula no balcão do bar e passa as pernas pelo topo, enquanto eu discretamente tento ver algo por baixo de seu short. Se ela estiver com alguma roupa íntima, provavelmente deve ser só a calcinha.

Meu pau processa a informação se estirando em meu jeans, esperando conseguir ver algo também.

Dee levanta no lado de dentro do balcão e rapidamente mistura seu drinque, explicando cada movimento para o imperturbável barman. Ela joga uma azeitona no ar e pega-a com a boca como uma especialista, antes de afundar o palito com duas azeitonas dentro da taça cheio de líquido.

Ela coloca-a no balcão e gesticula com a palma da mão aberta.

– Pronto, o perfeito Martini Forte.

Sempre achei que dá para conhecer muito bem uma pessoa de acordo com o que ela bebe. Quem bebe cerveja costuma ser despreocupado, tranquilo ou barato, dependendo da marca. Quem gosta de vinho costuma ser imaturo ou nostálgico. Quem bebe Cristal e Dom Pérignon é exibido e faz de tudo para impressionar – tem muitos champanhes que são tão caros e requintados quanto esses, mas menos conhecidos.

O que este tipo de bebida que a Dee escolheu me diz sobre ela? Ela é complicada, com gostos muito específicos, porém refinados. Também é sincera,

atrevida sem ser irritável. O tipo de garota que pode mandar de volta para a cozinha um bife que não foi bem feito, porém falando de um jeito que não faz com que o garçom cuspa na comida.

O barman arqueia a sobrancelha e me dá um olhar amigável.

– Ei, cara, que mulher ativa, hein!

Enquanto Dee pula o balcão novamente, digo: – Parece que sim.

Quando Deloris já está novamente sentada no banco, comento: – Aquilo foi demais. Bom, acho que você entende bastante de microgestão, né?

Ela engole a bebida.

– Trabalhei como garçonete durante a faculdade, o que me fez ser muito exigente com meu veneno.

Arrasto a cerveja e começo o bate-papo da noite.

– Kate me disse que você é química. Como é isso?

Ela acena.

– É como brincar com um conjunto de química todos os dias e ser paga para isso. Eu adoro analisar as coisas, quebrá-las em componentes menores, depois ferrá-las um pouquinho. Ver com quais outras substâncias elas se dão bem… ou não. A parte negativa pode ser bem interessante.

Meio que faz eu me sentir como se estivesse em um esquadrão de bombas – ela mexe a azeitona no copo. – Você é bancário?

Concordo.

– Mais ou menos.

– Isso não parece nada empolgante.

Mexo a cabeça da esquerda para a direita levando em conta seu comentário.

– Depende da perspectiva. Alguns acordos são apostas bem interessantes.

Ganhar dinheiro nunca se torna entediante.

Dee se vira na cadeira, me olhando.

Linguagem corporal é importante. Normalmente, os movimentos de uma pessoa são inconscientes, mas entender os sentimentos por trás deles pode tanto te guiar até a Terra Prometida quanto te impedir de entrar no Céu. Se uma garota cruzar os braços ou se afastar, isso geralmente significa que você está forçando a barra ou que ela não está interessada no que você está vendendo. Contato visual, braços soltos, atenção frontal completa são sinais garantidos de que ela está na sua e quer mais.

Seus olhos rapidamente medem meu corpo, da cabeça aos pés.

– Você não parece um bancário.

Sorrio.

– Como um bancário se parece?

Ela analisa os outros clientes no bar e no local. Encara um homem de meia-idade e careca que está usando um terno barato, encurvado, segurando um uísque duplo, com cara de que perdeu a poupança em alguma crise no mercado de ações.

Dee aponta para ele com o dedo mindinho, com unhas pintadas de vermelho.

– Igual a ele.

– Ele parece um agente funerário. Ou um pedófilo.

Ela ri e termina o resto do Martini.

Me inclinando para mais perto dela, pergunto: – Se não pareço um bancário, com o que pareço?

Ela sorri devagar e arranca a azeitona do palito com os dentes.

– Você parece um gogo boy.

Resposta brilhante. Não preciso nem dizer por quê, né?

Com uma voz baixa e sedutora, digo: – Sei dançar uns passos muito bem. Se não der certo como bancário, acho que ser gogo boy será meu plano B.

Gesticulo para o barman pedindo uma segunda rodada.

Deloris o observa de perto, e acho que ele não errou muito, porque ela sorri quando ele coloca a bebida em sua frente.

Em seguida, ela diz para mim: – Então… seu amigo Drew, ele tem dado trabalho para a minha amiga. Não está sendo muito esperto.

– Drew tem um comportamento estranho com relação à competição. Ele adora, mas acaba ficando muito irritado.

Kate também não está pegando leve. Ela leva todas as suas armas para o escritório. Acho que podia guardá-las.

– Bom, pode lhe dizer que ele devia prestar atenção onde pisa. Cuido muito da Katie. Nós, de Ohio, cuidamos uns dos outros.

– Mas você está em Nova York agora. Aqui somos "cada um por si". É o segundo lema do estado, logo depois de "a cidade que nunca dorme".

Seus olhos brilham ao rir. E acho que o primeiro drinque já está fazendo efeito.

– Você é um fofo.

Abaixo a cabeça, fingindo estar frustrado.

– Ótimo. *Fofo*. O adjetivo que todo homem gostaria de escutar.

Ela ri novamente, e estou impressionado com o quanto estou me divertindo. Dee Warren é uma garota legal: sem restrições, esperta e engraçada. Mesmo se eu não conseguir ficar com ela, a noite não terá sido totalmente perdida.

Isso não significa que não estou morrendo de vontade de tirá-la daqui e ver o que – ou, de preferência, o que não – está por baixo daqueles mini-shorts. Mas seria o mesmo que colocar glacê em um bolo que já é gostoso.

Mudo de assunto, voltando ao bate-papo.

– Você é de Ohio?

Ela experimenta o drinque e acena.

– Sim, de uma típica cidade americana no meio do nada.

– Humm, não gosta muito de lá?

– Não, Greenville foi uma ótima cidade para crescer, mas parece o Hotel California. As pessoas costumam se hospedar lá, mas quase nunca vão embora. Se o sonho da sua vida é casar e ter filhos, é o melhor lugar para morar.

Mas… isso não era o que eu queria.

– O que você quer, Dee?

Ela pensa por um minuto antes de responder.

– Quero… vida. Coisas novas. Descoberta. Mudança. É

por isso que adoro a cidade. É viva, nunca fica estagnada.

Você pode andar por um quarteirão e voltar lá uma semana depois e, com certeza, ele estará completamente diferente.

Novas pessoas, vistas e cheiros – os cheiros nem sempre são bons, mas é um pequeno preço a se pagar.

Rio.

Em seguida, ela continua.

– Minha mãe costumava dizer que eu a lembrava de um cão na coleira que nunca aprendeu a se comportar. Sempre se esticando na corrente, querendo se soltar. Tem uma mús ica *country* com uma letra que eu curto: “Não quero nada fácil, quero algo louco” – ela encolhe os ombros, um pouco tímida. – Essa sou eu.

Tudo o que ela diz faz parte do que mais gosto na cidade em que cresci. A vida é muito curta para não aproveitar, para ficar sempre na mesma.

Meu celular vibra, mas ignoro. Olhar no telefone no meio da conversa, mesmo

que seja apenas em uma saidinha, é muito rude. De baixo nível.

Dee pergunta qual é o meu signo, mas faço ela dizer o seu primeiro. Algumas pessoas realmente gostam de signos, já fui dispensado mais de uma vez por uma leonina ou uma aquariana, porque ficaram horrorizadas ao descobrirem que sou capricorniano. Desde então, não me importo de mentir minha data de nascimento se precisar.

Nesse caso, não precisei. Dee é escorpiana, e dizem que o sexo com capricornianos é supergostoso. Pessoalmente, acho que tudo isso é um monte de merda. Mas, se você quer brincar, tem que conhecer as regras do jogo. Inclusive os possíveis problemas.

Dee toma seu segundo drinque conforme a conversa se direciona para família e amigos. Sem se aprofundar muito, ela conta sobre o Billy, o primo que mais parece um irmão, e a mãe solteira que os criou. Ela menciona a amizade interminável com Kate Brooks e alguns incidentes surpreendentes de descontrole na adolescência que são muito vergonhosos para *não* mencionar para Kate amanhã no escritório.

Conto a ela sobre Drew, Steven e Alexandra, e como crescer com eles me salvou de me sentir como um filho único. Falo sobre a criança mais legal de quatro anos que conheço, a Mackenzie, e que eu passearia com ela todos os dias da semana se pudesse.

Ao terminar minha quarta cerveja, já haviam se passado duas horas e meia. Dee vai ao banheiro, então mexo rapidinho no celular.

Recebi seis mensagens de texto. Todas do Steven.

Merda. *Call of Duty.* Esqueci.

Elas variam em diversos níveis de pânico. Quer ver?

Cara vc tá atrasado, vou começar s/

vc.

Caramba, mano, estou na merda e em desvantagem. Cadê vc, porra?

Cadê a merda da ajuda aérea? Meus homens estão morrendo aqui!

Não vou sair assim, vou levar comigo quantos conseguir. Ahhhh!

Muito obrigado, idiota. Morri. Se vc der em cima da minha viúva, vou te assombrar.

E, por fim, a última apenas diz: **Filho da puta.**

Rio alto e envio uma mensagem pedindo desculpas, contando a ele que algo, de repente, surgiu. Steven é bom em decifrar códigos: **Quer dizer que seu pau de repente surgiu. E aquela história de amigos antes de mulheres? Você me deve uma.**

Espero pagamento na forma de babá para que eu possa levar minha mulher para algum lugar… ou ficar com ela aqui. ;) Na minha opinião, acho que ele já passa muito tempo com a esposa – conforme demonstrado pela piscada na mensagem.

Dee volta do banheiro e fica em pé perto da minha cadeira.

– Quer sair daqui?

Sim, por favor.

Com um sorriso devastador, respondo: – Com certeza. Quer ir pra minha casa? Adoraria te mostrar a vista.

Ela dá uma olhada no meu pau.

– Como seria esta vista?

– Uma que você nunca vai querer parar de olhar, querida.

Ela ri.

– Estava pensando em algo mais parecido com dança?

– Então estamos pensando na mesma coisa. Minha dança favorita é a horizontal.

Ela passa a mão por cima da manga da minha camisa social preta.

– A vertical é um prelúdio legal, me faz entrar no clima.

Tem uma balada virando a esquina do meu apartamento. O

DJ da noite de quarta-feira é ótimo. Quer ir comigo, garoto do clitóris?

Coloco a mão sobre a dela e passo levemente o dedo.

– Acho que não gosto desse apelido.

Ela encolhe os ombros, sem remorso.

– Que pena. Não tem como mudar a primeira impressão.

Você continuará sendo garoto do clitóris até me dar uma razão para te achar outra coisa.

Me inclino mais perto dela. A pele de seu peito fica arrepiada quando minha respiração chega em seu ouvido.

– Quando esta noite terminar, você estará me chamando de “deus”.

Sua respiração se acelera um pouco e a pulsação em seu pescoço bate mais rápido. Quero colocar minha boca nele, chupar sua pele e provar seu gosto.



Mas não tenho a oportunidade.

Deloris dá um passo para trás, seus olhos cor de âmbar estão praticamente brilhando de ansiedade. Ela assume o controle: – Você paga a conta e eu chamo o táxi.

Uma mulher independente é muito sexy. Apenas perdedores inseguros ficam excitados por uma garota que se prende como se você fosse o oxigênio que ela precisa para sobreviver. Apesar de ser óbvio que Deloris é o tipo de garota que se vira sozinha, gosto que ela me deixe pagar a conta. Eu teria insistido de qualquer forma. Abrir a porta, pagar a conta: essas coisas não diminuem as capacidades de uma mulher. Às vezes, o cara quer apenas fazer a coisa do modo antigo.

Deixe-nos.

Pense nisso como um pagamento antecipado atencioso contra nossas futuras brigas que, com certeza, acontecerão.

Acerto tudo com o barman e me junto à Dee na calçada, onde ela espera com um táxi. E, veja isso, Deloris estica o braço e abre a porta do táxi para mim. Tem um brilho brincalhão em seus olhos que me faz achar que ela pode ler minha mente. Apenas sorrio, agradeço e entro.

A balada que Deloris sugeriu se chama Greenhouse, no SoHo. Apesar de já ter ouvido falar nela, é a primeira vez que entro lá. Está surpreendentemente cheia. As paredes e o teto da área do bar estão cheios de musgo e iluminados por luzes azuis, vermelhas e verdes. A pista de dança tem um cenário de caverna, com enormes cristais pontudos presos no teto em tons de azul, roxo e rosa. Está vagamente iluminada e sombria, perfeita para fazer algo proibido, o que virá a calhar mais tarde.

A música está alta demais para qualquer tipo de conversa, mas por mim tudo bem. Falar é legal, agir é melhor. Pegamos nossas bebidas e conseguimos uma mesa perto da pista de dança. Dee dá um gole em seu copo, coloca-o na mesa e me dá um sorriso sensual do tipo “observe” antes de ir direto para a pista de dança.

Sento à mesa e me encosto confortavelmente na cadeira, com os joelhos estendidos, contente por acariciá-la com o olhar por enquanto. Ela fecha os olhos e mexe a cabeça seguindo o ritmo da música. Seu quadril balança, e ela levanta os braços sobre a cabeça. As luzes azuis e rosas dançam sobre seu cabelo, iluminando-a e fazendo com que ela pareça mágica. A música fica mais rápida, mais alta e Dee acompanha, mexendo os ombros e a bunda, dobrando os joelhos e se afundando na pista, antes de se levantar rodando.

Ela sabe se movimentar, e isso me faz querê-la ainda mais.

Olho ao redor e vejo que Deloris conseguiu a atenção de alguns homens – na verdade, todos os caras – no bar. Eles a observam dançar com sorrisos nojentos de apreciação em seus rostos, esperando conseguir algo esta noite com seus olhos brilhando.

Não costumo ser uma pessoa possessiva. Já fui para baladas com outras mulheres e cada um terminou a noite saindo com uma pessoa diferente. É um hábito.

Contudo, neste momento, meus punhos estão se apertando, prontos para arrastar para a rua o primeiro idiota que tentar se aproximar de Deloris. Fico irritado apenas por vê-los observando-a, por ver que ela está sendo uma doce ilusão para seus pensamentos de cobiça e desejos pervertidos.

Talvez eu me sinta assim porque ainda não transei com ela. Talvez não queira dividir uma sobremesa que ainda não provei.

Ou talvez seja porque Deloris Warren é apenas…

diferente… de um modo inexplicável. Gosto – muito – do que sei sobre ela, e tem uma parte minha, que ainda não reconheci conscientemente, querendo conhecê-la muito mais.

A música muda quando me levanto. “Wake me Up” do Avicii começa a sair da caixa de som e domina o lugar. O

público expressa aprovação. Vou até a pista de dança, sigo direto até Deloris.

O começo da música é lento, intenso, com um violão acústico. Dee balança o corpo de um lado pro outro no momento certo, com o cabelo longo se movimentando atrás dela, deixando seu pescoço livre. Chego por trás e coloco um braço ao redor de sua cintura, relaxando minha mão em seu estômago, por cima de sua jaqueta, puxando-a gentilmente contra mim.

Ela fica tensa por um mero segundo, abre os olhos e vira a cabeça para o lado. Depois vê que sou eu e sorri.

Relaxa em mim, com as costas no meu peito, e eu me jogo para frente, nos

apertando. Sua bunda se aninha perfeitamente contra meu pau, que ficou duro assim que ela começou a dançar.

Acho que ela sente isso – ela tem que sentir.

Dee se inclina pra frente, se curvando um pouco na cintura, e mexe os quadris em círculos justos, esfregando bem onde meu corpo está implorando por contato.

Isso está muito foda.

Dobro os joelhos e me movimento seguindo a música, apesar de meu foco ser apenas Dee.

Não quero me gabar… bem, tudo bem… vou me gabar.

Sou um bom dançarino. Dançar é como transar, ou seja, trata-se de encontrar o ritmo certo, ficar em consonância com os

movimentos de

sua parceira e

respondê-los adequadamente.

Vou arrancar a língua de quem espalhar isso. Mas, quando era criança, minha mãe me fez ter aulas de dança. Drew, Steven e eu tivemos. Não aquela para se exibir, com lantejoulas – *graças a Deus* –, mas a dança de salão. Foi um ano ou dois antes do baile de debutante de Alexandra. Sim, no nosso círculo social, as meninas têm bailes de debutantes, e saber como dançar como um cavalheiro é essencial. Todos odiávamos. Drew e eu tínhamos um plano para fugir e viver no Museu de História Natural até que o perigo passasse, mas não deu certo.

Ainda assim, apesar de ter sido horrível, agora agradeço por ter tido aquelas aulas. Porque uma criança que dança bem é uma bicha louca, mas um homem que sabe dançar é lisonjeiro, sofisticado.

Para dançar hip-hop, você precisa ter um ritmo natural, algo que aquele filho da puta do Steven não tem. Mas para um cara como eu, com uma habilidade inata e um treinamento prévio? Arraso na pista de dança.

A porção sintetizada da música domina – mais rápida, mais primordial, com uma qualidade forte. Dee se levanta e coloca os braços em volta do meu pescoço, por trás dela. Estou com uma mão em seu quadril, segurando-a firme enquanto empurro-a. Minha outra mão desliza sob sua jaqueta, até a pele quente e esticada de sua barriga.

Sinto a vibração de seu gemido quando minha mão alisa e sobe ainda mais.

Quando a música mais uma vez diminui o ritmo, Dee vira em meus braços e me olha. Como ela está usando salto, estamos quase com os narizes encostados. Não consigo parar de olhar seus olhos escuros enquanto o cantor fala em voz baixa sobre viajar ao redor do mundo, ficar jovem e conseguir um amor.

A música acelera novamente, mas nossos olhos estão fixos. Nossos corpos se movimentam um contra o outro, quentes e com desejo. Aperto meus dedos contra a bunda de Dee, puxando-a bem forte para mim.

Ao som da música de um homem que não sabia o quanto estava perdido até encontrar o que estava faltando, Dee acaricia meu rosto. De um modo afetuoso e

íntimo.

Significativo.

Abaixo a cabeça e beijo seus lábios. E ela está no mesmo passo que eu, se abrindo para mim – quente e molhada –, pegando tudo o que tenho para dar e me beijando com o mesmo ardor. Abraço-a e nos esquecemos da dança. Deixo uma mão em suas costas na parte de baixo, enquanto a outra fica embaixo de seu suave cabelo, conforme nossas bocas se movimentam juntas. Suas mãos agarram meus ombros, apertando os músculos, puxando-me para ela.

Alguma vez você já parou por um instante e pensou: isso mudará tudo? A partir deste ponto, haverá um antes, um depois e este evento dividirá os dois para sempre?

A maioria das pessoas nunca fez isso, pois estão muito focadas no momento para reconhecer o significado do que está acontecendo.

Eu era assim.

Mas, relembrando tudo agora, este momento foi isso.

Aquele primeiro beijo, arrebatador e perfeito. Este foi o momento que determinaria o resto da minha vida. Nada depois disso continuaria igual.

Capítulo 4

Voltamos para o apartamento da Dee caminhando. Na verdade, a melhor palavra seria tropeçando.

Pode ser dando uns amassos também.

Tenho uma vontade enorme de beijá-la a cada passo dado – puxá-la para mim ou jogá-la contra a parede de um prédio para conseguir a fricção necessária. De jeito algum ela está passiva: passa as pontas dos dedos pela pele nua do meu abdômen, enfia as mãos na minha calça para apertar minha bunda. Estamos parecendo dois adolescentes cheios de hormônios que ficam se beijando no corredor da escola, sem se importar em serem pegos.

Por fim, chegamos à porta do apartamento. Fico atrás enquanto ela se distrai

com a fechadura dupla: esfrego a pélvis contra sua bunda, coloco ambos os seios em minhas mãos, massageio e provoco aqueles atributos lindos. Depois que entramos, Dee se joga em mim, na ponta dos pés, para me dar um beijo intenso, molhado e de língua. Coloca as mãos em todo o meu cabelo e só interrompe a exploração para que eu consiga arrancar a jaqueta de seu corpo. Em seguida, abaixo um pouco e trabalho rapidamente naquele short minúsculo, deixando Dee vestida apenas com um top branco e uma calcinha fio-dental, com uma escassa renda triangular.

Achava Deloris bonita com roupas, mas nua: nossa, é de tirar o fôlego. Ela tem pernas longas e definidas, quadril estreito, uma barriga esticada com uma pele tão macia que parece uma carícia. Ela não é excessivamente esculpida; tem um corpo de ioga: magro com a possibilidade de músculos firmes logo abaixo da superfície. De joelhos, desabotoo minha camisa. Dee se abaixa na cintura e arranca-a de mim, suas mãos arranhando minhas costas, aproveitando-se da situação.

– Deus, você é tão gostoso – ela suspira.

Ela já está usando o novo apelido e eu ainda nem a fiz gozar. *Sou bom.*

Sem pausar, afasto seus joelhos para conseguir me encaixar entre eles. Ela usa a parede que está atrás dela como apoio. Dou um longo e vociferante beijo em sua xoxota coberta pelo tecido. Deloris levanta o queixo e se entusiasma. Ela tem um gosto doce, com sabor de fruta e um toque de especiaria – como uma maçã madura com um toque de canela. Tiro sua calcinha do corpo, ansiando contato total. Com minha língua úmida e aquecida, traço sua aparada pista de pouso loira, depois desço mais para lamber e mordiscar a borda de sua boceta. Ao terminar as preliminares, me afundo dentro dela, lavando e sugando, fazendo-a suspirar.

Eu não estava de brincadeira quando disse que sabia o que fazer em um clitóris. A maioria dos homens acha que ir direto ao ponto é o melhor, mas eles estão errados. Muita pressão, aplicada muito rápido, não é legal, pode até mesmo ser desconfortável para uma mulher. Você tem que provocá-

lo, estimulá-lo gradualmente, até que esteja duro, esticado e implorando para ser acariciado. Quando Dee chega naquele momento de exaustão, abro seus lábios com meus dedos e danço sobre seu pequeno broto com minha língua.

Ela grita de alívio e felicidade. Lambo-a com mais força, para cima e para baixo, sem nunca perder o contato, depois deslizo dois dedos dentro de sua boceta molhada e esticada.

Seu quadril faz força em meu rosto e suas mãos me seguram apropriadamente conforme ela goza, soltando um gemido clamoroso.

Com o som das respirações fortes de Dee ainda em meus ouvidos, levanto e coloco um braço ao redor de sua cintura.

Ela se arqueia sobre mim, depois que o prazer terminou, relaxada. Levanto seus pés do chão, mas ela não parece ter forças para colocar suas pernas ao meu redor. Seus lábios procuram os meus, e seus braços prendem meus ombros.

– Quarto? – pergunto entre os beijos.

– Última porta à esquerda.

Minhas pernas tensas levam nós dois para o quarto.

Quando entro, não fico prestando atenção ao que está nos arredores ou reparando na decoração – meus sentidos estão completamente em consonância com Dee e com o meu furioso desejo. Um pouco recuperada de sua volta do coma, Deloris senta na ponta da cama e me chama com seus olhos cor de âmbar, suplicando. Fitando minha expressão, ela abre minha calça – o barulho do zíper e nossas respirações são os únicos sons. Dee puxa minha roupa e eu saio. Ela me olha ansiosamente, como uma caçadora de tesouro procurando por uma fervorosa recompensa.

Meu pau está em seu melhor momento: grande, duro e com muito desejo. Deloris lambe a mão.

E é a coisa mais sexy que já vi. Sem dúvida alguma.

Em seguida, coloca meu pau em sua mão escorregadia e excitante, apertando-o firmemente, masturbando carinhosamente. Chego mais perto, sem realmente pensar, e Dee leva isso como um sinal para colocar sua boca em ação.

Observo-a me lamber da base até a ponta, rodando pelo prepúcio, antes de me levar completamente para dentro da boca – tão profundamente que sinto o fundo

de sua garganta.

Viro meus olhos, fechados. Faço barulho e xingo e imploro por mais. Dee não decepciona, ela me coloca diversas vezes para dentro e para fora de sua boca celestial. Mas quando pega minhas bolas, rolando, esfregando, puxando do jeito mais delicioso possível, tenho que puxar o freio. Estou com receio de estourar minha carga, e estou tendo muitas ideias para isso acontecer agora.

Puxo seu cabelo e a faço diminuir o ritmo um pouco.

Depois me inclino e beijo-a conforme o sangue martela em meus tímpanos. Ela deita e me leva com ela até que ficamos um contra a barriga do outro, coxa com coxa. Rasgo o que sobrou do tecido de seu top e arranco-o, revelando dois seios redondos e maravilhosamente grandes.

Em um deles, está um brilhante piercing de diamante.

Porra.

Meu pau fica ainda mais duro, impressionado com a vista.

Ataco seus seios como um animal voraz: chupo e mordo-os, pego e puxo-os com as mãos. Minha boca cobre o mamilo com o piercing e sinto um gosto de metal frio e pele quente.

Puxo com os dentes e lambo com a língua. Dee se contorce e choraminga embaixo de mim, arranhando minhas costas com as unhas, deixando marcas sensuais e escaldantes por onde passa.

– Me coma, Matthew – exprime Dee –, preciso que você me coma agora.

Rapidamente tiro uma camisinha da carteira e desenrolo-a em um tempo recorde. Segurando seus tornozelos, puxo-a para mim para que sua bunda fique na ponta da cama. Levo a cabeça do meu pinto até sua boceta carente, provocando na abertura.

Aí olho para ela diretamente nos olhos e pergunto: – Como… como você quer?

– Bem forte – geme ela. – Forte e fundo. Quero sentir cada centímetro seu dentro de mim.

Impulsiono dentro severamente, o mais fundo possível.



Dee ergue a coluna na cama e grita: – Isso! Por favor… isso!

Tiro devagar, até que somente a cabeça continue dentro dela, depois ponho de novo, rodeando meu quadril e esfregando seu clitóris quando minhas bolas já estão bem enfiadas.

Isso é luxúria total: paixão primal, fome visceral.

Mantenho o ritmo que Dee deseja, deixando-a sem fôlego a cada impulsão. Até que ela começa a me alcançar, implorando para que eu vá mais *rápido*. Cubro-a com meu corpo e ela coloca os braços em volta do meu pescoço, sentindo minha boca conforme eu a conduzo furiosamente.

Sua bochecha está pressionada na minha quando ela goza – olhos fechados, repetindo meu nome diversas vezes, um som fenomenal que nunca me esquecerei. E quando seu orgasmo prende meu pau, também gozo – de um modo tão delicadamente longo e forte que tenho certeza de que desmaiei.

É impressionante. De abalar estruturas. Com certeza o melhor sexo que já fiz. E enquanto ainda estou dentro dela, antes da minha pulsação voltar ao normal, sei que Dee Warren não é igual a qualquer outra mulher que já fiz gozar.

Depois de recuperarmos o fôlego, Deloris levanta e desaparece dentro do banheiro, saindo após alguns minutos com um robe multicolorido de seda e com estampa indiana.

Pego minha calça do chão, tiro o maço de cigarros do bolso e pergunto: – Você se importa?

Ela abre a janela, depois retira um baseado fumado pela metade da caixa de joias de madeira que está em sua estante.

Ela segura pra cima.

– Cada um sabe o que faz.

Encosto a cabeça em um braço dobrado e acendo o cigarro. Dee desliza na cama ao meu lado, colocando o cinzeiro no meu peito enquanto ela fuma. Seu robe cai aberto, expondo seu magnífico seio com piercing. Sopro um pouco do cigarro e passo o dedo ao redor do brinco.

– Qual a história por trás disso?

Ela inspira profundamente, com fumaça escapando de seus lábios ao me contar: – Lembra quando eu disse que eu, Kate e Billy crescemos juntos?

Concordo com a cabeça.

– Billy é o mais jovem, por apenas alguns meses. Quando ele completou 21 anos, nós arrasamos comemorando. Kate e Billy fizeram tatuagens. Eu fiz um piercing.

Puxo o brinco gentilmente, tocando e experimentando como se fosse uma criança com um brinquedo novo numa manhã de Natal.

– É sexy pra caramba. Mas estou curioso, por que você não fez uma tatuagem?

Ela apaga o resto do baseado.

– Tatuagem é um compromisso muito sério. Não gosto de ter nada dentro ou em meu corpo de que não possa me livrar depois de um tempo.

Apago meu cigarro e coloco o cinzeiro no criado-mudo.

Depois me viro de lado para olhar para Dee.

Ela passa a mão na minha barriga e se envolve ao redor do meu pau, esfregando seu polegar pelo prepúcio.

– Como fez isso? Pensei que todos os católicos tivessem que ser circuncidados?

– Acho que isso é no judaísmo – depois explico: – Fui um recém-nascido doente, nada importante, mas o bastante para minha mãe ser cuidadosa com qualquer coisa que pudesse causar uma complicação desnecessária.

Por alguma razão doida, meus pais acharam que eu fosse fazer uma circuncisão

quando me tornasse um adulto forte e saudável. Como se um dia – *um dia* –, fosse capaz de deixar um bisturi chegar perto do meu pau, a menos que minha vida dependesse disso.

E talvez até nem mesmo se isso acontecesse.

Sim, caso esteja se questionando, houve algumas garotas no ensino médio que ficavam um pouco… inseguras em como proceder com um pau que não fosse igual a todos os outros. Mas depois que faziam um *test drive* e percebiam que funciona do mesmo jeito que os outros modelos, ele tinha uma grande procura.

Ela continua me alisando até que eu fico duro e quente em sua mão. Em seguida, ela olha para baixo e diz: – Eu gosto. É bonito.

Agarro o quadril de Deloris, me viro de costas e levanto-a sobre mim de forma que ela fique sentada com as pernas abertas sobre minha cintura.

– Ok, você, com certeza, não tem um dom com adjetivos.

Bocetas são bonitas, não pintos.

Seu robe cai completamente aberto e eu lambo meu dedo, depois pressiono-o em seu clitóris para mostrá-la o quanto eu acho sua boceta bonita. *Divina.*

Dee começa a rir, mas termina dando um gemido de fôlego.

– Esclareça para mim. Qual é o adjetivo correto a utilizar para falar de um pinto poderoso?

Seu quadril imita os movimentos do meu dedão, rodando em círculos apertados.

– Poderoso é um bom começo. Assustador também funciona. Forte e impressionante são sempre bons.

Esfrego fazendo mais pressão. Seu quadril se movimenta mais rapidamente e em círculos cada vez mais expandidos.

Ela ofega.

– Vou me lembrar deles na próxima vez – ela morde o lábio e me olha nos olhos.

– Adoro transar quando estou chapada.



Ela se levanta cada vez mais de joelhos, nos deixando alinhados.

– Acho que eu também vou adorar.

– Caramba, isso foi demais – exclama Dee no travesseiro, onde ela acabou de encostar o rosto.

De joelhos, atrás dela, tiro a camisinha número dois com um lenço de papel e me jogo ao seu lado.

– Foi mesmo incrível.

Estilo cachorrinho nunca decepciona.

Ela levanta a cabeça e olha para o relógio no criado-mudo.

– Droga. Tenho que levantar para ir trabalhar daqui quatro horas.

Apenas para esclarecer algo, essa é a minha deixa para ir embora. É um jeito educado de se dizer: “Obrigada pelo sexo.

Tchau”. Não costumo dormir na casa da maioria das minhas transadas. Se eu não estiver completamente acabado, prefiro dormir na minha própria cama.

Eu me levanto e começo a me vestir. Fecho a calça, mas ainda sem camisa, digo a Dee: – Adorei esta noite.

Ela se vira de costas, sem ao menos tentar esconder sua gloriosa nudez.

– Eu também.

Meus olhos medem sua lustrosa pele, resplendorosa após o sexo, fitando seu mamilo com piercing que implora para brincar mais.

– Quero te ver novamente.

Dee sorri.

– Na verdade, você quer me comer de novo.

Coloco os braços nas mangas da camisa e admito: – Querida, você não precisa falar isso – pego o maço de cigarros do chão e guardo no bolso. – Te ligo.

Ela responde com uma risadinha alta e uma virada de olho, segura o robe de seda e fica parada ao meu lado.

– Que foi? – pergunto um pouco confuso.

Ela mexe a cabeça de maneira condescendente.

– Você não precisa fazer isso. Não sou o tipo de mulher que você precisa ficar fazendo promessas que não tem intenção alguma de cumprir. Foi legal, vamos parar por aí. Se eu nunca mais tiver notícias suas, não tem problema.

Essa não é a reação que eu esperava de uma gata em quem passei as últimas horas dando diversos orgasmos múltiplos.

Na maioria das vezes, ela já estaria verificando meu telefone para garantir que seu número está na minha lista de contatos. Fazendo pedidos específicos – dias e horários que os telefones tocariam.

Dee toma uma atitude diferente e intrigante. Com certeza desafiadora.

Conforme andamos até o corredor, insisto: – Isso seria ótimo… exceto pelo fato de que você *terá* notícias minhas novamente.

Ela dá um tapinha no meu ombro.

– Com certeza terei. Mas vou esperar sentada.

Tiro sua mão do meu ombro e beijo suas juntas. Ela observa. O sorriso some de seu rosto e é substituído por…

surpresa. Anseio.

– Sente – pisco –, mas do lado do telefone.

Ela sorri de novo. A porta fica aberta, mas antes de eu colocar um pé para fora, me curvo mais perto dela e beijo sua bochecha.

– Boa noite, Dee.

Sua mão cobre o ponto que meus lábios acabaram de tocar. E seus olhos cor de mel se encontram com os meus.

Com um tom de tristeza na voz, ela diz: – Tchau, Matthew.

Quando ela fecha a porta depois que saio, fico parado esperando até que ouça todas as travas se fecharem. Aí vou para casa e durmo um sono merecido.

Capítulo 5

Na quinta-feira à noite, vou a um jantar beneficente da Universidade de Columbia que acontece no hotel Waldorf Astoria. Costumo apenas enviar um cheque e escapo do jantar. Mas Alexandra é uma das organizadoras, então minha presença é obrigatória. Apesar de ela cuidar apenas de Mackenzie, sempre foi superempreendedora e faz diversas coisas ao mesmo tempo. Como muitas das mulheres de sua classe social – mães donas de casa de Manhattan com dinheiro para gastar –, ela quer devolver um pouco para a comunidade. Além disso, acho que atividades filantrópicas ajudam-na a se sentir conectada com o mundo exterior quando sua rotina cai em um buraco negro de episódios de *Barney*, ou está cheia de colares de macarrão e horários de brincadeiras, que facilmente poderiam fazer com que seu brilhante cérebro se tornasse um mingau. Steven me disse que ela fica muito mais agradável quando está planejando um evento, mas, quando o dia D realmente chega, tem uma tendência a ficar estressada. Irritante, pode-se dizer.

Você foi avisada.

Estou com Drew e

Lexi admirando o

salão sofisticadamente decorado, cheio de alunos da Columbia usando ternos e vestidos elegantes. Parece um sucesso para mim: aperitivos são distribuídos, drinques estão circulando, muitas conversas e risadas rolando. Apesar de sua expressão ser serena, os olhos de Alexandra correm pelo local com a precisão de um atirador procurando por potenciais alvos.

– Já posso ir embora? – Drew pergunta para a irmã.

– Não – Alexandra responde, como se não fosse a primeira vez que ele questionasse isso. – É uma festa, então coma, beba e socialize.

Drew faz uma expressão carrancuda.

– Claramente faz um bom tempo que você não vai a festas.

Esta não é uma festa. É uma desculpa que as velhas bruxas usam para mostrarem seus vestidos enfeitados e compararem os quilates de seus anéis de diamantes – ele dá um gole do vinho. – No entanto, o vinho está excelente.

Ótima escolha.

Lexi toma um gole da própria taça.

– O vinho afrouxa os lábios… e as carteiras.

– E a tequila faz com que as roupas caiam – falo, mexendo a sobrancelha.

Em seguida, uma mulher supergrande, com cabelo preto que parece uma colmeia e muita maquiagem, usando um vestido verde igual a uma mesa de sinuca, se aproxima de nós.

Soltando uma respiração, Drew graceja: – Tomara que a tequila esteja presa a sete chaves.

– Alexandra, minha querida – a mulher ri alto. – Você conseguiu se superar! Daqui a dois dias este baile continuará falado.

Lexi coloca a mão humildemente na região do peito de seu vestido branco.

– Você é muito gentil, senhora Sinclair.

Sinclair. Conheço esse nome. Ela é uma ricaça. Seu avô ganhou uma fortuna com aço durante o estouro da construção na virada do século. E seu sobrinho, o herdeiro natural, é um pobre CEO bem famoso com um vício em cocaína. Aqui vai uma lição para vocês: o dinheiro não pode comprar classe, mas *pode* comprar muita calamidade.

Alexandra chama a atenção da senhora Sinclair para mim: – Você conhece nosso querido amigo Matthew Fisher?

A sociedade nova-iorquina é muito parecida com a máfia: se você não for amigo *nosso* ou parte da *nossa coisa*, ninguém quer saber de você.

– Ah, sim – diz ela –, você é o filho da Estelle.

Aceno a cabeça com respeito.

– Muito bom vê-la, senhora Sinclair.

Alexandra continua: – E você também conhece meu irmão, Andrew?

Drew, sempre muito cavalheiro, cumprimenta com um sorriso.

– É um prazer conhecê-la.

Os olhos da senhora Sinclair brilham ao observá-lo. E ela se abana com a mão gorducha.

– Não, ainda não… mas já ouvi muitas histórias sobre você.

– Rumores maldosos – pisca Drew. – Que por acaso são verdade.

Levando em conta as respirações rápidas e bochechas vermelhas, acho que a senhora Sinclair vai acabar desmaiando. Isso, na verdade, acrescentaria um pouco de diversão para a noite. Mas ela não desmaiou. Uma antiga amiga que não a vê há anos passa por perto e puxa a senhora Sinclair.

Mais uma vez sozinhos, Drew tenta novamente: – *Agora*, posso ir embora?

– Para de me perguntar isso. Nós ainda nem nos sentamos para jantar – sibila

Alexandra.

Drew não reclama… mas quase faz isso. E fala por todos nós: – Mas eu não quero *estar* aqui. Eu vim, sorri, te dei um cheque. Diferentemente de algumas pessoas, eu realmente tenho coisa melhor para fazer.

Antes da discussão esquentar, alguém do outro lado do salão prende a atenção da Alexandra. Seus olhos ficam grandes, mas seu rosto se abala… cheio de decepção. Ela ignora o irmão e olha fixamente. Drew e eu seguimos sua linha de visão.

E é quando a vejo.

Quase todo cara já teve uma mulher como ela. Para alguns tristes filhos da puta, houve mais que uma. Aquela garota que o estraçalhou, que partiu seu coração, que acabou com seu respeito. Dizem que a primeira mágoa é a que mais dói…

e ela quebrou até meu último osso.

Shakespeare escreveu: “Oh coração serpente, mascarado com feições de uma flor”. Se eu não soubesse, poderia jurar que ele escreveu isso pensando em Rosaline Nicolette Du Bois Carrington.

Nos conhecemos durante o segundo ano na Columbia e tivemos um relacionamento sério por dois anos. Rosaline é inteligente, charmosa e especializada em equitação. Não se interessava pelas festas da faculdade ou por baladas; ao invés disso, preferia passar seu tempo engajada em conversas intelectuais sobre arte e viagens. Achava que ela era perfeita: a mulher com quem eu me casaria, com quem teria filhos – a garota que continuaria amando mesmo quando estivesse cheia de rugas e com cabelo branco, e que me amaria também.

Sally Jansen pode ter sido a primeira garota pela qual me apaixonei, mas Rosaline… foi a última.

Nunca mais a vi desde a faculdade. Faz seis anos. Mas ela continua igualzinha: rosto em formato de coração; maçãs do rosto clássicas, mas cheias, que a fazem parecer tanto sofisticada como inocente; olhos azul-cristal, com uma inclinação exótica; lábios rechonchudos e sorridentes; grossos cachos castanho-escuros e um corpo longo e definido que faria qualquer homem cair de joelhos. Eu a

observo se movimentar pelo salão, seu vestido rosa de algodão-doce balançando a cada passo.

– Por que você a convidaria? – Drew pergunta.

– Eu não a convidei, Julian está no conselho. Não achei que eles iriam aparecer.

Julian é o marido de Rosaline. Ele é dez anos mais velho e quase dez vezes mais rico do que qualquer um de nós.

– Pensei que eles estivessem na Europa.

– Eles voltaram semana passada.

Conforme Rosaline alcança nosso trio, Drew e Alexandra ficam na minha frente como dois guarda-costas. Rosaline exibe um sorriso cativante, que eu costumava conhecer muito bem.

– Alexandra, Drew, é tão bom vê-los novamente. Quanto tempo já faz?

– Não o bastante – Alexandra responde com um sorriso enganoso.

Esta é a A Vaca, com todas as forças. Para o mundo exterior, Alexandra é uma dama refinada, mas por baixo da superfície está uma pessoa feroz e protetora, que arrancará o cabelo, puxará os brincos e abrirá uma grande lata de merda em qualquer um que ela considere uma ameaça para as pessoas que ama. E ela odeia minha ex de um modo especial.

Não descobri que Rosaline estava me traindo até ela me dar um fora. Levar um pé na bunda foi difícil, mas descobrir que ela estava transando com outra pessoa durante todo o tempo… isso foi completamente devastador. Nos dias seguintes, foi Drew quem me levou para sair, me deixou bêbado, garantiu que eu transasse com alguém. Mas foi para Lexi que chorei as mágoas. Não é coisa de mariquinha assumir que chorei – derramar algumas lágrimas é perfeitamente aceitável depois que seu peito é totalmente aberto e seu coração é descascado como uma batata.

Seguindo os passos da irmã, Drew diz: – Fiquei sabendo que houve um surto de listeriose na Europa. Parece que você escapou ilesa. Que pena.

O sorriso de Rosaline fica impassível, ignorando os insultos mal disfarçados.

– Sim, aproveitamos nossas viagens pela Europa: a cultura, a história. Mas Julian sentia saudade de Nova York.

Vamos ficar aqui até a primavera.

Individualmente, os gêmeos Evans conseguem dizer algumas coisas bem maldosas, vocês já os viram em ação.

Mas juntos? São um time que deixaria lutadores profissionais no chão.

Alexandra fala mais baixo e sussurra: – Odeio ser quem vai te contar isso, Rosaline… bem, na verdade… não me importo nadinha em lhe dizer. Fiquei sabendo que seu Julian está tendo um caso amoroso com a secretária – ela toca o lábio fazendo cara de pensativa. – Ou será que é com a babá?

Drew acrescenta: – Fiquei sabendo que ele está transando com as duas.

Novamente, Rosaline não perde a compostura. Eu costumava achar que seu veneno era uma vantagem, um sinal de sofisticação e maturidade. Mas olhando-a agora, ela apenas parece… insensível. Distante. Irritantemente passiva.

Ela suspira docemente: – Os homens adoram uma variedade.

– Não tenho como saber disso – Alexandra contesta.

– Sei disso – Drew admite. – Mas novamente, não fui eu quem prometeu abandonar todas as outras.

Ela cruza as mãos, com modéstia.

– Eu aceitei os envolvimentos de Julian. Enquanto eu for a mulher para quem ele volta para casa, não tem problema algum.

Drew sempre fica irritado com sua inabilidade de instigar uma reação de Rosaline, não importa o quão cruel ele seja.

Sente uma felicidade doentia quando consegue deixar as pessoas à beira de um ataque. Por isso, continua indo mais fundo e diz: – Até ele perceber que a

geladeira que você chama de boceta já não vale mais o preço da compra. *Isso* poderia se tornar um problema.

Rosaline dá uma leve risada.

– Drew, você sempre souber falar coisas bem alegres.

Mais um ponto para a Esposa Perfeita.

– Foi muito bom vê-los novamente. Com licença.

De repente, eles foram dispensados. Rosaline passa por Alexandra e Drew e se aproxima de mim por trás.

Passo uma mão no cabelo e viro o rosto para a devastadora de corações. Ela olha para mim gentil e compreensivamente, do modo que uma enfermeira contemplaria um paciente que está se recuperando de uma doença que quase o matou.

– Olá, Matthew.

Quero mostrar a ela que já estou completamente recuperado.

– Rosaline.

– Você está ótimo.

– Obrigado – respondo, frio. – E você… não mudou nadinha.

É estranho conversar com ela novamente, mesmo depois de todos esses anos, principalmente depois de todos esses anos. Não sinto atração, não sinto ódio, não sinto nenhuma forte emoção. Há um pouco de arrependimento, metade minha deseja que eu pudesse voltar o tempo e conseguisse acabar com meu “eu” mais jovem por ter sido tão burro. E

cego. Mas isso é uma coisa minha. E quanto a Rosaline? Ela é apenas alguém que eu conhecia… que nunca realmente conheci. Apesar de eu conhecer intimamente bem cada inchaço e fissura de seu corpo, ela ainda é uma estranha.

Limpo a garganta.

– Então… você tem um filho?

Esqueci de mencionar isso? É, Rosaline não apenas transou nas minhas costas, mas também engravidou. Tenho quase certeza de que esse foi o plano dela o tempo todo.

Sabe o negócio de ter uma família da realeza, o herdeiro e um reserva? Eu era o reserva, caso as coisas não dessem certo com Julian. Para minha sorte, seu dardo acertou o alvo primeiro.

Ela sorri.

– Sim, Conrad – *coitado*. – Ele está em um internato na Suíça.

Faço as contas de cabeça.

– Internato? Mas ele não tem uns seis anos?

– Ele fará seis no mês que vem.

Devo estar parecendo pasmo, porque ela acrescenta: – É importante que ele comece a vida corretamente. A escola fornecerá isso a ele.

Concordo com a cabeça. Com certeza não vale a pena apontar os erros dessa merda de filosofia extrema.

– Claro. É lógico que irá.

E estou quase saindo da conversa quando Julian Wolfe chega dando passos largos. Ele tem uma aparência decente para um cara, alto mas magro, com cabelo louro grisalho e um rosto pálido. Me lembra um policial nazista de alto escalão.

– Rosaline, tem algumas pessoas importantes que eu gostaria que você conhecesse – em seguida, ele me vê. – Olá, Fisher – não estica a mão e eu, é lógico, não estendo a minha também.

Apenas cumprimento com a cabeça.

– Julian.

Rosaline e Julian são excelentes exemplos da razão de as pessoas precisarem ter um *hobby*. Se dinheiro for sua única paixão, você será um ser humano triste. E, com o tempo, seu hobby será espalhar esta tristeza e ser um idiota superficial para todos que conhecer.

– Desculpe por roubá-la de você. De novo – ele sorri, porque acha que isso é uma piada.

E, apesar de ser uma coisa mais de mulheres, se ele quer brincar com palavras, aceito o desafio.

– Não, por gentileza, roube-a de mim. Você está me fazendo um favor.

Julian fica sério e Rosaline toca meu braço.

– Foi bom te ver, Matthew.

– Fiquem bem – digo a eles.

Assim que eles vão embora, Drew se aproxima.

– Aposto que você está feliz por ter se livrado daquela praga.

– Você não imagina o quanto.

Ele me empurra com o cotovelo.

– Tudo bem?

Preste atenção, este é o mais próximo de “um momento”

que homens como eu e Drew chegamos. Podíamos sair o dia todo e não pronunciar uma única palavra sobre algo importante que está acontecendo em nossas vidas. Não são necessárias palavras, pois quando a barra aperta, apoiamos um ao outro.

Garanto a ele: – Sim, cara, sou de alta qualidade. Como você disse, me livrei de uma praga.

Voltamos ao lado da Alexandra e posso notar, por sua expressão, que ele vai perguntar se pode ir embora de novo.

Mas então parece decidir seguir uma estratégia diferente. Ele sorri, malvado.

– Ei, olha, a Estridente está aqui.

– Quem? – Alexandra pergunta.

Drew gesticula com sua taça de vinho.

– A morena de cabelo enrolado que está usando um vestido azul perto do bar.

Lexi mexe a cabeça até ver a dama mencionada.

– Aquela é… Alyson Bradford.

Drew encolhe os ombros.

– Ela sempre será a Estridente para mim.

– Por que você a chama de Estridente?

Mentalmente, mexo a cabeça. Alexandra já devia ter percebido.

– Ela grita quando goza.

– O quê?

Drew explica, sem se preocupar: – Como o brinquedo de mastigar de um cão – ele levanta a mão, abrindo e fechando-a. – Crack, crack, crack, craaaaaack.

Pelo menos ela era assim quando tínhamos dezessete anos, mas não acho que esta é uma condição que ela aprimorou.

–

Como sabe disso?

–

Alexandra pergunta, presumidamente com nojo. – Quando você transou com Alyson Bradford?

Drew olha para o teto, relembrando o momento.

– Hmm… no primeiro ano. Foi nos dias obscuros, quando perdemos para o St. Bartholomew no desempate. Não diria que cheguei ao fundo do poço com ela, mas foi quase isso.

Lexi se vira.

– Eca… esquece, não quero saber.

Se tem uma coisa que A Vaca não consegue suportar são histórias detalhadas das transas de seu irmão.

É por isso que Drew diz com precisão: – Ela também faz algo nojento com a língua…

Alexandra coloca a mãos nos olhos para escondê-los.

– Beleza! Sabe de uma coisa? Tudo bem, se você quer tanto ir embora, então vá. Se você quer me deixar quando mais preciso de você…

Ela nunca lhe devia ter falado isso.

Drew dá um sorriso brilhante, coloca a taça na bandeja de um garçom que está passando e beija sua bochecha: – Você é a melhor irmã do mundo. Tchau.

Em seguida, pergunta para mim: – Não vai comigo?

Nunca fui de recusar presentes, ou, neste caso, uma rota de fuga.

– Adorei a festa, Lex. Até mais.

Sigo Drew até a porta. E, se você prestar atenção mais longe no salão de baile, verá que Rosaline me acompanhou com os olhos.

Capítulo 6

Depois de deixarmos o jantar beneficente, Drew e eu vamos até o bar. Ele acaba indo embora com uma advogada morena de pernas longas a fim de algum prazer sexual para aliviar a dor de ter perdido no tribunal. Peço uma cerveja e vejo algumas possíveis pretendentes, mas nenhuma me motiva o bastante para me

esforçar. Na volta para casa, fico tentado a quebrar a regra de três dias e ligar para Deloris.

O que é isso? Você não conhece a regra de três dias?

Escute e aprenda. Três dias é a duração perfeita para esperar antes de ligar para uma mulher depois de ter saído com ela.

Não importa em qual categoria ela se encaixe, ou se já a comeu ou não, você não deve ligar para ela até o terceiro dia.

Não são joguinhos de sedução ou ficar no controle, é mantê-

la interessada. Fazer com que ela pense em você. No primeiro dia, ela provavelmente está relembrando a última vez que te viu. No segundo, está torcendo para que você ligue e pensando se você também curtiu igual a ela. No terceiro dia, o dia mágico, ela está quase perdendo as esperanças de que seu telefone irá tocar. Ela está pensando onde errou, se não entendeu os sinais, aí – *bam* – você liga e deixa seu dia mais feliz.

Pensei na Dee em diversas ocasiões durante o dia, sempre abrindo um sorriso no rosto. Seu humor direto e esperto, o

modo como ela dança… o piercing em seu mamilo. Mas meu celular ficou seguramente dentro do bolso, porque o estatuto dos três dias nunca deve ser descumprido.

A noite de sábado flui normalmente e é trabalhosa, como sempre. Me encontro com Jack e Drew na abertura da mais nova balada. É um bar grande, um depósito que foi reformado no coração do bairro. Está cheio, tem gente por todos os lados, com quase nenhum espaço para andar e uma fila que vira a esquina. Estamos dividindo uma cabine com cinco lindas passageiras de um cruzeiro. Amsterdã é genial – a Sodoma e Gomorra moderna. Mulheres de Amsterdã que têm estado no mar durante três semanas podem ser difíceis de acompanhar – até mesmo para nós.

Tento abrir espaço no meio da multidão de pessoas até o bar. Apoio-me no balcão e tento chamar atenção do barman.

Um minuto depois, sou empurrado de propósito por trás.

Dou uma olhada pelo ombro e vejo uma ruiva baixinha, do tamanho de uma anã, com sobrancelhas marcantes, se balançando em botas marrons de salto alto. Ela aponta o dedo para mim e difama bem alto com jeito de bêbada: – Eu te conheço. Você é o cara que dormiu comigo há duas semanas, aquele que tem uma moto.

Achei mesmo que ela parecia alguém conhecida. E seu nome está na moda, é andrógino… Ricki ou Remy…

Sua amiga, que também é baixinha, mas bem mais sóbria, coloca um braço ao seu redor.

– Vamos, Riley, deixa ele pra lá.

Riley. *Quase.*

Riley faz beiço, desleixada.

– Você nunca ligou. Idiota.

Vou deixar isso bem claro: sou completamente a favor da igualdade nos encontros. Uma mulher não devia ser inferiorizada porque quer sair tão frequentemente como um homem – sem xingamentos ou julgamentos. Por outro lado, precisam parar de se fazerem de vítimas. Se digo que quero sair por apenas uma noite, por que *eu*, de repente, me tornei um safado, sendo que era só isso que iria acontecer? Escute o que um homem fala. Não pense que tem algo por trás de suas ações. A vida real não é igual a um filme de comédia romântica ou um romance; você não deve esperar que seja.

Ainda assim, me sinto mal quando uma mulher se sente usada.

– Não fique assim, querida. Nós nos divertimos, nenhum de nós queria algo a mais. Eu nunca disse que iria ligar.

Minhas palavras entram em ouvidos surdos. Os olhos de Riley olham à minha direita e ela me aconselha: – Cuidado com este, irmã, ele é um garanhão.

– Obrigada pelo conselho.

E, mesmo com a música alta e sintetizada no volume máximo, conheço aquela voz. Fecho os olhos, viro a cabeça e os abro, encontrando Deloris Warren parada ao meu lado.

Você não está surpresa, né?

Riley desaparece de meus pensamentos e da minha vista quando vejo Dee em sua roupa de balada. Seu cabelo loiro está com mechas de roxo e azul, um top apertado azul elétrico quase deixa seus peitos à mostra, sua saia é nada mais do que apenas faixas de um tecido azul e roxo, e botas indistintas na altura da panturrilha decoram seus pés. Cada centímetro de sua fabulosa pele exposta e cheia de purpurina brilha como um diamante.

Ela sorri alegremente.

– Olá, Deus. Sou eu, Dee.

Não tento esconder que estou feliz em encontrá-la.

– Oi. E aí? Te deixei um recado esta tarde.

Hoje era o terceiro dia. Mas Dee parece ser uma daquelas raras mulheres que é imune à regra. Ela vira o rosto para ver o bar, mas responde alto o bastante para eu escutar: – Eu sei.

– Por que não me ligou?

Ela dança com a cabeça, seguindo o ritmo da música, e encolhe o ombro: – Achei que você só estava sendo legal.

– Eu não faço nada para ser *apenas* legal – aponto o dedo para onde Riley estava parada. – Obviamente.

Não bajulo, a não ser que a garota me peça, e a única fumaça que apago é dos meus cigarros.

A alguns passos, um cara de pele escura e cabelo cheio de gel, usando uma camiseta branca e jeans justos, grita na direção de Deloris.

– Ei, Dee, acelera aí com as bebidas!

Há dois tipos de homens do Brooklyn: os liberais ricos que acabaram de se mudar e querem afundar na vida urbana ao mesmo tempo em que recuperam suas raízes históricas de um esplendor anterior, e os aspirantes locais, com bastante sotaque e espertos, que assistiram *Os Bons Companheiros* muitas vezes. Esse bundão, com certeza, é o último tipo.

Faço um movimento com o queixo.

– Quem é ele?

– Aquele é Mickey.

– Você veio com ele?

– Não. Vim com algumas garotas do serviço. Elas estão…

por aí, em algum lugar.

Em seguida, faço a pergunta principal.

– Você vai embora com ele?

– Provavelmente.

Esta única palavra me atinge como um soco no rosto.

Dee se inclina no balcão para fazer seu pedido de bebida.

Quando está de volta ao chão, chego mais perto para não precisar gritar.

– Você consegue coisa melhor.

Ela olha em meus olhos, com a mesma expressão que tinha no rosto quando saí de seu apartamento na noite de quarta-feira: desejo misturado com tristeza. Resignação.

– Talvez eu não queira algo melhor.

– Você devia. “Atire-se em direção à lua e você pelo menos acabará entre as estrelas” – uma expressão que minha mãe costumava me falar.

Dee levanta um ombro.

– O espaço sideral não é para qualquer um. Sou uma garota mais no chão.

A visão que uma mulher tem de si é como o reflexo no espelho de uma casa de um parque de diversões: curvado, às vezes, torto. O modo como outras pessoas a veem é sempre mais preciso.

– Você está completamente errada.

– Mickey é descomplicado. Fácil assim.

Sorrio.

– Se você está procurando por algo fácil, sou o cara certo para você. Ninguém consegue ser mais fácil do que eu.

Ela ri. Dou um passo para o lado de Dee, bloqueando sua vista da maravilha inútil. Longe dos olhos, longe do coração, certo? Pergunto suavemente: – Quando posso te ver novamente?

A ponta da boca de Dee se levanta.

– Você está me vendo agora.

– Quero te ver em um local preestabelecido… de preferência com pouca roupa.



Dee dá uma olhada na roupa.

– Menos roupa do que isso? Correria risco de atentado ao pudor.

Rio.

– Isso é sempre o sinal de um momento divertido.

Suas bebidas chegam. Ela pega a bandeja e me diz: – Acho que te ver novamente não seria uma boa ideia, para nós dois.

– Você está errada de novo.

Ela dá um suave sorriso.

– Tchau, Matthew. – E começa a ir embora.

Eu chamo.

– Ei, Dee – ela vira. – Da próxima vez, fale para ele vir buscar suas próprias bebidas, beleza?

Ela me fita por um momento, depois acena e desaparece no meio da multidão.

Um pouco depois, Drew me diz que ele e Jack vão farrear com as mochileiras holandesas.

– Você vem? – ele pergunta. – Jogar âncora, fazer um mergulho profundo?

Olho pela pista de dança, tentando encontrar um azul elétrico.

– Nem, estou trabalhando em algo aqui – observo Jack na 

porta, entretendo as cinco garotas, e pergunto: – Qual delas você vai pegar?

– A garota do meio parece uma trabalhadora diligente – ele ri da própria piada.

Te peguei. Rio com desdém e Drew pergunta a razão.

– Você não acha estranho que, das cinco gringas, você está atirando bem para a única morena do grupo?

Drew entende o que eu quis dizer, mas se esquiva.

– Obrigado, Sigmund. Se eu quiser ser psicanalisado, vou gastar um bom dinheiro com a droga de um terapeuta de verdade.

– Você que sabe, cara – dou um tapa em suas costas.

Depois que o Drew e o Jack vão embora, dou uma volta no bar. Vejo Dee na pista de dança com Tony Soprano Júnior, e isso me embrulha o estômago. Seus passos desajeitados e brutos fazem um contraste nítido com os movimentos espontâneos giratórios de Dee, e novamente me pego pensando na razão de ela

estar com ele.

Encontro uma mesa vazia, mas sou pego de surpresa por uma loira agressiva e falante, que está usando um suéter de caxemira de manga curta e uma saia de couro. Ela senta e não parece perceber que não estou prestando atenção a nada que ela diz.

– … e eu falei, tipo, sério, pai? Tipo, como devo me focar na faculdade com aquela mesada baixa… – A lenga-lenga continua até que uma garota morena aparece na mesa. A loirinha pega em sua mão. – Tracy! Caramba, faz muito tempo. Vamos tirar uma foto. – ela encosta a cabeça em Tracy e tira uma foto com seu iPhone. – Vou postar no meu Instagram!

Mas assim que Tracy some de sua vista, a loirinha vira para mim, o olhar furioso.

– Odeio aquela puta.

Sabe o que odeio? Falsidade. Afeto falso. É uma idiotice e uma perda de tempo. As únicas coisas falsas que aprecio são um conjunto de seios alterados por uma cirurgia estética.

Já aguentei a companhia dessa garota o máximo que posso, e depois vejo Deloris saindo do bar, atrás do perdedor italiano. Determinado a salvar a noite, pergunto para a Loirinha: – Quer sair daqui?

Ela sorri, radiante.

– Pensei que nunca fosse me pedir.

Capítulo 7

A Loirinha não quer uma carona de Ducati, então me passa seu endereço e eu a coloco dentro de um táxi antes de subir em minha moto para encontrá-la em sua casa. Estou excepcionalmente indiferente com relação à possibilidade de molhar meu pau. Essa garota é como uma salada que vem com a refeição – você vai comê-la, mas apenas porque já está na mesa à sua frente. Minha mente continua lembrando da Dee saindo do bar com aquele imbecil não merecedor.

Me lembro de como ela se movimentou na noite de quarta-feira, e dos sons

apreciativos e sensuais que tirei toda vez que me afundava dentro dela, devagar e profundamente.

Fico pensando se ele também está ouvindo aqueles barulhos irresistíveis, e isso me deixa completamente irritado. Não porque Dee está transando com outro homem, mas porque o cara não vale nada.

Pelo menos é o que digo a mim mesmo.

Me livro destes sentimentos conflituosos ao encontrar uma vaga para estacionar, a um metro, na esquina do apartamento da loira, que agora chamo de “Garota Salada”.

Ela está me esperando no pátio interno do prédio e abre a porta do apartamento no primeiro andar.

– Nossa, que frio – diz ela com um tom de voz estridente, quase irritante. – Caramba, como a temperatura caiu rápido.

Será que vai nevar mais cedo este ano? Odeio neve. Mesmo no Natal, prefiro uma praia arenosa…

Beijo-a antecipadamente, apenas para que ela pare de falar.

Ela chia dentro da minha boca antes de se recuperar e se jogar com tudo para me beijar. Sua língua se move rapidamente na minha, muito rapidamente. Não há ritmo ou sutileza. Parece que tem uma abelha sem ferrão presa na minha boca e suas asas batem violentamente na minha língua. Ela me empurra no sofá e arranca o suéter pela cabeça, revelando um sutiã bege de renda, revestindo um par de melões supergrandes.

Como disse antes, amo seios, então tento prestar atenção nesse positivo atributo, mas sua ideia de falar safadeza é uma grande distração.

– Ah, isso – geme ela, apertando os peitos. – Sou uma garota má. Você vai ser meu papaizinho? Papai vai castigar sua puta safada?

Tem tanta coisa errada com essa sentença que eu nem sei por onde começar.

Primeiro, usar *Papaizinho* acaba com uma ereção. É tão eficaz quanto estar

submerso em uma banheira de água gelada. Isso me faz pensar no meu pai e em crianças e em mil outras coisas que *não* gostaria de imaginar durante as preliminares. *Puta safada* foi um esforço corajoso – adoro isso que as mulheres hoje em dia tanto gostam de inventar nomes, de bater na bunda, de dominação. Mas sua voz infantil e rouca acaba com o momento.

A voz da Deloris é baixa, quente, inconfundivelmente feminina. Quando me implorou para comê-la ou disse *como* queria que eu a comesse, não foi algo forçado ou falso. Foi natural e real, porque ela estava tão excitada, tão cheia de êxtase do momento, que ficar em silêncio era simplesmente impossível.

Resmungo quando a Garota Salada se joga no meu colo.

Ela agarra minha camisa, mas consegue apenas me deixar com um monte de marcas no pescoço. Marcas de camisa esfregando. Em seguida, com uma surpreendente força, coloca minha cabeça entre os seios, me apertando tão forte que não consigo nem respirar. Os vikings acreditavam que morrer em uma batalha era uma "morte boa", e normalmente eu acharia a mesma coisa sobre ser esmagado por seios…

mas estes não são os peitos em que gostaria de ser esmagado. Tento virar a cabeça, conseguindo, por fim, quando aperto seu bíceps e a empurro. Levanto a cabeça e encho os pulmões de novo.

Depois, ainda segurando os braços, olho para o rosto da Garota Salada. Um nariz bonitinho, com lábios roseados molhados, e olhos azuis arredondados me observando. Ela é gostosa. Nota oito. Em qualquer outra noite, eu estaria louco aqui, mas nesta noite… não estou.

Porque os olhos que quero que me encarem são castanho-

claros com traços dourados. Os lábios que quero mordiscar são vermelhos e grossos e com as respostas mais diretas e inesperadas saindo deles. Estou mais excitado imaginando Dee na minha mente do que estive nos últimos cinco minutos com essa pessoa alternativa, sem roupas, no meu colo.

– Espera… pare um pouco. Isso não está dando certo para mim – digo a ela.

– Como assim?

As mulheres sempre falam que querem que os homens sejam honestos com elas. Vamos ver o que vai acontecer.

– Você é bonita e parece ser uma garota divertida… mas acabei de perceber… que estou a fim de outra pessoa no momento.

Ela vira o pescoço ao perguntar: – O quê?

– Sem ofensas – ela cobre seu imenso peito com as mãos.

E agora está olhando para mim. – Se ajudar você a se sentir melhor, se eu não tivesse conhecido ela antes, com certeza estaria fazendo sexo com você agora.

Ela pula do meu colo.

– Você é um canalha!

Entendo por que ela acha isso.

– Suma do meu apartamento, seu bundão!

Ela pega um porta-copos da mesa de canto, um de cerâmica bem pesado, e joga na minha cabeça. Erra na



primeira vez. Mas na segunda ele me atinge na omoplata conforme eu caio até a porta.

– Ah! Caramba, já estou indo!

– Imbecil!

Isso prova que, quem quer que tenha dito que a honestidade é a melhor política, com certeza estava mentindo.

Estaciono a moto na calçada e corro até a porta do prédio de Dee. Aperto a campainha dela uma, duas, três vezes para dar sorte. Espero uns cinco segundos, mas ninguém responde.

Em seguida, faço o que qualquer ser humano comum faria.

Pressiono o botão até que a ponta do meu dedo fica branca.

Biiiiiiippppppppppppppppppppppppppppppppppppppppppppppppppppppppppppppppppppppppppppp

Quando mesmo assim ninguém responde, entro em pânico. Ando até a calçada, embaixo da janela da frente da Deloris e coloco as mãos na boca para gritar: – Deloris! Ei, Dee, está acordada?

Por estarmos na cidade de Nova York, um vizinho imediatamente grita: – Todos estamos acordados, seu idiota!

Alguns “cala a boca” surgem de várias direções, e acho que uma mulher jogou o vaso de uma planta em mim.

Mas prefiro acreditar que aquilo foi um acidente.

Sem nenhum outro recurso, jogo a cabeça para trás e faço a minha melhor imitação de Marlon Brando.

– Stella!! Steeeellllaaaa!!!

A janela da Deloris abre. Até que enfim.

– Matthew? – pergunta, surpresa.

Coloco os dedos nos laços do cinto, fazendo uma postura serena.

– Oi – respondo. – E aí?

– Que diabos você está fazendo? – ela pergunta.

É quando percebo que meu grande plano de interromper ela e o Tony na ação… acaba aqui. *Droga*. A partir de agora, tudo será improvisação.

– Eu queria… você pode descer, por favor?

Milagrosamente, ela não manda eu me foder.

Dois minutos depois, ela está saindo para a calçada… com o João Ninguém atrás dela. Graças a Deus, ela ainda está completamente vestida com suas roupas de balada. Mas isso não significa muita coisa, principalmente porque a roupa cobre

um pouco mais do que o sutiã e uma calcinha cobririam. Só que, nesse ponto, tenho que aproveitar qualquer vantagem que tiver.

O aspirante a inteligente anda na frente de Dee e me empurra.

– Qual é o seu problema? É louco?

Em um impulso, meus punhos ficam em pose de defesa.

– Não vim aqui para brigar com você, mas você quer?

Então vamos lá.

Noto a tatuagem em seu bíceps da Virgem Maria, com *AVE*

MARIA escrito embaixo. E tomo uma abordagem diferente.

– Só estou tentando salvar meu casamento.

É, mentir é golpe baixo, mas medidas desesperadas…

Ele vira a cabeça para a Dee.

– Você é casada?

Ela está horrorizada.

– Não, não sou casada. Ele está fora de si!

Abro a carteira e mostro a foto da Mackenzie, tentando fazer uma cara de sinceridade.

– Minha família é tudo para mim. Sei que não me conhece, mas será que você poderia quebrar um galho e… ir embora?

Agora Dee ficou completamente irritada. Ela empurra meu ombro e se vira para o refugo de Jersey Shore.

– Mickey, essa não é minha filha e ele não é meu marido.

Ele responde.

– Meu nome é Mikey.

Fico aliviado em ver que não sou o único que está tendo problemas com nomes esta noite.

Dee pergunta, frustrada: – E daí?

Para a maioria dos homens, isso não importa, não ligamos se vocês gritam o nome do Papa enquanto estamos no bem-

bom. Mas, aparentemente, “Mikey” não faz parte da maioria dos caras. Porque ele levanta as mãos como se estivesse se rendendo.

– Isso é demais para mim. Estou fora.

Ele então vira as costas e vai embora.

Observo sua saída com deleite. Depois viro para Dee e aponto o dedo pelo ombro.

– Algumas pessoas são tão bobas.

Aí ela me dá um soco – bem na boca.

Tropeço para trás e sinto gosto de sangue. Deloris pode ser pequena, mas consegue acertar em cheio. Aponta e sacode o dedo, criticando: – Não sei que merda é essa, mas isso *não* está certo!

Tiro a mão da boca machucada e deixo-a de lado. Minha mente está vazia – nenhuma cantada ou resposta maldosa à vista. Então tudo o que consigo fazer é questionar: – Por que você não gosta de mim?

– O quê?

– Nós nos divertimos, o sexo foi gostoso, rimos, mas agora você não quer mais saber de mim.

– Isso é algo novo para você?

Bufo.

– Merda, é, é sim. Todo mundo gosta de mim. Sou um cara ótimo.

Dee massageia a testa com as pontas dos dedos do jeito que minha mãe fazia quando ela tinha uma crise de dor de cabeça. Depois suspira e admite: – Tudo bem… na verdade… não é você, sou eu. Eu sou o problema.

Meus olhos se enrugam de repugnância.

– Ah, caramba, está falando sério? Estou praticamente abrindo meu coração aqui e você não se importa nem mesmo de inventar uma mentira decente?

Dee solta os braços.

– Estou falando a verdade. Eu gosto de você. Você é muito legal, muito engraçado e é fantástico na cama. Mas eu… sou uma pessoa mais contente quando não estou em um relacionamento. Quando entro em um relacionamento sério com alguém… fico um pouco doida.

– Quem falou sobre relacionamento? Vamos apenas…

continuar nos divertindo. Ver o que acontece. Nós não vamos viajar para Las Vegas e nos casar.

Isso seria ridículo.

Dee mexe a cabeça.

– Você não entende. Nunca termina bem. Isso não será diferente, Matthew. Eu costumava achar que eram os homens que eu escolhia, mas finalmente aceitei o fato de que sou eu. Eu transformo os bonzinhos em maus. Sou tipo…

uma bomba de pênis. Transformo homens em idiotas gigantescos. *Sou* a garota que um dia sua mãe aconselhou para ter cuidado… Más notícias.

Ela está com o rosto tão sério que não consigo deixar de rir.

– Não, você não é.

– Você não me conhece.

– Mas o que conheço até agora é muito legal.

Ela começa a negar o que disse, mas insisto.

– Você está pensando demais nisso. Podemos ter uma amizade colorida se você achar melhor. Novos amigos com benefícios fabulosos. Serei o arranhão para sua coceira… o homem para o qual você liga às duas da manhã para transar.

Somente… não transe com qualquer outro homem, você não vai precisar.

Ela começa a mexer a cabeça. Até que a lembro: – E o mundo pode acabar amanhã, lembra? Talvez os alienígenas invadam… aquecimento global… temos que viver o agora, pois nunca se sabe quando iremos desaparecer.

Estendo a mão.

– Me dê uma chance, Dee. Não vou te decepcionar.

Seus olhos cor de mel parecem pensativos ao ver a minha mão.

– Deus, você é bom.

Rio e apenas digo: – Foi o que ela disse.

Dee gargalha.

Ela segura minha mão, que se encaixa perfeitamente na dela.

Como dois adolescentes na escola se apaixonando pela primeira vez, ficamos parados por alguns momentos, apenas sorrindo. Sem dizermos nada, viramos e andamos até o apartamento.

Dee diz, muito séria: – Ei, Matthew?

Arqueio a sobrancelha.

– Quando não aguentar mais? Lembre-se de que eu te avisei, certo?

Não sei com quais homens idiotas e ferrados Dee tem saído, mas esse tipo de conversa me deixa irritado. Vou provar que ela está errada e tornar o clima menos pesado.

Então, me abaixo e sussurro: – Você é muito linda para eu me cansar.

Deloris revira os olhos. E eu fico com a impressão de que ela está pensando que estou brincando com a cara dela.

Acho que terei que ficar chamando-a de linda até ela acreditar nisso.

Capítulo 8

Acordar em uma casa que não é a sua é sempre um pouco desnorteante. Meus olhos abrem com a luz do sol reluzindo pelas cortinas roxas transparentes, em um quarto bagunçado cheio de roupas. Ontem à noite, nós conversamos um pouco mais depois de entrarmos no apartamento. No fim das contas, ela não transou com o cara. Disse que ele passou a maior parte do tempo em seu apartamento no telefone com um amigo. *Idiota*. Ela me perguntou se teria me incomodado caso tivesse acontecido, e minha resposta foi positiva.

Mas… eu teria superado.

Coloco uma cueca boxer e sigo o cheiro de bacon e o som da música vindo da cozinha. Dee está em pé no fogão de costas para mim, cantando “Beneath Your Beautiful”, que está tocando no rádio, instalado atrás do armário.

Ela tem uma voz adoravelmente terrível – fora do tom e desafinada –, como gatos cruzando. Seu cabelo loiro avermelhado está preso com *hashis*, ainda com luzes coloridas da noite passada, e ela está vestindo apenas minha camisa azul desabotoada. Assim que a música termina, aplaudo.

Ela se vira, com uma espátula na mão: – Bom dia.

– Camisa bonita.

Ela encolhe os ombros.

– Já que estou te fazendo café da manhã, decidi seguir o clichê e usá-la.

Chego mais perto e lhe dou um beijo suave nos lábios. Ela sorri, com vergonha.

– Está com fome?

– Faminto.

Dee me dá dois copos de suco de laranja e pega uma travessa de bacon e ovos mexidos do balcão. Sentamos na mesa pequena de apenas duas cadeiras e atacamos.

– Está gostoso – comento.

– Bacon de peru orgânico. É como crack. Depois que experimenta, nunca mais vai querer o de porco novamente.

Enquanto comemos, aproveito para dar uma checada no lugar, já que antes estava muito preocupado em fazê-la sentir prazer. É mais organizado do que eu esperava, e eclético.

Uma cadeira reclinável vermelha, cujo tecido já teve dias melhores, está posicionada perto de uma mesa redonda com um tampo de mosaico, junto com um sofá bege que parece confortável, com um cobertor marrom e suave jogado no encosto. Almofadas florais de todas as formas estão espalhadas, e um abajur alto com uma cúpula decorada na borda está no canto. Apenas alguns porta-retratos decoram as paredes – um deles é de Deloris parada ao lado de uma mulher magra com a mesma cor de cabelo, que penso ser a mãe dela. O outro é de quando tinha uns treze anos, com um



braço ao redor dos ombros de uma Kate Brooks com aparelho nos dentes, e o outro no garoto de cabelo castanho, que deve ser o primo de Dee. Os três estão de patins.

Engulo uma garfada de ovos de dar água na boca e pergunto: – O que você vai fazer hoje?

– Preciso ir numa feira no Brooklyn… mas, além disso, nada.

– Quer passear?

– Pode ser.

– Vamos até meu apartamento porque preciso tomar um banho e tenho que dar uma passada rápida em outro lugar, mas depois o que acha de irmos ao Central Park?

A beleza de viver na cidade é que tem sempre algo para se fazer. Mesmo que sua

bunda esteja sentada no banco de um parque e você esteja alimentando os pombos, parece que você está fazendo alguma coisa.

– Boa ideia. Vou me trocar.

Trinta minutos depois, a Dee acabou de tomar banho e está saindo do prédio com o cabelo em um coque, usando um tomara que caia prateado, uma calça de couro preta e saltos altos com decoração de tigre. Tive sorte de minha moto, que estava estacionada em local proibido, não ter levado multa ou sido guinchada. Dee olha para a moto, apreciando-a. Passa a mão no banco e me lembra de como ela passou a mão na minha barriga, indo cada vez mais para baixo. Pego a mão dela e beijo sua palma.

– Não passe a mão desse jeito, a não ser que realmente queira.

Ela fica na ponta dos pés e sussurra no meu ouvido: – Eu sempre quero.

Tiro um capacete da sacola na parte de trás da moto e coloco na cabeça de Dee, afivelando-o sob o queixo. Ela é a mistura perfeita de sensual e adorável, sexy e fofa. Se pudesse, eu a comeria aqui no meio da rua.

Ela sobe na moto e pisca: – Me leve para um passeio, Matthew.

Ligo o motor.

– Segure-se.

Nem toda garota sabe dar um passeio de moto. Uma ou duas já me apertaram tão forte que deixaram marcas das unhas e cortes nos lados. Teve uma vez que uma garota não segurou forte o bastante, pois estava muito ocupada mandando beijos e acenando com as mãos no ar, e quase me fez ter um ataque do coração quando caiu deslizando pela parte traseira. Graças a Deus, não se machucou. Dee me aperta do modo certo: um braço ao redor da minha cintura, a outra mão na minha coxa, uma esplêndida sensação de seus peitos pressionados contra minhas costas e seu queixo na minha omoplata.

Com certeza vou levá-la para um longo passeio uma vez depois da outra. Dos dois tipos.

Ao chegarmos ao prédio, estaciono na plataforma particular e vou até o saguão.

Deloris admira a impressionante arquitetura enquanto busco as cartas.

Quando entramos no apartamento, digo a ela para se sentir à vontade como se estivesse em sua própria casa e tomo um banho. Me seco, visto um jeans e uma camisa xadrez. Deixo-a desabotoada por enquanto, e vou até a sala de estar procurar pela Deloris. Ela estava olhando na janela.

– Acho que vou te chamar a partir de agora de Upper West Side – diz ela, com um sorriso malicioso.

– “Deus” é muito mais preciso.

Ela vai até a estante de livros.

– Fotos lindas.

Ela está olhando para uma que tirei no ano passado da Mackenzie mandando um beijo para a câmera. A iluminação realçou o brilho de seus olhos de bebê.

– Esta é a Mackenzie – explico. – Aquela sobrinha de quem te falei na noite de quarta-feira… que, na verdade, nem é – aponto para outra foto ao lado daquela. – E esses são meus pais. – É uma foto preta e branca: minha mãe parece, sem dúvida alguma, alegre, meu pai distraidamente ranzinza; são as expressões faciais que eles têm diariamente.

Pego minha máquina fotográfica, garantindo que tenha um filme extra, verificando as lentes.

– Você tem um quarto escuro? – ela pergunta.

– Na verdade, tenho.

Um olhar, com o qual estou começando a me familiarizar, aparece em seus olhos, que diz que ela está excitada.

– Você vai me mostrar?

Deixo a câmera e levanto o braço.

– Vem comigo.

Oficialmente é um closet, mas não tem janelas e é grande o bastante para uma prateleira de substâncias químicas e uma mesa com uma fila de fotos para revelar. Está pouco iluminado – óbvio –, com um tom de tinta marrom. Fecho a porta atrás de nós, assim que Deloris dá uma olhada em tudo. E aquele sentimento de brincar de sete minutos no céu de quando tinha treze anos me pega. Mas o céu, naquela época, nunca foi tão bonito assim.

Os olhos de Dee me medem dos pés à cabeça.

– Você tem ideia do quanto isso é sexy, Matthew?

– Um pouquinho – admito.

Ela me empurra com o corpo e minhas costas batem na porta fechada. Beija meu queixo e depois o arranha com os dentes.

– Você vai tirar uma foto minha algum dia? – ela dobra os joelhos e desliza até meu peito, com as mãos quentes deixando um traço de calor conforme examinam meu peito e barriga.

Engulo.

– Eu, com certeza, vou tirar uma foto sua.

Ela ataca minha barriga com beijos suaves.

– Seremos como um Jack e uma Rose do *Titanic*, porém modernos.

Agora dando respirações fortes, digo: – Jack era uma mulherzinha. Se fosse eu, teria prendido, amordaçado e arremessado a Rose em um bote salva-vidas.

Porque aí teria conseguido entrar depois dela.

Gostaria de ressaltar que, se a Rose tivesse feito o que Jack pediu que ela fizesse, *os dois* teriam sobrevivido.

Dee molha os lábios com a língua e puxa meu jeans até o quadril, deixando meu pau duro livre. Envolve a mão em volta da base, impulsionando lentamente.

– Até que você tire aquelas fotos minhas e as revele aqui, quero que você lembre

disso na próxima vez que estiver neste quarto.

Ainda impulsionando a base, ela cobre a ponta com os lábios, chupando gentilmente e lambendo com a língua. Jogo mais peso na porta – meus joelhos começam a perder força.

Ela tira a boca, despe o prepúcio e me coloca completamente dentro dela.

E não consigo fazer outra coisa a não ser gemer.

– Nooooosssa.

Sua boca está quente e molhada e tão apertada que 

pontos brilhantes aparecem na escuridão de meus olhos fechados. Devagar, ela aumenta a sucção da boca e a velocidade da mão – desço uma mão e puxo seu cabelo.

Dee gira a cabeça ao meu redor e imploro: – Mais rápido…

Ela faz o que peço e sua cabeça balança mais rapidamente, me deixando mais perto de gozar cada vez que ela encosta a boca. Ofego.

– Dee… isso… vou gozar… – ela me chupa ainda mais e depois gozo, gemendo de cansaço, apertando seu cabelo com o punho, tentando não puxar. Assim que ela me solta, caio no chão, ofegante, como se tivesse acabado de completar a maratona de Nova York.

Pego Deloris e a coloco em meu peito. Beijo seu pescoço, suas bochechas e, por último, sua boca, cuidadosamente.

– Vou me lembrar disso por um bom tempo.

– Missão cumprida.

– Você está brincando, né?

Tiro o capacete e o prendo na moto.

– Não, estou falando sério.

Dee ainda não desceu da moto.

– Vou esperar aqui fora, se não tiver problema.

– Vamos, já estamos na metade do caminho, só tenho que deixar meu envelope.

– Nunca ouviu o ditado: “Tão nervosa quanto uma puta numa igreja”?

– Pare com esses comentários autodepreciativos. Se esse é o padrão, eu deveria estar me cagando de medo. Vamos.

– Tenho que tomar sangue?

– Apenas se for batizada.

Se você ainda não descobriu, estamos na igreja St. Mary.

Hoje é domingo, dia de ir à igreja, mesmo se for apenas para chegar no finalzinho da missa. Acredito que algo terrível poderá acontecer se eu não for.

Doze anos estudando em uma escola católica fazem isso com uma pessoa.

Arrasto Dee para o vestíbulo. Ela anda com cautela, como se estivesse entrando numa casa mal-assombrada.

Um cavalheiro de terno e cabelo grisalho aparece pelas portas duplas, segurando um cesto cheio de coisas.

Momento perfeito. Coloco meu envelope dentro dele e faço reverência com a cabeça conforme a voz do padre ecoa pelas caixas de som do salão principal, chegando à ultima benção.

Dee observa, copiando minha postura ao meu lado. Antes do padre terminar, um tumulto de pés barulhentos vindo das escadas do subsolo chama minha atenção. Pela porta lateral, Irmã Beatrice Dugan entra na antecâmara com uma dúzia de alunos da catequese de domingo vindo em duas filas atrás dela.

A Irmã B foi a minha primeira experiência sexual. Bem…

minha primeira experiência autossexual. Ela foi a primeira de todos nós – o mais perto que Drew e eu chegamos de fazer um *ménage à trois*.

Espera, esta última parte foi nojenta, esquece que eu disse isso.

De qualquer modo, a puberdade é um período confuso para um menino. Ter uma professora completamente gostosa que é uma freira fez isso se tornar ainda mais confuso. Perdi o controle ao descobrir pela primeira vez as alegrias da masturbação. Infelizmente, eu não apenas “descabelei o palhaço”; eu, literalmente, estrangulei o babaca. Foi assim que, aos treze anos, acabei sendo diagnosticado com SPF – Síndrome do Pênis Friccionado. Não preciso explicar mais sobre isso, né?

Minha mãe pode ter acreditado na explicação do médico de que minha SPF foi causada porque fiquei muito tempo com um traje de banho molhado no corpo, mas meu pai com certeza não caiu nessa. Em uma de nossas conversas mais afetuosas, ele me disse que não devo ter vergonha de me masturbar, que era como eletricidade, ou seja, Deus não teria nos dado isso se não quisesse que a usássemos. Mas, como todas as outras coisas, moderação é a chave. Eu me acalmei depois daquele papo e consegui me comprometer com um autoprazer regular, sem uma lesão com dores.

A Irmã B silencia as crianças alegres com apenas um olhar.

Em seguida, com um sotaque irlandês que o tempo não diminuiu, diz: – Matthew, como você está, meu querido?

– Melhor impossível, Irmã B.

– Melhor impossível e ainda assim continua atrasado para a missa? Tsc-tsc.

Encolho os ombros.

– Melhor chegar atrasado do que não vir.

Ela sorri.

– É, acho que você está certo, apesar de que rezar alguns Pais-Nossos orando por pontualidade pode ser adequado.

Vi seus pais na missa mais cedo, eles parecem muito bem como sempre.

Aceno. Depois me viro para a Dee e digo: – Deloris, esta é a Irmã Beatrice,

minha professora do primário. Irmã B, esta é Deloris Warren.

A Irmã B a cumprimenta: – Prazer em conhecê-la.

Dee acena.

– Oi.

Irmã Beatrice arqueia a sobrancelha.

– Você não parece estar se sentindo bem, querida. Por que está assim?

Dee fica inquieta.

– É que… eu não sou católica. Nem um pouco.

A Irmã B dá um tapinha em seu ombro e com uma voz 

silenciosa diz: – Não tem problema algum. Jesus também não era.

Ao chegarmos ao Central Park, pego minha câmera e tiro algumas fotos ótimas da Dee perto da fonte. Tiro outras com o tema “natureza” das folhas caindo das árvores. Depois deitamos um ao lado do outro numa manta em um local gramado, nos esquentando com o sol quente da tarde de outono. E fazemos perguntas – aquelas aleatórias e inadequadas que são sempre divertidas e ótimas para conhecer alguém.

– Já foi preso? – Dee pergunta, enquanto brinca com os botões da minha camisa xadrez.

– Ainda não. E você?

Ela sorri.

– Presa, mas nunca condenada.

Ela me conta sobre a vez em que ela, seu primo e Kate foram pegos muitas horas depois de terem invadido a pista de patinação da cidade e tiveram que ser levados para casa pelo xerife. Sua mãe não ficou nada feliz.

– Já transou em algum local público? – pergunto, uma parte porque estou curioso… e outra porque quero ter alguma referência para o futuro.

– Hummm… local público sim, mas acho que ninguém nos viu.

Passo os dedos no cabelo dela, com a luz do sol realçando as luzes vermelhas, fazendo ele ficar parecendo mais flamejante do que dourado.

– Já transou em uma moto? – ela pergunta.

Espero que seja para ter alguma referência para o futuro também.

– Sim. Mas não é tão fácil quanto parece. Porém, acho que é algo que todos deveriam tentar fazer pelo menos uma vez.

– Em seguida, pergunto: – Qual é a sua cor favorita? E como você toma seu café?

– Não tenho uma cor favorita, muda muito, dependendo do meu humor. E não bebo café. Tento ficar longe de cafeína porque faz mal para a pele.

Dee é uma *gourmet*. Ela mencionou algo sobre ir a uma feira no Brooklyn mais tarde para estocar erva-doce, capim-santo e algumas outras porcarias que só ouvi falar quando fui a alguns restaurantes *gourmet*, nos quais a apresentação é mais importante do que o gosto. Eu não acho que isso é o significado de uma boa refeição. Mas ela me garante que sua granola feita em casa não é em nada parecida com comida de coelho.

– Alguém na sua família é católico fervoroso?

Rio.

– Fervoroso é uma palavra forte, mas todos nós vamos à igreja – penso um pouco mais sobre isso e digo: – Bem, todos menos Drew. Exceto casamentos e batismos, ele nunca botou os pés em uma igreja, de boa vontade, desde que éramos crianças.

Ela se vira de bruços, relaxando o queixo no meu peito.

– O que fez ele se tornar a ovelha negra? Encontrou uma tatuagem de 666 na

cabeça ou algo do gênero?

Sorrio, porque tenho certeza de que alguns de nossos professores ordenados também tinham a mesma opinião.

– Não. Drew e Deus tiveram uma briga quando tínhamos uns dez anos. Foi o ano em que a mãe do Steven, a Janey, foi diagnosticada com câncer de mama. Nossos pais nos sentaram e contaram que ela estava doente, que ela iria se tratar com os médicos e que tínhamos que rezar o quanto pudéssemos para que o tratamento desse certo. Drew não aceitou bem as notícias. Ele não conseguia entender por quê, com tantos idiotas no mundo, Deus teve que deixar alguém tão boa quanto a Janey com uma doença terminal.

Enfim, ela fez quimioterapia e, com o tempo, acabou entrando em estado de remissão. Mas, quando estávamos no ensino médio, o câncer voltou com tudo e ela se foi em dois meses.

Ela foi a primeira pessoa que eu conhecia que morreu.

Quando nasci, meus avós já tinham falecido há muito tempo.

Minhas tias e tios ainda continuam vivos, mas Janey foi embora aos 39 anos. Mesmo quando criança, para mim já parecia ser muito jovem.

Deloris fica cabisbaixa por compaixão.

– Mas o grande problema veio no funeral dela. O pai do Steven, George, ficou acabado. E, infelizmente, inútil. Isso fez com que todas aquelas coisas pesadas ficassem nas costas do Steven. Ele tomou as grandes decisões, foi o anfitrião para os convidados durante os três dias de velório.

Ele tinha 16 anos… começou a sair com Alexandra alguns meses antes de Janey falecer.

Observo um bando de três pardais voarem em uma sincronia perfeita enquanto continuo a jornada pela pista de memórias.

– Então, no dia do velório e do enterro, houve uma visita prévia apenas para os parentes mais próximos. Steven queria chegar lá primeiro para poder passar um tempo a sós com sua mãe. Drew e eu fomos com ele para dar apoio moral. O

padre na St. Mary naquela época era o padre Gerald, ele era muito tradicional, do tipo arrogante e idiota, sabe? Ele entrou onde estávamos nós três sentados e disse ao Steven que sua mãe morreu porque não era pura. Que se ela tivesse sido mais santa, Deus a teria salvado. Aí disse que a morte dela era também um sinal de falta de fé. Que se tivéssemos acreditado mais, Deus teria respondidos às nossas orações.

A boca de Dee cai aberta.

– Isso é terrível. O que o Steven disse?

– Nada. Ele estava muito chocado, muito acometido pela tristeza para dizer alguma coisa. Drew, no entanto, sempre foi muito rápido em replicar. Ele levantou, ficou de frente com a cara feia do padre Gerald e disse: “Vai se foder, padre, você e o burro em que você cavalgou. Não tem por aqui algum coroinha que você devia estar empanturrando de vinho de sacrifício para conseguir transar?”

Dee levanta os cantos da boca um pouco.

– Quanto mais escuto falar nesse Drew, mais começo a gostar dele.

Concordo com a cabeça.

– O padre Gerald ficou, tipo, completamente roxo e estava pronto para dar um soco no Drew quando John, Anne, George e meus pais chegaram. Gerald se segurou, mas no outro dia tentou expulsar Drew da escola. Disse que se Drew não se desculpasse, faria com que ele fosse expulso. Apesar de John não gostar do que o padre tinha dito, queria que o Drew se desculpasse por ter sido mal-educado. Mas ele não dava o braço a torcer, recusava-se a se desculpar para um “puto do mal”. Aí Anne começou a chorar. Ela chorava soluçando, pensando como Drew ia arruinar a vida se fosse expulso da escola, e se questionava no que tinha feito de errado. Foi quando Drew desistiu, porque ele não aguentava ver a mãe chorando por causa dele. Então ele escreveu uma carta pedindo perdão para o padre Gerald e fez todo tipo de atividade extra que o filho da mãe deu para ele como castigo.

É por isso que o Drew consegue citar a Bíblia palavra por palavra, pois Gerald fez com que ele a copiasse, até o último sinal de pontuação, todo dia depois da escola. De qualquer modo, quando o castigo dele chegou ao fim, Drew estava

convencido de que o catolicismo era apenas um mercado negro e de que Deus não se importa nem um pouco com a gente.

Dee mexe a cabeça e me olha pensativa.

– Mas você não acredita nisso?

– Não, não acredito. Perguntei para a irmã Beatrice se o que o padre Gerald disse era verdade. Que, se tivéssemos tido mais fé, Deus teria respondido às nossas orações.

– O que ela disse? – pergunta Dee.

Com o meu melhor sotaque irlandês, respondo: – Ela disse: “Matthew, meu querido, o Senhor responde a todas as orações… mas, às vezes, a resposta é um não”.

Dee pensa naquilo por um instante e diz: – Bom… isso é uma merda.

Sorrio.

– Foi o que eu disse também.

Depois penso em voz alta: – E você? Você cresceu em um mundo religioso?

– Sim, acho que sim. Minha mãe sempre acreditou em algo além. Um pouco de mormonismo aqui, uma parte protestante ali, mas nunca se prendeu a nada. Ela já se interessava pela cabala muito antes da Madonna fazê-la se tornar famosa.

Hoje em dia tem curtido o budismo, que também deu certo para a Tina Turner.



Quando andamos até a minha moto, já é finalzinho da tarde. Coloco a manta dobrada e a câmera no compartimento do banco. O cheiro de cachorros-quentes frescos com pimenta vindo do carrinho na calçada chega até meu nariz, fazendo meu estômago resmungar. Pego a carteira e pergunto para a Dee: – Quer um?

Ela olha para o cachorro-quente como se fosse uma arma carregada: – Ah… não. Prefiro viver mais do que cinquenta anos, obrigada.

Peço o meu com pimenta extra e depois respondo: – O cachorro-quente de calçada é Nova York.

O mesmo pode ser dito sobre pedaços de pizza.

– O cachorro-quente de calçada é uma parada cardíaca em um pão. Você sabe quantos nitratos têm nele?

– Mas é isso que o torna tão bom. Sabe, para alguém que alega ser toda *carpe diem*, você tem muitas restrições.

Ela se rende.

– Ok, tudo bem… – ela diz para o vendedor. – Por favor, me dê um.

– Quer pimenta? – pergunto.

– Claro. Se vai aprontar, apronte grande, certo?

Sorrio.



– Gosto de como pensa.

Ficamos parados perto da moto comendo nossos lanches.

Quando Dee termina o dela, um pouco de molho fica em seu queixo. Ao invés de apontar, cuido dele com minha boca.

– Hummm… – estalo os lábios. – Fica ainda melhor em você.

Ela ri. É um ótimo som.

Nossa última parada é na feira no Brooklyn. Ela não tinha como levar muita coisa por causa da Ducati, mas Dee me disse que eu estar com ela lá valia a segunda jornada que teria que fazer mais pra frente na semana. Ajudo-a a levar as compras até o apartamento, e estou quase chamando-a para jantar quando ela coloca os braços em volta de mim e me dá um beijo forte na boca.

O jantar pode esperar.

Jogo as sacolas no chão e vou logo até sua bunda.

Aperto e a apalpo. Sua calça preta é uma barreira pequena, mas irritante. Ela coloca as mãos em meu cabelo enquanto eu a levanto e coloco suas pernas em volta da minha cintura, dando ao meu pau duro o contato que ele tanto queria.

Chupo seu lábio inferior enquanto suas mãos massageiam meus ombros, as pontas de seus dedos quentes relaxando onde passam. Arranho com os dentes sua mandíbula e balanço nós dois, apertando as costas de Dee na geladeira.

Ela geme quando nossos quadris se esfregam e amolam.

Nós dois estamos ofegantes enquanto eu mordisco seu pescoço. Em seguida, ela geme – Matthew… Matthew, preciso…

Meus lábios se movimentam em sua pele quente: – Caramba, eu também…

– Eu vou…

Antes de me dar conta, Dee some do meu alcance e me derruba de bunda na pressa de sair pelo corredor. Me deito no chão, respirando profundamente, tentando processar que raios tinha acabado de acontecer, quando um inconfundível som de vômito vem do banheiro.

Acho que você não estava esperando por isso, né?

Somos dois.

Meu estômago fica embrulhado enquanto ando pelo corredor – o som do mal-estar da Dee me deixa completamente enjoado. Coloco a mão no batente da porta: – Você está bem?

Ela está sentada em frente ao vaso sanitário, com um papel cobrindo seus lábios e de olhos fechados.

– Parece que estou bem, gênio?

– Não.

Ela geme… mas não do melhor jeito possível.

– Você e seus cachorros-quentes apimentados idiotas.

Acho que eles estavam estragados.

Como qualquer homem sendo acusado, eu me defendo.

– Eles não estavam estragados. Se eles estivessem estragados, eu…

Não consigo nem terminar a frase. Porque um calor chega em meu rosto e meu estômago se embrulha, então corro para mergulhar no cesto de papel plástico que está no canto.

O que faz com que a Dee vomite ainda mais.

Lembro-me de Lardass e sua história de vômito em *Conta Comigo*. Eu provavelmente estaria me matando de rir da situação toda se não estivesse me sentindo completamente ridículo.

Depois de um tempo, nos arrastamos até a cama e nos deitamos um perto do outro: eu todo esticado e a Dee em posição fetal.

– Isso é sua culpa – Dee choraminga.

– Você está certa. Você está completamente certa.

– Eu te odeio. Não, isso não é verdade, eu gosto muito de você. Acho que estou morrendo, Matthew.

– Você não está morrendo. Mas talvez eu esteja.

Apesar de, às vezes, sermos mais resistentes do que as mulheres, sabe-se que os homens ficam dez vezes piores doentes. Basta perguntar para seu marido ou namorado.

Dee abre a gaveta do criado-mudo, empurrando a cama enquanto tira algo de lá.

– O que está fazendo? – resmungo. – Para de se mexer.

É a primeira vez na vida que digo isso para uma garota.

– Estou escrevendo um bilhete para a Katie te mandar preso por homicídio culposo caso eu morra… e o cara do cachorro-quente como cúmplice.

– Você é fria, Deloris.

– É melhor que você saiba disso agora – Dee diz, chegando mais perto de mim. Faço círculos em suas costas para tentar acalmá-la até que ela se vira e coloca minha mão na dela. E ficamos assim até cairmos no sono.

Capítulo 9

É impressionante o quanto você pode se sentir mais íntimo de uma pessoa depois que sofreram juntos a tortura de uma intoxicação alimentar, durante vinte e quatro horas.

Esse tipo de intimidade pode demorar meses, ou até mesmo anos, para se conseguir. Agora conheço a expressão de Dee gozando e vomitando.

Nós dois acordamos na segunda-feira de manhã nos sentindo mal, ainda enjoados. Tomamos banhos separados e peguei emprestado uma calça de moletom do primo dela.

Normalmente, teria problemas em utilizar a roupa de outro cara sem cueca por baixo, mas esta estava limpa e guardada no fundo do armário da Dee, então o período de tempo desde a última vez que Warren a usou torna tudo isso ok.

Além disso, só de pensar em vestir as roupas da noite passada me dá nojo.

Deloris senta perto de mim no sofá, com os pés em uma pantufa de coelho em cima da mesa de centro, e um roupão fofo e roxo que ficaria anos-luz longe de ser sensual em outra garota. Mas, por saber que não tem nada por baixo dele, apenas uma pele nua, fica muito sexy.

Dou uma olhada na televisão e tentamos entrar em acordo quanto a qual filme assistir. O problema é que Deloris tem uma vagina, portanto seu gosto por filmes varia de horrível para não existente.

Não bufe para mim – estou apenas declarando o que todo homem no mundo sabe. Sabe qual é a razão de filmes porcarias como *O Paciente Inglês* e *O Discurso do Rei* ganharem prêmios no Oscar? As mulheres têm tesão pelo Ralph

Fiennes e pelo Colin Firth. É claro que *Coração Valente* ganhou diversos prêmios bem merecidos, mas não foi apenas por ser um filme perfeito. Lembram-se do Mel Gibson? Já disse o bastante.

Dee defende a sugestão de um filme de menininha horrível.

– Gosto de filmes sobre melhores amigos, eles são fortalecedores. *Thelma & Louise*, *Amigas para Sempre* e *Flores de Aço* : este é o meu favorito. Sempre imagino eu e Kate como Ouiser e Claire quando ficarmos mais velhas.

– O que é uma Flor de Aço? Na verdade, melhor ainda, que droga é um *Ouiser?*

Ela me olha surpresa e horrorizada.

– Nunca assistiu a *Flores de Aço* ? Você é mesmo humano? Foi um dos primeiros filmes da Julia Roberts.

Levanto uma mão ao me opor.

– Não, não vou assistir de jeito nenhum a um filme com a Julia Roberts! Drew passou um ano todo assistindo Julia Roberts quando era criança e ainda não se recuperou. Até agora as falas de *Uma Linda Mulher* saem de sua boca fora de controle. Não vai rolar.

– Então o que vamos assistir?

Rolo pela barra de filmes para comprar até que vejo um ganhador.

– *Conan, o Bárbaro* . A melhor história de amor já contada.

Ela enruga o nariz.

– Normalmente, eu adoraria um colírio tipo o Schwarzenegger, mas não estou a fim. Vamos assistir a *Flores de Aço.*

Mexo a cabeça.

– Não. Serão duas horas da minha vida que nunca mais recuperarei.

Deloris coloca os pés embaixo dela e fica de joelhos. Um sorriso astucioso e persuasivo aparece em seu rosto, que agora reconheço como um sinal de que ela

está a fim de se manter ocupada. Ela se debruça em mim; jogo a cabeça para trás para manter contato visual.

– Está se sentindo melhor, Matthew? Pois estou me sentindo muito melhor.

Faço um rápido resumo mental das minhas capacidades.

– Sim, estou bem.

Ela abre um sorriso maior, mais sugestivo.

– Então vamos apostar algo. Quem conseguir fazer a outra pessoa gozar primeiro pode escolher o filme. O que acha?

Está claro para mim por que a Deloris é uma química tão bem-sucedida. Ela tem uma mente extraordinariamente



inovadora.

Mordo meu lábio inferior, pensativo.

– Acho que esta é uma aposta que vou amar ganhar.

Ela volta ao normal e lentamente abre o roupão.

– Não tanto quanto eu vou adorar te ver perder.

Cheguei perto. Se estivéssemos na NASCAR, teria sido u m *photo finish*, apenas alguns segundos de diferença.

Mas… a Dee foi a vencedora. Ela conseguiu escolher o filme. Embora eu não estivesse realmente triste chorando com a derrota. Já que é pra perder uma aposta, é melhor que seja assim.

Enfim, *Flores de Aço* está em andamento. E apenas reforça o que acho sobre mulheres e filmes, porque droga nenhuma está acontecendo no filme. Ele começou com um casamento e agora parece que a Julia Roberts vai morrer. Fora isso?

Apenas um bando de garotas conversando, arrumando o cabelo e conversando

um pouco mais.

Dee senta ao meu lado completamente atenta enquanto a mulher do *Agarre-me se Puderes* , que faz a mãe da Julia Roberts, começa a conversar com os amigos no cemitério. O

nariz da Dee já está vermelho e seus olhos estão com lágrimas. Volto ao filme e escuto a mulher começar a gritar e chorar e falar como seu neto nunca ficará sabendo o quanto sua mãe o amava.

E do nada, começo a pensar em Mackenzie. Se, Deus me livre, algo acontecesse com Alexandra, como Mackenzie se sentiria. Quem contaria a ela, como ela enfrentaria tudo.

Steven é ótimo, um pai maravilhoso, mas uma mãe, principalmente uma mãe feroz como Alexandra, esse tipo de amor é diferente. É fora do normal.

Insubstituível.

Apesar de o apartamento da Dee não parecer empoeirado, um pouco de pó deve ter entrado nos meus olhos. Esfrego-os para tentar tirar a irritação.

Acabo fungando. *Porcaria de alergia.*

– Você está chorando? – Dee pergunta, surpresa e rindo.

Indignado, viro para ela.

– Não, não estou chorando.

Em seguida, volto a olhar para a tela da televisão. Lá, a pobre e entristecida mãe da Julia Roberts está gritando que está bem, quando é óbvio que não está. E fala sobre todas as coisas que ela pode fazer, que sua filha nunca pôde.

Caramba, isso é muito depressivo.

– Porra, isso é muito triste! – digo sem pensar enquanto aponto para a televisão. – Como você pode conseguir assistir a essa porcaria e não querer se matar com uma arma de calibre doze?

Dee cobre a boca e ri dentro das mãos.

– O fato de ele conseguir me fazer chorar é uma das razões para amá-lo tanto.

Bom, isso? Isso é como dizer que eu amo a mesa no hall de entrada da casa dos meus pais porque vou bater meu dedinho toda vez que eu passar por lá sem sapatos.

– Por quê?

Ela encolhe os ombros.

– Às vezes é bom chorar. É catártico. Nunca chorou assistindo a um filme?

Me sinto ofendido por ela ter até mesmo sentido vontade de perguntar isso.

Mexo a cabeça, mas depois paro ao me lembrar.

– *Rock y III*, *O desafio supremo* . Chorei durante *Rock y III*, mas não conta. Qualquer pessoa que não se sinta chocado quando Mickey morre, não tem uma alma.

Ela encolhe os ombros.

– Nunca assisti.

– Você está perdendo muita coisa. Já assistiu *O*

Predador?

Ela mexe a cabeça.

– O *Fuga de Nova York* original?

Outra resposta negativa.

– *Os Selvagens da Noite*?

– Não.

Depois me vem à mente um pensamento.

– Mas calma aí, seu primo cresceu com você e com sua mãe, né?



– Desde que eu tinha uns seis anos.

– Vocês moravam com um menino, então como nunca assistiram a nenhum desses clássicos? – pergunto, apesar de estar quase certo de que sei a resposta.

Dee encolhe os ombros.

– Billy se conformava em assistir ao que eu queria.

É, claro que sim. É depois disso que decido cuidar daquele pobre diabo que não teve um modelo masculino no qual se espelhar.

Quando chega a noite da segunda-feira, já estou melhor para voltar para o meu apartamento. Você deve pensar que, depois de quase dois dias, eu sentiria falta dele, ficaria feliz em voltar para casa. Mas ele está… quieto. Até mesmo entediante.

Revelo as fotos que tirei com a Dee no parque. E, enquanto espero no quarto escuro, me lembro da última vez em que estive aqui. Com ela. Sua boca úmida, o impulso de sua língua suave, o modo como suas bochechas ficaram maiores quando ela me chupava.

Conforme minha mente começa a ficar selvagem, mal consigo conter a vontade de uma boceta, de ligar para Deloris e implorar para que ela passe aqui. Consigo aguentar, mas apenas porque já fizemos planos para ela vir



passar um tempo aqui na noite de quarta-feira.

Na minha opinião, quarta-feira podia chegar logo.

Na tarde de quarta-feira, me encontro com Alexandra no centro para almoçar.

O clima estava ameno, então nos sentamos numa mesa na calçada do lado de fora. Dou uma mordida em meu pedaço de hambúrguer enquanto Alexandra mastiga uma salada com camarão grelhado. Depois digo a ela: – Então… conheci alguém.

Enquanto crescia com Drew, sempre considerei Lexi como minha irmã mais velha, mas o fato de não compartilharmos dos mesmos genes ou termos que morar na mesma casa fez com que nosso relacionamento fosse menos conturbado do que o que ela tinha com o irmão. Ela se preocupa comigo, mas não dá uma de “mãe” como faz com o Drew. Fica irritada com as porcarias que faço, mas não se sente responsável por elas. Para mim, fico com o melhor dos dois mundos – todas as vantagens de se ter uma irmã mais velha, sem aquelas dores de cabeça irritantes.

– Pelo que ouço por ai, você e meu irmão “conhecem”

muitas mulheres.

Sorrio.

– Desta eu gosto.

Ela acena.

– Mais uma vez, você e o Drew “gostam” de um bando de coitadas e inocentes. Por que esta vale a pena ser mencionada?

– Eu *gosto* dela, como ela é.

Alexandra abre mais os olhos azuis.

– Uau. Uma referência a *Anos Incríveis*. Isso deve ser sério. Pode contar tudo.

Abaixo os olhos até meu hambúrguer, envergonhado.

– O nome dela é Deloris.

– É um nome bem diferente.

– Ela é… diferente.

Lexi tenta tirar mais detalhes de mim.

– Diferente do tipo que tem três seios?

Rio.

– Não. Mas, para sua informação, não acharia nada mal se ela tivesse. Ela é… legal. Adoro conversar com ela, sabe? Ela diz que não está a fim de entrar em um relacionamento, mas acho que estou esperando conseguir mudar sua mente. Não me sinto assim desde…

Alexandra levanta a mão.

– Não. Não ouse dizer o nome daquela besta suja. Estou tentando comer aqui.

– Bom, não sei se isto vai dar em alguma coisa, mas eu…

Não consigo terminar a frase. Porque uma onda de um líquido vermelho e gelado voa no meu rosto.

Com gosto de cereja.

– Filho da puta mentiroso!

Seco o rosto, tirando o líquido até dos cílios. Quando minha visão fica clara, vejo Deloris parada na calçada segurando um copo agora vazio de Slurpee amassado.

Que ela continua a jogar na minha cabeça.

– Todo aquele papo de não transar com outras pessoas!

Amizade colorida, você disse! Eu teria amado se você tivesse sido sincero comigo! Eu *sabia* disso, sabia que você era apenas outro idiota falso que não gosta de dividir seus brinquedos sexuais, mas que não tem problema algum em brincar com uma pessoa diferente!

Nesse momento, eu e Alexandra já estamos em pé. Não estou entendendo nada.

Tento: – Deloris…

Mas ela me corta.

– Quatro dias! Você me disse há quatro dias que não estava interessado em comer outra pessoa, e aqui te encontro com… com…

Lexi estica o braço para cumprimentar.

– Alexandra Reinhart.

Dee vira o olhar furioso para Lexi. Mas seu ímpeto para enquanto ela reflete.

– Reinhart. De onde conheço esse nome?

Ela me deixa responder. Finalmente.

– Ela é a mãe da Mackenzie.

Se você olhar mais de perto, poderá quase ver nossa conversa anterior repassando nos olhos de Deloris.

– Mackenzie… a pseudossobrinha? – sua cabeça se vira ainda mais para mim. – Isso significa que ela…

– Que ela é a garota com que eu cresci, isso mesmo. A irmã do Drew.

Alexandra assume o controle para mim.

– Irmã do Drew, esposa do Steven, filha do John e da Anne. Tenho muitas designações. Uma, especialmente, está quase sendo posta em ação.

É em momentos como este que suspeito que a Alexandra sabe sobre seu apelido. E isso me deixa assustado.

Muito.

Alexandra foca seu olhar na Dee, mas me diz: – Entendi o que você quis dizer com diferente. – em seguida, para Deloris: – Você deve ser Deloris: Matthew estava me contando sobre você. Diria que é um prazer te conhecer, mas já passei da cota de bobagem da semana.

Alexandra a rodeia lentamente, como um tubarão verificando uma foca ferida.

– Sabe, Deloris, minha mãe costumava me dizer que, apesar de um homem nunca dever bater em uma mulher, eu nunca devia tirar vantagem disso. Que nunca devia agir sem esperar uma reação semelhante e merecedora.

Dee cruza os braços no peito e fica parada em pé, teimosa, sob o peso do olhar de desaprovação de Lexi.

– Matthew explicou nosso relacionamento para você. Ele é como um segundo irmão para mim. E dos dois? Ele é o mais legal. Você devia pensar nisso antes de jogar suco gelado nele novamente.

Dee se rende um pouco. Ela olha para baixo na calçada e resmunga, defendendo-se.

– Era um Slurpee.

Alexandra estala os dedos para mim.

– Me dê sua camisa e paletó.

Depois de tirar a gravata, dou-lhe os itens e fico parado na calçada com a camiseta branca lisa que estava por baixo e calça cinza. Dee pega as roupas manchadas das mãos de Lexi.

– Vou pagar para que elas sejam lavadas a seco.

Alexandra vira os olhos.

– As tinturarias não vão conseguir tirar essas manchas.

Sorte sua que tenho uma pasta feita em casa que talvez salve o dia – ela se vira para mim. – Você pode buscá-la no sábado.

Ela coloca as mãos nos meus ombros e beija minha bochecha enquanto seca um pouco do que restou de suco na minha orelha com um guardanapo.

– Tenho que ir embora. Boa sorte, você vai precisar.

Antes de Alexandra ir embora, Dee diz: – Espero que da próxima vez em que nos encontrarmos seja em circunstâncias melhores.

Alexandra responde: – Duvido, de verdade, que iremos nos encontrar novamente. Matthew é bom, não burro – em seguida, pega a bolsa e vai embora andando pela rua.

Dee e eu a observamos ir embora.

Quase para si mesma, Dee diz: – Ela é sempre tão vaca?

Sorrio.

– É o jeito dela.

Em seguida, passo a mão em meu cabelo pegajoso e duro.

– Que droga foi isso, Dee?

Ela volta a cruzar os braços e balbucia: – Não estou pedindo desculpas. Foi um erro normal. Te disse que não sou boa nisso. Aparentemente, ferro até as amizades coloridas. Estava passeando durante meu horário de almoço quando não acreditei no que vi. O que mais podia pensar? Se você quiser me dar um fora, você é quem sabe, mas não estou arrependida.

Agarro seus ombros, baixo a cabeça e calo sua boca com um beijo forte. Depois falo para ela: – Não vou te dar um fora. E você não precisa se desculpar.

Eu sei, eu sei – *está ficando louco, Matthew?* Não, não sou doido, apenas não me importo com uma garota que tenha paixão, faísca. E um pouco de possessividade não é preocupante. Além disso, como Barney Stinson já explicou, Deloris é gostosa o bastante para ficar louca quanto quiser, que nada disso me faria expulsá-la da cama.

É claro que isso não significa que vou deixá-la sair dessa sem uma vingança. É por isso que a aperto bem forte e esfrego minha cabeça no seu rosto e cabelo. Espalhando amor e o quanto consigo de Slurpee.

– Ah! – grita ela, rindo e batendo nas minhas costas.

Depois de um tempo, me afasto e digo: – Pronto. Agora estamos quites – beijo seus lábios rapidamente. – Vou para casa tomar um banho.

Em seguida, tenho uma ideia espetacular.

– Quer se juntar a mim?

Ela está sorrindo, tentando tirar o melado da bochecha.

– Preciso voltar ao trabalho.

Aceno.

– Mas te vejo hoje à noite?

– Claro que sim.

Apenas quando ela começa a ir embora é que percebo que está vestindo um jaleco branco de laboratório sobre o vestido de couro preto, com meia-calça roxa e botas de couro de cano alto. Grito: – Ei, Dee?

Ela vira.

– Traga o jaleco esta noite. E um par de óculos de segurança se você os tiver.

Você pode achar que ainda é muito cedo em nosso relacionamento para fazermos um teatrinho, mas vou te contar um segredo: *Nunca é muito cedo para um teatrinho.*

Capítulo 10

Durante as próximas noites, Deloris e eu saímos. Saímos para dançar e ficamos em casa; começamos a assistir uns filmes, mas sempre perdíamos o final; fizemos sexo forte que durava horas – daquele tipo em que você se sente sujo depois, só que não vê a hora de fazer tudo de novo.

Também, surpreendentemente, conversamos. Na cama ou na mesa do jantar.

Em cima da mesa de jantar.

A Dee é falante. Gosta de compartilhar, de explicar tudo.

Ela também tem… teorias… sobre quase todo tópico imaginável. Apesar de algumas teorias serem divertidas, algumas são de outro mundo. Veja esta, por exemplo: – John Hughes era um furioso porco machista.

– Como você sabe disso?

– É só lembrar do *Clube dos Cinco*. Os caras pegam cinco estereótipos principais: o atleta, o criminoso, o cérebro, o professor bundão e o zelador despreocupado legal. Mas e as garotas? Dois. A rainha da beleza e uma maluca –

inconscientemente isso diz para diversas gerações de meninas adolescentes que elas podem ser ou bonitas ou doidas, mas não podem ser os dois. No final do filme, quando a doida fica bonita, ela deixa de ser louca. Não dá.

Vou fazer uma petição quanto a isso.

Ou esta: – Os micro-ondas são maus, nunca vou comprar um.

– Be-le-za.

– O nítido aumento de doenças, alergias e deficiências no desenvolvimento infantil pode ter começado quando os micro-ondas se tornaram peças comuns nas casas. É um abuso malévolo do consumidor. Mas você não deve espalhar isso. Porque as empresas têm ouvidos e olhos em toda parte, e não há limites para que elas tentem encobrir.

– Não vou contar para ninguém.

Tem também esta pequena joia: – Você realmente acredita que os egípcios construíram as pirâmides?

– Claro, está tudo bem documentado.

– Ah, tadinho de você, homem ingênuo. Como eles conseguiram movimentar pedras que eram tão grandes como uma casa?

Como eles conseguiram fazer túneis estruturalmente subterrâneos e salas sem nenhum equipamento de engenharia? Ou, ainda mais, como eles conseguiram moldar e cortar os blocos em ângulos precisos e idênticos?



– Bom… se os egípcios não as construíram, então quem foi?

– ETs.

– ETs?

– É claro que sim. Há toneladas de provas de que alienígenas têm visitado a Terra há séculos, você não sabe de nada.

Não, e nem quero saber. Esta última teoria é muito maluca, e plausível, para mim.

Acordei no sábado de manhã com o som da água caindo do chuveiro. E o eco alto da voz de Dee cantando lá dentro.

“I Knew You Were Trouble”, da Taylor Swift, é provavelmente uma das letras mais irritantes já escritas, mas escutar a terrível interpretação apenas me faz rir.

Para não perder o momento de pau duro, especialmente do tipo matutino, pego uma camisinha na gaveta do criado-mudo, saio da cama e entro no banheiro.

– … trouble… ah… ah… – ela está de olhos fechados e cabeça para trás para enxaguar o cabelo por baixo da ducha.

– … ah…

Entro no chuveiro e não perco tempo, vou imediatamente até o mamilo suculento da Dee, que já está pontudo e orgulhoso. Ela não fica assustada. Não grita. Seu “ah”

estridente muda para um gemido suavizado e suas mãos deslizam pela minha omoplata, me puxando para mais perto dela.

Gosto que ela saiba que sou eu sem abrir os olhos.

Percebo que as chances de alguém, *além de mim*, adorar esses seios maravilhosos neste lugar e horário são quase nulas. Mas o que quero dizer é… que ela conhece meu toque. Meus sons, meus movimentos. Nos acostumamos – nos harmonizamos – um com o outro dos melhores modos.

Sei que ela gosta que puxe seu cabelo logo antes de gozar. E

ela sabe que eu fico louco vendo-a tocar seu piercing do mamilo ou quando faz um caminho pelo meu tanquinho com a língua.

A partir do momento em que ela passa a se esfregar e se contorcer em mim, solto seu peito e devoro seus lábios, deslizando minha boca e minha língua dentro de seu calor afetuoso. Sem interromper o beijo, enrolo a camisinha com dedos hábeis. Em seguida, coloco um braço ao redor de sua cintura e pego-a no colo,

fazendo pouco esforço.

Suas pernas assumem o lugar natural em volta do meu quadril. Com o pinto na mão, levo a cabeça até sua boceta e, mesmo com o calor da água caindo sobre nós, consigo sentir o quanto ela está quente e com vontade.

Enfio dentro dela completamente, apertando suas costas contra a parede de azulejos. Ela afasta a boca da minha e geme. Joga a cabeça para trás conforme começo a me movimentar, com impulsos fortes e

cuidadosos preenchendo-a totalmente. Ofego em sua bochecha. Ela morde meu ombro e gemo.

Suas pernas me prendem mais forte e me movimento mais rápido. Quero ir mais para o fundo. Mais forte. Mais.

Sempre mais.

– Adoro seu pau. É perfeito – ela fala baixo, subindo e descendo em cima de mim, seguindo os movimentos de meu quadril. – Me coma, Matthew… me coma com seu pau perfeito.

Suas palavras fazem com que eu fique com mais tesão. Me deixam ainda mais duro.

Sinto o tremor de seus músculos começando a se contrair em volta de mim, apertando, fazendo com que cada impulso que dou com meu quadril seja ainda mais intenso e dê um prazer enorme. Vou ainda mais rápido, querendo que nós dois gozemos juntos.

Suas costas estão agora definitivamente encostadas na parede, não há nem um centímetro entre nossos peitos enquanto a aperto cada vez mais profundamente. Depois ela começa a me prender, me segurar dentro dela gozando com uma lamúria alta. Eu logo a acompanho. Grito seu nome conforme cada nervo em meu corpo explode em uma agitação extasiada.

Dee me beija de novo. Mais devagar desta vez, quase meiga. Não a solto logo, mas coloco meu rosto em sua nuca, ficando contente em estar naquele lugar com ela. Se pudesse, ficaria o dia todo.

Ela procura minha orelha com os lábios e sussurra: – Bom dia.

– Nem me fale.

Viro e ficamos diretamente embaixo da ducha. Depois de um tempo, paro de abraçá-la e coloco-a no chão. Com sorrisos satisfação, nos enxaguamos lentamente e saímos para o banheiro cheio de vapor.

Enquanto me enxugo, olho para o relógio.

– Merda, estou atrasado.

Dee esfrega o cabelo com a toalha de algodão.

– Atrasado para o quê?

Rio maliciosamente.

– Tenho um encontro.

Apesar de toda a insistência de Deloris em não querer nada sério, fica bem claro que minha declaração a deixa completamente irritada. Seus ombros elegantes enrijecem, ela levanta o queixo e fica com os olhos escuros e pequenos.

Tenta ao máximo manter a voz calma.

Tenta e fracassa.

– Ah, um encontro? Que legal. Bom para você.

Pego seu quadril e a coloco em cima de mim para que ela não consiga olhar para qualquer outro lugar que não seja meu rosto com um sorriso forçado.

– Quer se juntar a nós?

Ela tenta sair.

– Não acha que ainda é cedo demais para fazermos algo a três?

Minhas orelhas levantam.

– Você já fez algo a três?

Pensando bem, não quero saber.

– Esquece. Não responda isso, apesar de que estou gostando de para onde seus pensamentos estão te levando.

Não estou te convidando para um *ménage a tròis*. Estou te convidando para ir ao zoológico…

– Parece meio pervertido.

Aperto seu quadril.

– …comigo e com a Mackenzie.

Dee processa o que disse. Depois dá um sorriso de alívio e agradecimento, e pensa por um instante.

– Será que a Senhorita As-Tinturarias-nunca-irão-tirar-aquilo criará um problema se eu for junto?

Muitas famílias se metem demais na vida uns dos outros.

Você conhece alguma do tipo que falei. Irmãs que param de se falar porque a outra se casou com um cara que ela não gostava. Irmãos que se matam por causa de uma namorada chata, e amigos que perdem o contato porque alguém se recusou a aceitar um conselho que nunca foi pedido, em primeiro lugar.

Mesmo se Alexandra odiasse a Dee com todas as forças,

ela nunca mostraria isso por respeito a mim. Durante meses, Drew tentou me mostrar que Rosaline não era a garota que eu pensava que era, e mesmo eu não acreditando, mesmo que no fim ele estivesse certo, ele não jogou isso na minha cara.

Os melhores tipos de famílias tentam parar um trem em colisão, mas, se não conseguem, continuam aparecendo para ajudar com os primeiros socorros dos feridos.

– Você estará comigo. Ela não vai arranjar problema algum.

A casa da Alexandra e do Steven na zona leste é um lugar maravilhoso – acho que apareceu na revista *Essência da Arquitetura* ou algo assim. Apesar da grandiosidade, Lexi ainda a deixa com um ar de lar, não um museu. Ela abre a porta para Dee e eu, e andamos pela entrada brilhante de mármore.

Dee diz, comportando-se bem: – Olá, Alexandra. É muito bom vê-la novamente.

– Deloris, que surpresa! Você irá com Matthew e Mackenzie ao zoológico hoje?

– Sim.

Lexi sorri, mas está com um brilho de provocação nos olhos.

– Que bom. Só que eu tento não deixar a Mackenzie jogar a comida fora, então, por favor, lembre-se de dar um bom exemplo.

Coloco o braço ao redor de Dee.

– Tentaremos nos controlar… mas não posso prometer nada.

Naquele momento, Mackenzie chega até o vestíbulo dirigindo. Ela está comandando seu triciclo vermelho, que toca um sino, passando em volta da mesa de mogno no meio da sala, fazendo com que o embelezado arranjo de orquídeas e lírios no vaso se mexa. Isso me lembra Danny Torrance de *O Iluminado*, só que sem aquela coisa assustadora de deixar o cabelo em pé.

Mackenzie estaciona o triciclo e tira o macacão de jeans.

– Oi, tio Matthew!

Ganho um abraço.

– Oi, princesa – inclino a cabeça na direção da Deloris. – Esta é minha amiga Dee. Ela vai com a gente ao zoológico hoje, tudo bem?

Mackenzie nunca foi uma menina tímida. Ela é segura e indiscreta, não importa onde ou com quem esteja. São traços fortes característicos da família.

– Oi, senhorita Dee.

Esse negócio de “senhorita” é coisa da Alexandra. Ela colocou alguns títulos de respeito dentro da cabeça da Mackenzie desde que ela aprendeu a falar.

Deloris acena. Em seguida, Mackenzie aponta para o 

colete de pele preta que ela está usando. Ela pega e o afaga, como um coelho. Depois pergunta: – Esta é sua fantasia do Dia das Bruxas?

Dee está usando uma calça branca apertada, uma blusinha branca e tênis pretos que alguém adereçou quando estava próximo de morrer. Com a vestimenta, posso ver a razão de Mackenzie achar que é uma fantasia – um dálmata ou uma zebra.

– Mackenzie, que falta de educação – advertiu Lexi.

Mas Dee acena com a mão.

– Não, tudo bem – ela se agacha para olhar Mackenzie nos olhos. – Gosto de me vestir como se todo dia fosse o Dia das Bruxas.

O rosto de Mackenzie se ilumina.

– Que legal. Posso fazer isso, mamãe?

Alexandra mexe a cabeça.

– Não. Você pode ser o Frankenstein apenas uma vez por ano.

Depois disso, recebo uma bolsa masculina de cor neutra com tudo o que é necessário levar sempre que uma criança com a idade da Mackenzie sai de casa. E seguimos até o zoológico.

Quando era criança, eu achava que zoológicos eram uma tremenda sacanagem. Você pega um urso, ou um leão, que é o rei da selva, e prende em uma jaula de 90 por 90 metros, adiciona um pouco de plantação e espera que ele seja feliz?

Animais selvagens deveriam ser… selvagens. Conforme fui crescendo, percebi que muitos dos animais eram resgatados porque estavam doentes ou

machucados e

não sobreviveriam mais no mundo lá fora. Apesar de ainda achar que a natureza deve seguir seu próprio caminho, agora vejo os zoológicos como casas de repouso dos animais selvagens, onde os leões e os tigres e os ursos têm a chance de passar seus últimos dias de vida sendo cuidados e atendidos.

Talvez não seja tão legal quanto viver na selva… mas ainda ganha de morrer.

Dee, Mackenzie e eu passamos a tarde visitando todas as exposições no Zoológico do Central Park: os leões, a casa dos répteis. Diferentemente de todas as outras mulheres que conheço, Dee realmente curte cobras. Quando era criança, ela pediu uma jiboia de aniversário, mas sua mãe negou. Seu primo lhe comprou uma de borracha como prêmio de consolação.

Almoçamos pizza e nem me atrevo olhar para o carrinho de cachorro-quente. Meus dias de cachorro-quente apimentado acabaram.

Dee compra um balão de urso polar para Mackenzie, e elas têm uma longa conversa sobre quantos balões ela precisaria para conseguir voar, como no filme *Up! – Altas Aventuras*.

Dee, por entender muito sobre gases como o hélio, conseguiu descobrir quantos em sua calculadora. Mackenzie ficou totalmente impressionada.

Só espero que ela não tenha algumas ideias sobre isso.

Neste momento, estamos comendo pipoca e observando os pinguins. Mackenzie então pergunta para ninguém em especial: – Vocês sabiam que as pinguins mulheres pegam os pinguim homens pelas bolas?

Dee engasga com o caroço do milho.

Mackenzie não percebe.

– O tio Drew diz que a garota pode escolher qualquer pinguim homem que ela quiser… ele têm que dançar pra elas.

Depois, o pinguim homem tem que carregar o ovo no pé por um bom tempo.

– Aquelas pinguins mulheres são bem espertinhas – comenta Deloris. E Mackenzie concorda energeticamente.

Os próximos são os macacos. Não sei qual é a raça deles, mas são pequenos, bolinhas inchadas brancas que parecem parar quietos apenas quando estão tentando ficar um em cima do outro. Deloris bufa e Mackenzie diz: – Eles lutam muito.

Rio e falo baixo no ouvido da Dee.

– Esses carinhas excitados estão me fazendo ter algumas ideias. Vamos embora logo antes que eu fique 

envergonhado.

Já que Mackenzie obviamente tem ouvido de cachorro, ela pergunta: – Tio Matthew, o que é “excitados”?

Penso rápido.

– Empolgados.

Ela aceita… e arquiva em sua mente adorável e imprevisível.

Nós três saímos do táxi de volta à casa de Alexandra e Steven. Levo a Mackenzie no ombro, já que ela está meio adormecida. Dee leva o balão de Mackenzie, a mochila e quase uma dúzia de itens que comprei na loja de lembrancinhas sem conseguir me controlar. Alexandra nos deixa entrar e Mackenzie acorda, tentando esfregar o cansaço de seus olhos. Coloco-a de pé e ela nos abraça, agradecendo espontaneamente.

Alexandra lhe diz: – Tem um pacote na sua cama, chegou quando você saiu.

Acho que é a boneca Garota Americana Elizabeth que a vovó comprou de aniversário para você, aquela que chegou atrasada.

A boca da Mackenzie forma um O precioso e ela praticamente vibra com empolgação.

– Fiquei esperando tanto tempo por ela! Estou tãaaaooo excitada!

Em seguida, dispara para fora do pátio até seu quarto.

Alexandra dá uma olhada turbulenta para mim e para Dee.

– Quer me explicar sobre isso?

Esfrego a nuca… e depois jogo completamente o Steven pra baixo do ônibus.

– Você devia conversar com seu marido. Ele precisa prestar atenção ao que fala perto da Mackenzie.

Vou compensá-lo, juro por Deus.

Dee se junta.

– É. Crianças são como esponjas. Elas apenas sugam tudo o que está ao redor delas.

Pela cara de Lexi, ela não está acreditando nisso.

– Acho que é melhor irmos embora – Deloris diz.

– É, também acho – bocejo. – Os anfíbios realmente me deixaram cansado. Tchau, Lexi.

– Tchau, Alexandra – diz Dee.

Em seguida, corremos.

Capítulo 11

Naquela noite, furei na balada com os meninos. Dee e eu pedimos comida chinesa e passamos à noite fantasticamente transando em cada cômodo do meu apartamento.

Nunca mais vou olhar para minha mesa de sinuca do mesmo modo.

Desmaiamos na minha cama e dormimos o sono dos malditos exaustos… até que o barulho de roupas e passos me acorda no meio da noite. Entreabro os olhos e acabo encontrando a Dee *não* perto de mim na cama, mas agitada pelo quarto, procurando suas roupas e colocando-as rapidamente ao encontrá-las.

– Dee? Está tudo bem?

Ela fala com um tom de voz parecendo bem acordada e tensa.

– Sim, estou bem. Pode voltar a dormir, Matthew.

Com a visão embaçada, olho para o relógio: 3 horas da manhã.

– O que está fazendo?

– Vou pra casa.

Forço a me sentar, tirando o embaçado da vista.

– Por quê?

– Porque eu moro lá, lembra?

Não sei que inseto mordeu a bunda dela enquanto eu estava dormindo, mas estou muito cansado para discutir.

Jogo os cobertores para longe.

– Tudo bem. Apenas me dê um minuto e te levo.

Seus olhos analisam o chão e encontram sua bolsa no canto.

– Não se preocupe. Vou pegar um táxi.

Sentindo que tenho pouco tempo, coloco uma calça de moletom e pego uma camiseta que estava na cabeceira depois de ter sido arrancada de mim há um tempo.

– Então pego o táxi com você.

Deloris para e me fita com a sobrancelha franzida.

– Pode parecer algo de outro mundo, mas consigo ir pra casa sozinha, muito obrigada.

– Porra, são três horas da manhã, Deloris.

Ela encolhe os ombros.

– Você nem vive em uma vizinhança ruim.

– Estamos em Manhattan, *qualquer* vizinhança pode ser ruim.

Ela não responde e não espera por mim. Agarro os tênis com a mão e quase não me lembro de pegar as chaves quando corro para alcançá-la. Bem acordado agora, coloco os sapatos no elevador.

– Você está puta comigo sobre algo específico ou é algo mais geral do tipo "todos os homens não prestam"?

Ela cruza os braços.

– Não estou puta.

Tradução? Você é um safado, mas você deve descobrir o porquê sozinho, já que eu não vou te contar.

Saímos do saguão. Cumprimento o porteiro e chamo um táxi. A jornada até a casa de Dee é cansativa e silenciosa.

Dou umas olhadas de lado para ela, porque o modo mais rápido de ter sua garganta arrancada é olhar para um cachorro inquieto bem no olho.

Ela está sentada bem reta. Não parece que está nervosa, mas sim ansiosa, como um animal encurralado esperando por uma chance para fugir. Quando estacionamos em seu prédio, Dee sai do carro antes mesmo de o motorista parar completamente. Peço para ele esperar por mim, e saio correndo atrás dela.

Enquanto ela coloca a chave na porta de fora, que está trancada, coloco minha mão sobre a dela.

– Por favor, será que você podia me dar uma dica sobre o que está passando na sua mente agora? Porque estou… um pouco perdido aqui, Dee.

Ela olha forte para nossas mãos, depois para mim, suspirando.

– Isso é apenas… você está indo muito rápido para mim.

Apoio o ombro no prédio.

– Se você queria que eu fosse mais devagar, era só ter me falado. Forte, fácil, rápido, devagar… sempre quero agradar.

– Não seja legal, Matthew.

Impossível.

Ela movimenta as mãos, abanando-se como se estivesse à beira de um ataque de pânico.

– Acordei na sua cama e… é apenas muita coisa. Sinto como se estivesse sendo sufocada. Preciso de… espaço.

Espaço.

Certo.

Este é um conceito exclusivamente feminino. Para um homem, a distância não faz com que seu coração fique mais apaixonado, apenas fornece uma ampla oportunidade de encontrar alguém em quem ele possa enfiar seu pau. Quando um cara realmente está a fim de uma mulher, ele sente por ela o mesmo que sente pelos jogos de futebol aos domingos: é sempre preferível mais.

Ainda assim, entendo o que Deloris está tentando me dizer.

Neste horário na última semana, propus a ela algo casual, mas os dias seguintes não foram nada disso. Foram intensos. Consistentemente frequentes. É óbvio que ela está enlouquecendo.

Quando sair com a mesma pessoa diariamente se torna uma rotina, fica difícil de lembrar como era a vida antes… ou como seria depois.

Apesar de eu não me importar com o tempo que eu e Dee passamos juntos, não quero parecer carente. Desespero é um fedor que é impossível de se retirar depois que já foi sentido.



– Você precisa de espaço, é claro, entendi.

Ela abre a porta e entra e se vira pra mim, sorrindo desonestamente.

– Eu… te ligo.

Aceno.

Depois bate a porta na minha cara.

Ela não me liga.

Nem no próximo dia. Ou na segunda-feira. Ou até mesmo no tão abençoado terceiro dia. Não tenho checado meu telefone de cinco em cinco minutos ou algo do gênero… mas vou admitir, o filho da mãe tem estado bem carregado.

Deloris me deu um fora. Isso é apenas… cacete, UAU.

Sim, já dei um pé na bunda de garotas no passado, garotas legais que não me interessavam. Sim, esta é a primeira vez que sou eu quem leva um pé na bunda.

E não, não é nada legal.

Deveria me esquecer dela. Tem muitas substitutas esperando para assumir o controle da batida. Devia seguir para o alto e além. Para baixo também é divertido.

Eu deveria… mas não quero. Não apenas porque ela é linda, selvagem e seus peitos me fazem ter sonhos excitantes. Mais do que tudo isso, Dee é interessante.

Fascinante. É diferente de qualquer outra garota com quem já saí antes. O modo como a mente dela funciona, como ela me provoca, me desafia – eu poderia passar dia após dia apenas conversando com Deloris e nunca me cansaria.

Ela me faz pensar, me faz rir… me faz ficar duro.

E, como um caçador de talentos de beisebol consegue assistir a Liga Infantil e encontrar o próximo jogador famoso em desenvolvimento, sei que a Dee e eu poderíamos ser ótimos juntos. Legendários. Sinto o potencial toda vez que fico perto dela. É o que faz com que meus pensamentos – e fantasias – voltem a ela.

Porque com um tempinho e algum esforço extra, nós dois estaremos colhendo gratificações puras.

Quando chega a noite de terça-feira, pego o touro pelos chifres, ou, nesse caso, a vaca pelas orelhas.

Pulo a academia e fico na porta do prédio do apartamento de Dee, empenhado em conseguir alcançá-la chegando do serviço.

Ela caminha pelo quarteirão agora, dando passos largos bruscos com sandálias brilhantes, vestindo uma abundante blusa branca, que se levanta após cada balanço de seus braços, e uma saia verde com estampa de cobra. Troto até ela. Ela levanta o queixo com determinação ao me ver, sem perder um passo.

– Oi, estranha.

– Oi, Matthew.

Ando ao seu lado.

– Como está?

– Ocupada.

– Muito ocupada para usar o telefone, é?

– Alguém por favor ligue para um exorcista, porque você foi possuído pela minha mãe.

Agarro seu cotovelo, fazendo com que ela pare. No começo ela se irrita, mas quando seus olhos encontram os meus, sinto algo. Uma eletricidade. Uma agitação. Seus olhos dançam sobre o meu rosto, absorvendo cada detalhe.

E meu próprio alívio por vê-la novamente, depois de dias tentando me conformar com as memórias desprezíveis, está espelhado em seu olhar.

– Não sou ele, Dee.

– Quem?

– Qualquer idiota que te fez sentir preparada para sempre fugir, com medo de

relacionamentos. Que não deixa você realmente sentir a porra de um sentimento… de querer alguém… do jeito que você me quer.

Ela cruza os braços e inclina o quadril.

– Acho que você não deve ter viajado de avião há muito tempo, porque o limite de bagagem de uma companhia aérea é de dezoito quilos. Sua cabeça gigantesca deve pesar pelo menos uns cem quilos.

Depende de qual cabeça ela está se referindo.

Sorrio.

– Engraçadinha.

Ela vira e observa os carros que passam. E, quando ela fala, sua voz tem um tom sombrio. Uma mistura de tristeza e medo.

– Não foi um só, Matthew… foram vários. Já passei por isso antes. Não tem porque passar por todo esse drama novamente quando já sei como termina.

Seguro sua mandíbula, esfregando a suavidade de pétalas da bochecha com o polegar.

– Mas não sou igual a eles.

– Isso é o que todos dizem, e sempre acredito. Mas, com o tempo, a verdade aparece e o cara de quem eu gostava, o cara que achava que conhecia, demonstra ser um perdedor, ou um jogador, ou casado, ou apenas um velho e simples filho da puta.

Meu peito se aperta com sua expressão ferida. Com sua dor. E uma parte de mim quer encontrar cada um desses idiotas que ela se refere e acabar com o rosto deles por causa de tanta estupidez.

Chego mais perto, aproximando meus lábios do seu pescoço. Porque quero dominá-la para que ela se esqueça de todas as dúvidas e medos e de todos os idiotas que ela já conheceu. Serei o único que ela sentirá – o único de quem ela se lembrará.

– Saia comigo esta noite, Deloris. Mais uma vez. Mesmo que seja a última.

Ela quer dizer sim. Está lá em seus olhos, no jeito como 

seu corpo vira na minha direção e sua mão naturalmente gravita para meu braço. Mas o que acaba saindo da boca dela é: – Eu não sei…

Coloco os lábios em seu ouvido e sussurro: – Me dê mais uma noite e depois disso, se você quiser, não vou mais te incomodar.

Ela mexe a cabeça e passa os dedos pela minha mandíbula.

– É difícil dizer não para você.

– É um dom.

Ela suspira.

– Tudo bem, mais uma noite. Mas os bares estarão vazios.

Sorrio e seguro sua mão conforme começamos a caminhar em direção ao apartamento de novo.

– Não vamos a um bar – meus olhos analisam suas pernas suaves e nuas. – E, você, provavelmente, devia colocar uma calça.

Seu rosto fica cheio de curiosidade.

– Para onde vamos?

Pisco.

– Surpresa.

Se vocês aí já estavam querendo que eu me casasse com sua filha, vão enlouquecer daqui pra frente.

Paro a moto na vaga de um estacionamento quase vazio.

Empurro a haste com meu pé e desço. Deloris arranca o capacete da cabeça para

conseguir enxergar melhor a placa brilhante.

CENTRO DE PATINAÇÃO

Estamos em Newark – o lado socialmente decente. Porque, igual aos cinemas drive-in, os rinques de patinação também estão se extinguindo rapidamente. Não sobrou nenhum em Manhattan e há apenas alguns em Nova Jersey. Procurei um no Google, pois descobri, devido às fotos em seu apartamento, que este seria o tipo de encontro que deixaria a Dee toda sorridente e falante.

E, depois de louca e excitada, esse é a segunda melhor coisa.

Como sempre, não estava errado. Dee está com um sorriso ofuscante ao descer da moto. Ela bate palmas e dá pulos.

– Ah, meu Deus, isso vai ser demais! Não patino desde…

faz tanto tempo que nem consigo me lembrar!

Pode parecer meio gay, mas ver Deloris sorrir está rapidamente se transformando em umas das minhas coisas favoritas. Encontrar modos de fazê-la sorrir poderia facilmente se tornar um novo hobby.

– Você patina? – ela pergunta ao entrarmos no prédio.

Quando éramos mais jovens, patinar não era um passatempo frequente para eu e meus amigos. Mas tenho quase certeza de que consigo.

– Já patinei uma vez quando tinha, tipo, uns nove anos.

Ela agarra meu braço.

– É como andar de bicicleta; você nunca esquece – suas sobrancelhas oscilam. – E eu faço uma manobra fodástica.

Rio.

– Tenho certeza que faz.

Lá dentro, o lugar estava com um cheiro misturado de borracha, desinfetante e tapete levemente mofado. Após alugarmos nossos patins e colocá-los, entramos

na pista.

Onde eu, em seguida, caio de bunda no chão. Bem forte.

Mas, é claro, de um jeito legal.

Dee para perto de mim, rindo, e me dá a mão. Eu a pego e a puxo para o chão comigo. Em cima de mim. Cubro sua boca sorridente com a minha e mordo seu lábio, como um castigo.

Mas logo quando as coisas estão começando a ficar melhores, um garoto espinhento vestindo um uniforme branco e preto de árbitro derrapa, parando bem na nossa frente.

– Hummm… vocês não podem… este é um lugar familiar…

vocês não podem fazer isso aqui.

Sorrio.

– Me desculpe – Deloris cobre a risadinha com a mão.

Arrasto-me para apoiar na parede e começo novamente.

Na segunda volta, já estou conseguindo me equilibrar melhor com os pés e mantemos a velocidade perto um do 

outro. Há apenas alguns outros patinadores na pista, sendo que a maioria aparenta ter menos de dez anos.

– Acho que somos os mais velhos aqui – digo à Dee.

– Não. Olhe para eles – ela aponta para um casal hispânico que não parece ter menos de oitenta anos, de mãos dadas, patinando em perfeita sincronia. – Eles não são fofos? Quero ser igual a eles quando ficar velha.

Eles parecem… felizes. Cansados, um pouco enrugados, mas completamente confortáveis juntos. Deve ser muito gratificante ficar com alguém que te conhece tão bem quanto você mesmo e que, no fim do dia, ainda quer ir patinar contigo.

– Ficar igual a eles quando eu envelhecer seria muito legal.

Ser igual ao Hugh Hefner seria ainda melhor.

Dee joga a cabeça pra trás e gargalha. Em seguida, concorda comigo.

Mais tarde, Deloris está descansando, sentada em um banco, enquanto compro refrigerante para nós na lanchonete. Enquanto volto mancando, um garoto com um sorriso esperto e um boné de beisebol ao contrário patina até Dee. Fisicamente, ele parece ter uns doze anos, mas tem a atitude de uma pessoa bem mais velha.

E parece Joey Tribbiani.

– Ei, querida, como está?

Dee sorri.

– Estou bem, obrigada.

– O que acha de você e eu sermos o próximo casal a patinar?

Antes de ela poder responder, chego entregando o refrigerante e respondo por ela: – Eu serei o par dela para patinar, garoto. Se manda daqui.

Seus olhinhos de rebeldia me analisam. Em seguida, ele diz para a Dee.

– Se ficar cansada desse bife de boi e quiser experimentar um de vitela, estarei logo ali – ele aponta para o fliperama que reveste a parede, depois sai patinando.

– Que merda foi isso?

Deloris ri.

– *Isso* é exatamente o modo como te imagino quando era criança.

Encolho os ombros.

– Quase isso. Eu era menos insolente e muito mais charmoso.

– Ou talvez você apenas achava que era – ela diz, bebendo um gole do

refrigerante.

E a voz do DJ sai das caixas de som: “Agora só é permitido para casais patinar… e temos uma dedicatória”.

Observo sua reação. Aguardando.

– “All I Want Is You” do U2 vai para a Dee, do Matthew.



Seus olhos se abrem mais e seus dentes apertam seu lábio inferior, empolgada e impressionada, porque ela não esperava por isso.

Levanto-me e estico a mão.

Dee mexe um pouco a cabeça, depois sorri para mim.

– Você acabou de fazer meus sonhos de quando tinha 13

anos se tornarem realidade.

Ela levanta e me beija suavemente. Depois segura minha mão e seguimos até a pista. E, graças a Deus, não caio. As luzes diminuem para que apenas alguns pontos multicoloridos giratórios iluminem a pista. A voz do Bono sai dos alto-falantes enquanto sorrimos um para o outro e patinamos. E é algo ridículo e imaturo, besta e bobo.

E muito mais perfeito do que jamais imaginei ser possível.

Estamos voltando para a cidade, parados no farol vermelho. Sei que Deloris curtiu muito esta noite, e tenho quase certeza de que ela não terá problema algum em passar o resto dela no meu apartamento.

Mas… quero escutá-la dizer isso.

Mulheres gostam de ser perseguidas, querem mostrar que são desejadas, que são necessárias, valorizadas. Caras como eu se divertem na perseguição – mas apenas se houver uma possibilidade de conseguirem capturar. Quero que Deloris assuma – que reconheça – que foi pega. Que está comigo.

Que ela quer isso tanto quanto eu.

Viro no banco para que possa ver seu rosto.

– Você quer encerrar… ou vai ficar comigo?

Minhas palavras têm um duplo sentido forte. E quando suas sobrancelhas enrugam ao considerar isso, sei que ela entende o que estou perguntando.

– Me diga que você é assim – ela pede suavemente. – Me diga que você está sendo verdadeiro.

– Não tem como isso ser mais verdadeiro, Dee.

Ela resmunga.

– Que saco… – depois me abraça forte. – Quero ficar com você.

Sorrio aliviado e feliz. Em seguida, ligo o motor e nos levo para casa.

Capítulo 12

Na sexta-feira à noite, está acontecendo um show de artes em uma das minhas galerias favoritas no centro, a Agora.

Para a elite de Nova York, apreciar arte é a mesma coisa que uma adolescente entrar para a equipe de líderes de torcida no ensino médio. Frequentemente não tem muita relação com o amor pelo "esporte", mas sim com o símbolo de *status*.

Mas eu realmente gosto de arte – pinturas lindas, esculturas interessantes. Apesar de que não teria problema algum se não houvesse performance e algumas peças modernas. Por exemplo, não acho que é talento alguém mijar numa jarra e chamar isso de arte.

Passo na Dee às sete horas, mas não vou de moto. Deloris me disse que está indo de vestido, então, com certeza, ela preferirá pegar um táxi até a galeria.

E que vestido! Quando ela abre a porta do apartamento, só consigo ficar encarando-a. Fico boquiaberto – babar, com certeza, é uma possibilidade.

O vestido não tem mangas e é curto, acentuando suas curvas longas e

tonificadas. Um tecido azul brilhante com pontos geométricos verdes cobre seus grandes seios e a metade inferior do vestido. Mas a região da barriga e do peito foi deixada de lado, está coberta por um material preto fino e transparente. Nunca vi um vestido como esse – é o

significado de sexy.

Finalmente fecho a boca e lhe entrego o grande buquê de rosas vermelhas que comprei.

Porque, é isso mesmo, sou muito bom.

Dee está completamente feliz e agradecida. Ela segura as rosas com uma mão e passa a outra pela lapela do meu terno cinza-carvão até minha barriga e segura meu pau.

É algo inesperado, mas sempre uma surpresa agradável.

– São lindas! Muito obrigada – sussurra, enquanto impulsiona meu pinto, antes de me beijar com os lábios com um sabor de morango.

Depois de recuar, murmuro: – A arte inestimável não me parece mais tão interessante.

Acho que podíamos ficar em casa, não?

– Ah não, este é um vestido que precisa ser visto. E…

você está muito gostoso com este terno para ficarmos em casa.

Não tenho como discordar.

Ao contrário das exposições em grandes museus como o Met, galerias de show privadas são menores, com relações mais íntimas. Apesar de serem abertas ao público, normalmente apenas compradores sérios as frequentam, sendo que o vinho e os aperitivos servidos pelos garçons de luvas brancas são escolhidos especialmente para atender aos gostos refinados daqueles fregueses.

Nós dois tomamos uma taça de vinho branco enquanto analisamos as fotografias e pinturas nas paredes. Os chãos da galeria são de madeira natural – as paredes

extremamente brancas têm uma iluminação dramática pela parte de cima, que ressalta cada peça. Os convidados estão espalhados por salas que parecem labirintos, expressando suas opiniões sobre as obras em tons de voz silenciosos e pretensiosos.

Deloris e eu estamos sozinhos em uma área separada, cujas paredes estão preenchidas por quadros de cores vibrantes e tamanhos variados, representando uma ampla gama de assuntos.

– Qual é o seu favorito? – pergunto.

– Por quê? Vai comprar um?

Os preços não estão à mostra, mas sei, por experiência, que qualquer uma dessas obras será vendida facilmente por uns dez mil dólares.

– Estou pensando.

Mas não foi por isso que perguntei.

Preferência em artes é algo muito pessoal, quase do subconsciente. É a mesma coisa que aprender se um cara gosta de boxer, cueca normal ou de ficar pelado – a arte ensina muita coisa sobre o tipo de pessoa que você é.

Dee passeia pelo perímetro do lugar, parando em frente a uma pintura de uma casa de fazenda branca no topo de uma colina, com um ardente céu vermelho e laranja no horizonte.

– Katie ia gostar desta.

– Por quê?

Ela mexe a cabeça.

– É bem agradável, confortável e segura. Mas o céu…

mostra também um lado selvagem.

Aponto para uma obra que está na parede do outro lado.

– Drew ia gostar daquele.

Ela olha.

– Porque é a imagem de uma mulher nua?

Rio.

– Sim. E… porque não tenta ser algo diferente do que é.

Não é a figura de uma flor que, na verdade, é uma vagina.

Pode amar ou odiar, mas é assim que as coisas são. Drew é um grande fã da abordagem direta.

– Qual você gosta mais?

Eu, imediatamente, aponto para um do Jackson Pollock que não está à venda. É cheio de respingos e espirais de diversas cores com um fundo preto. Dee se aproxima dele, olhando mais de perto, quando digo a ela: – Olhar para ele nunca me cansa, sempre vejo algo diferente – olho de novo para Dee. – O que me remete à minha primeira pergunta: qual é o seu favorito?

Ela abre a bolsinha verde, pega o telefone e dá uma examinada antes de me dá-lo.

– Esta é a minha favorita.



Olho para a tela.

– É a tabela periódica.

Ela encolhe os ombros.

– Para mim, é uma obra de arte. Harmoniosa. Perfeitamente organizada. Confiável.

– Alguns dos elementos não são instáveis?

Ela sorri.

– É claro que sim, mas a tabela mostra quais deles são.

Não tem nenhuma surpresa. Nenhuma decepção.

Aqui temos o perfeito exemplo de como Deloris é. De dia, uma química que usa óculos de segurança e, à noite, uma baladeira cheia de

purpurina.

Ela quer agitação, espontaneidade, mas uma parte dela – aquela que foi estragada por muitos idiotas no passado – deseja confiança.

Honestidade. Verdade.

Quero dar tudo isso a ela. Quero ser sua montanha-russa e seu carrossel, seu aventureiro e seu protetor. Seu impressionista e sua tabela periódica.

Quando a exibição termina, a maioria dos convidados se reúne na principal sala de recepção da galeria. Enquanto Dee vai ao banheiro, olho para a enorme escultura no canto, tentando entender o que deveria ser aquilo: uma caverna sem fim ou um monstro do pântano?

Não percebo que uma pessoa está ao meu lado até ela dizer algo.

– Estou pensando em comprar esta obra para minha sala de música. Tem uma energia que inspira, não acha?

É Rosaline. Ela está bem apresentável usando um vestido sem alças bege, com o cabelo preto preso no topo da cabeça – sem ter nem um fio fora do lugar.

E ela está sorrindo para mim… como uma aranha para um mosquito.

– Acho que é mais confuso do que inspirador. Ele parece não saber o que é.

– Talvez seja porque ele pode ser o que você quiser que ele seja.

Por causa do tom de voz e da graça nos olhos, tenho certeza de que ela está dando em cima de mim.

– Você ainda se aventura na fotografia, Matthew?

– É claro.

Ela dá uma leve risada.

– Lembra aquela vez em que fomos ao Breezy Point e nos embriagamos com aquele Chablis horrível? Sua câmera trabalhou bastante naquele dia.

Eu me lembro do dia que ela está se referindo. Éramos jovens, não tínhamos preocupações e ficávamos bêbados por causa de vinho barato e embriagados um pelo outro.

Mas não consigo me recordar com ternura de qualquer momento com Rosaline. Quando você tem uma lata de tinta branca e adiciona um pouco de preta, o lote todo se torna estragado. Cinza.

As memórias que deveriam ter um significado superimportante, aquelas do seu primeiro amor que te deixa com os olhos cheios de esperança, agora apenas me enojam.

Porque cada toque, cada palavra e cada beijo… nada foi verdadeiro.

Antes de conseguir responder, Deloris volta ao meu lado e segura meu braço confortavelmente.

– O banheiro feminino está cheio de pinturas penduradas!

Como você acha que aqueles artistas se sentem? O trabalho deles está exposto em uma galeria refinada e de respeito, só que perto da merda.

Por apenas um instante, Rosaline faz uma cara de azeda.

Depois, atuando, ela passa a fazer uma expressão de cortesia.

– Bom… olá. Meu nome é Rosaline Du Bois Carrington Wolfe. E o seu?

– Sou a Dee.

– Dee o quê?

Com uma jogada de cabelo igual a de alguma loira sexy dos anos 1940, ela diz:
– Apenas Dee.

– Você e Matthew… trabalham juntos?

Dee somente ri.

– Tenho cara de bancária?

– Não, não acho isso – ela analisa o vestido da Dee e a voz adquire aquele tom passivo-agressivo, irritado, que eu não suporto em uma mulher. – O seu vestido é muito…

vibrante… para uma bancária. Nem toda mulher teria… a coragem… de vestir algo tão *fora do normal*.

Deloris sorri gentilmente, mas com um pouco de maldade.

– Que elogio. E o *seu* vestido é tão… bege.

Rosaline acaricia o vestido com modéstia.

– Bom, sabe o que dizem: quanto menos, melhor.

Dee olha diretamente em seus olhos.

– E às vezes menos é… apenas menos.

Ela decide parar de golpear um pouco e vira para mim: – Adoro esta música. Quer dançar?

Tem tocado música instrumental no salão a noite toda. A canção a que Dee se referiu é uma versão jazz, sem palavras, de “Unforgettable” de Nat King Cole.

Rosaline ri.

– Minha querida, isso é apenas música de fundo. Ninguém dança ao som deste tipo de música.

Deloris encolhe os ombros.

– A vida é curta demais, nunca vou perder a oportunidade de dançar uma boa música. Matthew, o que acha?

Pego a mão de Dee e beijo-a suavemente, com muito orgulho.

– Acho que eu dançaria contigo em qualquer lugar.

Em seguida, conduzo-a até o meio da sala. Quando passamos pela Rosaline, Dee sussurra: – Adorei te conhecer, *queridinha*.

Guio-a em meus braços e começo um passo fácil e calmo.

Dee segue meus passos facilmente.

– Uau, olhe para você, Fred Astaire. Não sabia que dançava tão bem.

– Sou muito talentoso.

Ela sorri.

– Pode acreditar, eu sei – ela olha na direção de Rosaline.

– Entãããão… quer dizer que toda mulher que você me apresentar será completamente irritante?

Acho que isso acabou.

– Não, ela foi a última.

– Ela é alguma ex-namorada?

Nenhum homem quer contar a história de como brincaram com ele – fizeram-no de idiota. É vergonhoso, desconfortável – nós geralmente escolhemos bloquear isso e substituir por histórias de vitórias e festas banhadas a sexo.

– Algo assim. Por que quer saber?

– Parece que ela está tentando me matar com os olhos.

Agilmente nos viro para que meu corpo esconda a vista dela.

Mas Dee ainda diz: – Ela é muito bonita, parece uma modelo da Victoria's Secret.

– Ela não chega nem aos seus pés.

Ela para de dançar. Completamente. Imediatamente. E seu rosto, seu lindo rosto, está com uma expressão misturada de dor e dúvida… e um traço de indignação.

– Não faça isso.

– Não faça o quê?

– Não fique me elogiando como se tivesse acabado de me conhecer em uma balada. Me diga se a odeia ou se quer fodê-la, aguento o que for. Pode falar o que quiser, mas apenas… diga a verdade. Esteja comigo.

Ela está certa. Na mosca. Reflexos são reações corporais sem estímulos do cérebro. Acontecem de forma independente, sem tempo para pensar ou considerar. Não estou acostumado a ouvir uma certa insegurança da Dee. E, sem dúvida alguma, não queria mais continuar falando sobre Rosaline, então disse a primeira coisa que me veio à mente.

Sem pensar.

Não a verdade.

E ela merece algo melhor do que isso.

– Me… me desculpe – puxo-a para mais perto de mim e continuamos dançando novamente, mais devagar do que antes.

Dee relaxa a bochecha em mim e beijo sua orelha antes de sussurrar: – Na verdade, o que eu quis dizer é que ela é bonita por fora. Você, por outro lado, é como um diamante. Claro e sem

defeitos… do começo ao fim.

Ela levanta a cabeça para me olhar e sorri novamente. Me sinto como um mestre do universo.

– Acho que gostei disso.

Esfrego a mão em seu braço, sobre seu ombro, por baixo de seu cabelo até sua

nuca. Depois beijo-a suavemente.

Carinhosamente. Venero seus lábios, venero sua língua. O

beijo é molhado e ótimo. Aquele tipo de beijo que faz você esquecer que está em lugar público, ou que, mesmo que lembre, faz com que não dê a mínima importância.

Quando a música e o beijo terminam, Deloris lambe os lábios.

– Vamos sair daqui.

– Ótima ideia.

Ao chegarmos ao meu apartamento, Deloris tira os saltos, jogando cada um com um baque, seguindo em direção ao rádio.

– Quer vinho?

Ela me dá um olhar apreciativo.

– Não estou com sede de vinho.

Enquanto ela brinca com os botões, aperto-a por trás, passando meus lábios em seu pescoço e meus dedos subindo até as laterais do corpo. O som estava vibrando com “Demons”, do Imagine Dragons. Dee aperta o botão REPETIR e balança a bunda em mim.

– Gosto dessa música – diz ela.

– Gosto desse vestido.

Ela vira para me olhar. E sua respiração faz cócegas em meu ouvido quando sussurra: – Você vai gostar muito mais do que está por baixo dele.

Ela puxa o paletó pelos meus braços e o joga no chão.

Alcanço sua boca, e ela trabalha rapidamente com minha camisa. Suas mãos escorregam pelo meu peito enquanto me empurra até o sofá, me guiando sem falar nada. Sento, esperando que ela me acompanhe.

Mas ela não faz isso. Ao invés disso, levanta.

E o calor em seus olhos – a fome – faz com que meu coração acelere. Ela pega minha câmera do criado-mudo e se ajoelha entre meus joelhos estendidos, mostrando-a para mim como uma oferta.

– Tire uma foto minha, Matthew.

Respiro agitadamente, quase como um grunhido. E meu pau está morrendo de vontade. De observá-la, de tocá-la e, claro, de fotografá-la.

Em algum momento da vida, todo homem quer ser a estrela de um filme pornô. Por favor, você consegue pensar em algum outro modo mais legal de ganhar dinheiro? A Disney pode ser o lugar mais divertido no mundo, mas o Vale do Silicone é o lugar em que os sonhos de um homem se tornam realidade. Fotografias e vídeos de sexo feitos em casa permitem que os homens – e as mulheres – provem aquela fantasia. Para relembrar e reviver as experiências mais eróticas de suas vidas.

Se você está achando tudo isso muito selvagem, talvez seja melhor pular a próxima parte.

Dee sorri quando eu roubo a máquina de suas mãos.

Verifico duas vezes o filme e a bateria enquanto ela se levanta e balança o quadril junto da música. Ela fecha os olhos, balança a cabeça de um lado para o outro e seu cabelo loiro-morango se espalha cada vez que ela dá uma volta.

E ela parece tão… livre. Tão lindamente irrestrita.

Isso me deixa sem ar.

Capturo o momento com mãos ávidas. O obturador faz *clique, clique, clique*.

Ela se estica para trás, empina os seios e abre o zíper do vestido. Sem pressa, tira-o todo. É revelado um sutiã preto, transparente e sem alças, que está com enfeites azuis brilhantes e uma calcinha combinando com tudo. Seus seios estão firmes e grandes e completamente visíveis através do tecido obscuro – inclusive meu brinquedo favorito, o brilhante piercing de diamante no mamilo de Dee.

Ela se esquece de seu vestido no chão enquanto se move em círculos. Lambo os lábios, que, de repente, tinham ficado secos, focalizando novamente as lentes da câmera e fotografo.

Clique, clique.

Deloris desliza as mãos nas coxas e depois coloca-as na barriga, segurando os seios bem do jeito que quero. Meus dedos se contraem e seguro a câmera com mais força.

Clique, clique.

Minha voz sai grossa ao dizer: – Vem aqui, Dee.

E, milagrosamente, ela cumpre o que peço. No momento em que ela está próxima o bastante, abaixo-a em cima de mim, com uma mão em seu cabelo e a outra apertando sua bunda firme e suave.

Ela geme em meus lábios. Em seguida, suas mãos manuseiam desajeitadamente meu cinto, puxando minha calça e cueca para baixo em uma só investida. Levando ela e a câmera comigo, escorrego do sofá, ficando de joelhos, e depois vou para o chão. O tecido da lingerie da Dee parece um leve suspiro no meu pau tenso – mas não tão suave quanto sua pele.

Deito-a e viro-a de costas. Mantendo contato visual, primeiro arranco sua quase inexistente calcinha. Quando puxo o bustiê, ele se rasga dos dois lados, mas não deixo isso me interromper.

– Te compro um novo – prometo rudemente.

Dee acena, pedindo para eu não ligar para aquilo.

Quando ela está nua de um jeito lindo, pronta e contraída, pego a câmera de novo.

Clique, clique, clique, clique.

Deixo a câmera próxima e cubro o corpo de Dee com o meu, dando toda atenção possível para aqueles seios maravilhosos. Aperto com uma mão enquanto admiro o outro com a boca. Lambo ao redor de seu mamilo e, em seguida,

cubro-o com os lábios – arranhando com os dentes, lambendo e chupando forte até a Dee gritar com aquela sinfonia deslumbrante de júbilo e dor.

Então faço tudo de novo com seu gêmeo requintado.

– Você gosta dos meus peitos, Matthew? – Dee geme.

Esfrego forte o bico rosado com minha língua e respondo: – Amo. Eles são perfeitos. Podia ficar fazendo isso a noite toda.

– Você gosta de lambê-los? – suspira ela.

– Sim.

– Beliscá-los?

– Sim.

– Chupá-los?

– Sem dúvida.

– Você quer fodê-los, Matthew?

Um desejo ardente acomete completamente meu pau, me fazendo gemer. Foder seus seios é uma fantasia que tenho cortejado desde a primeira vez em que bati meus olhos neles.

– Sim – praticamente estou implorando. – Droga, não há nada que eu queira mais.

Ela sorri, provocante. Uma perfeita sedutora: rosto e corpo de anjo com um desejo do diabo. Toda disposta e carente.

– Eu também.

Deloris desliza por baixo de mim, beijando por onde passa, e só para quando seu rosto está diretamente sob a minha ereção furiosa. Ela me leva para dentro de sua boca esplendidamente molhada, lá para o fundo, até eu sentir sua garganta apertada. E recua, deixando uma cobertura espessa de umidade ao tirar a boca.

Me levanto e fico de joelhos. Dee está entre eles, seus seios transbordando em suas mãos, perfeitamente alinhados com meu pau. Gentilmente, sento de novo, me apoiando com quase todo o meu peso na panturrilha. Ela aperta os seios, encaixando meu pau duro entre sua maciez perfeita e escorregadia.

Saboreio a sensação. Aperto e fecho os olhos.

– Me coma.

Ela fala com um sorriso no rosto: – Esta é a minha fala.

Quero me mexer, quero atingi-la com uma pressa desvairada até encontrar aquele paraíso que sei que está apenas esperando ser alcançado.

Mas me controlo e me forço a maneirar. Deixar que ela me guie. Abro os olhos e encontro o olhar ardente da Dee. Ela empurra os seios para cima e para baixo, me masturbando com eles, diversas vezes.

Caralho, este sentimento é muito mais incrível do que já imaginei.

As mãos da Dee continuam trabalhando, apenas mantendo o ataque cômodo, enquanto levo lentamente meu quadril pra frente e pra trás, prolongando o prazer. Em seguida, me debruço e vou mais rápido – minhas respirações ficam mais rápidas, meu coração tenta sair pelo peito.

Dee ofega embaixo de mim.

– Use a câmera, Matthew. Quero ver as fotos. Depois.

Sibilo e gemo. Aí faço o que ela manda. Pego a câmera do chão. E tiro as fotos.

Clique, clique.

Mas não tiro fotos da vista do meu pau deslizando entre seus seios gostosos, pois esta imagem já está chamuscada em meu cérebro até quando eu morrer.

Clique, clique.

São seus lábios, abertos de prazer. *Clique.*

Sua língua molhada, com desejo. *Clique.*

Seus olhos cor de âmbar estão incendiando com intensidade… e confiança. *Clique, clique, clique.*

Aquelas são imagens que imortalizo. Aquelas que preciso lembrar sempre.

Porque fora deste momento, além de nossa atração abrasadora e empenhos eróticos, Deloris não confia em mim.

Não completamente. Ainda não.

Ela quer. Ela espera que eu seja digno. Mas a dúvida ainda impera, protege seu coração, não deixa que ela se entregue a mim.

E não tem problema. Não sei quais cicatrizes ela tem. Não sei quais experiências a ensinaram a ser tão cuidadosa. Vou esperar até estar pronta para me mostrar. Vou continuar tentando convencê-la de que sou um dos poucos em que ela pode confiar.

Porque vale a pena esperar e fazer de tudo pela Deloris.

Mas aqui e agora, o corpo da Dee já acredita no que a mente dela ainda está tendo cautela. Que eu nunca irei machucá-la. Que eu a desejo mais do que qualquer outra mulher.

Que vou amar cada parte dela: seu corpo, sua mente… seu coração, enquanto ela deixar.

A música continua tocando. E as palavras do cantor ressoam.

This is my k ingdom come.

This is my k ingdom come.

Meu pau desliza suavemente entre seus seios em um ritmo sensacional e constante. Em seguida, Dee levanta a cabeça.

Ela se inclina pra frente e envolve os lábios em volta do meu pau, puxando o quanto ela consegue para dentro de sua boca – chupando fortemente.

É tão fantástico que juro que eu podia chorar.

Um êxtase não diluído, puro, me arrasa. Gemo seu nome conforme gozo forte e profundamente – desde a droga de medula dos meus ossos.

Depois que a Dee engole cada gota, ela me tira da boca e sorri maliciosamente.

– Estava com sede disso.

Desmaio ao seu lado, minhas pernas não conseguem mais me segurar. E faço de tudo pra conseguir recuperar meu fôlego.

Depois de um minuto de silêncio, Dee pergunta: – Te matei?

Rio.

– Quase. Isso foi melhor ainda do que imaginava.

Puxo-a, segurando-a em meu peito. Nossa pele está escorregadia, com todos os tipos de suor maravilhoso.

– Foi demais.

– Sim, eu sei – ela ri.

– Mas ainda vai ficar melhor.

Ela me olha.

– Sério?

Sorrio e aceno.

– Com certeza. Porque… – levanto-a e deslizo embaixo de uma de suas pernas para que ela fique sentada com as pernas no meu peito. E sua boceta linda está a apenas alguns centímetros da minha boca.

Depois entrego para ela a câmera: – …agora é a sua vez.

Capítulo 13

Dee passou aquele final de semana no meu apartamento.

No sábado, levei-a comigo para a academia. Ela estava muito gostosa vestindo meu calção de boxe dobrado, um sutiã esportivo e luvas. Conseguiu dar alguns socos no saco de pancadas e estava convencida de que o seu estava quebrado, mas mostrei que era muito mais difícil do que parecia.

Deloris estava orgulhosa de si quando saímos – quase o tanto quanto eu estava dela. Não conseguiu dominar o saco, mas foi melhor do que muitos iniciantes.

Após isso, a manhã de domingo seguiu em frente.

Fui acordado por sussurros de discussão – aquele som rouco, não totalmente silencioso, que é tão irritante quanto passar as unhas em um quadro-negro.

– Não, mãe, ele está dormindo. Caramba, para! Odeio quando você faz isso! Beleza, vou acordá-lo. Tudo bem!

Mãos me cutucam e empurram meu ombro.

Tento acreditar que é apenas um sonho.

– Matthew. Matthew. Acorda, minha mãe quer falar com você.

Abro os olhos e vejo que a Deloris não está brincando – ela me dá o celular.

Pais me adoram, pelo menos sempre me adoraram. Mas minha primeira interação com eles não costuma ser pelo telefone enquanto estou na cama com a filha deles às seis da porra da manhã.

Isso é um pouco desanimador.

Sussurro, com voz rouca.

– Não quero falar com a sua mãe.

– Bom, eu sei, junte-se ao clube. Mas ela vai continuar ligando, então acabe logo com isso para que possamos voltar a dormir.

– Não – sibilo. – Estou pelado. Não quero falar com a sua mãe com a bunda de fora.

Ela revira os olhos.

– É a droga de um telefone, não estamos no Skype, para com isso – ela joga o telefone para mim.

– Não.

– Sim.

Então ela segura o telefone no meu rosto para que eu fique sem escolhas. Minha voz sai um pouco forçada, contra a minha própria vontade respeitosa, como uma turma de alunos do ensino fundamental que estão cumprimentando a professora juntos.

– Oi, senhora Warren.

Sua voz é controlada, forte. Me pego pensando se ela já participou de algum treinamento militar.

– Bom dia, senhor Fisher. Fiquei sabendo que você está tendo relações com a minha filha, por favor confirme ou negue.

Olho para Deloris, incrédulo.

Ela apenas articula com os lábios.

– Desculpe.

Limpo a garganta.

– Bem… hummm… no momento não.

Ela bufa.

– Sei que Deloris Sunshine já é adulta e pode tomar suas próprias decisões. Mas devido ao estado do mundo hoje em dia, ficaria grata se você pudesse se dar o luxo de responder algumas perguntas para aliviar um pouco a mente de uma mãe solteira preocupada, pode ser?

Cubro o bocal com a mão. E sorrio.

– Seu sobrenome é Sunshine?

Dee esconde o rosto no travesseiro.

Minha atenção volta à senhora Warren.

– Vamos lá.

Ela limpa a garganta.

– Já foi preso ou condenado por um crime?

– Não.

– Já recebeu algum tratamento por causa de uma doença mental?

– Não.

Mas estou começando a achar que a senhora Warren já.

– Tem um emprego remunerado?

– Sim.

– Mora em uma estrutura sem rodas?

– Sim.

– Tem algum filho que saiba da sua existência?

Parece que estou sendo entrevistado pela empresa de seguros de vida mais assustadora do mundo.

– Não, não tenho filhos, não que eu saiba, pelo menos.

– Você pratica sexo seguro com minha filha?

Isso termina a parte de conhecimentos gerais do nosso *game show*… obrigada por jogar.

Sento um pouco mais reto na cama.

– Senhora Warren, olha: eu acho sua filha demais. Eu a respeito, tomo conta

dela, faço de tudo para que ela se divirta enquanto estamos juntos – Deloris me observa com olhos ternos e adoráveis. – Mas francamente, as respostas a essas questões não são do seu interesse. Isso é apenas entre mim e a Dee.

A senhora Warren grunhe e diz: – Bom, Matthew, adorei conversar. Passe o telefone para a minha filha, por favor.

– Sim, senhora – passo para Dee.

– Beleza, mãe. Sim. Também te amo. Tchau – termina ela a ligação, suspirando.

Depois encosta a cabeça em meu peito, coloca os braços e as pernas em volta de mim e me abraça bem forte. Beijo o topo de sua cabeça e passo minha mão pra cima e pra baixo em sua coluna.



– Por favor, não pense que sou doida igual a ela.

Rio.

– Você ainda não conheceu meus pais. Como Ferris Bueller disse, toda família tem sua esquisitice.

– Bom… a boa notícia é que ela gostou de você. Você é bem-vindo à casamata.

– Eu… eu não sei qual é o significado disso.

Dee fecha os olhos e explica.

– Alguns ex-namorados atrás, Amelia costumava sair com um cara que era um sobrevivencialista. Ele construiu um abrigo subterrâneo no nosso quintal. Ele não durou muito tempo, mas a casamata sim. Ela mantém o abrigo sempre com bastante estoque e as pessoas mais próximas são sempre convidadas a se esconder lá quando, de acordo com ela, inevitavelmente o governo tentar escravizar a população e tirar suas armas.

O zumbido na voz de Dee está quase me ninando para dormir… quando finalmente entendo o que ela disse.

Levanto a cabeça.

– Calma. Sua mãe tem *armas*?

Na noite de segunda-feira, entro em meu apartamento e jogo as chaves na mesa do hall. Percebo instantaneamente que algo parece… fora do normal.

Está com um ar diferente. Parece um sexto sentido que quem vive sozinho tem – você sabe quando alguém entrou na sua casa.

Ou quando ainda tem alguém lá.

Nada na sala de estar está desarrumado. O mesmo vale para a cozinha e para a sala de jantar, que olho atento enquanto ando pelo corredor em direção à porta do quarto fechada. Abro e entro.

Lá dentro, deitada no meio da minha cama, vestindo uma camisola de renda cor-de-rosa clara, com cinta-liga combinando e meia fina comprida, está… Rosaline.

Para muitos homens, esta é uma fantasia que está se tornando realidade. Uma gata gostosa e excitada que aparece na sua casa com uma capa de chuva sem nada por baixo.

Mas para mim? Fantasia fantástica, porém com a garota errada.

Seu cabelo escuro cai sobre meu travesseiro em ondas reluzentes. Seus olhos azuis me admiram enquanto seus lábios vermelhos se alongam em um sorriso sedutor.

– Olá, Matthew.

– Como você conseguiu entrar aqui?

Ela não nota o desprezo em meu tom de voz. Ou talvez nem mesmo o escute.

Seu sorriso rubi aparece no momento perfeito.

– Eu disse para o porteiro que sou uma velha amiga.

Depois de um pouco de persuasão, ele me deixou entrar.

Você devia fazer uma reclamação contra ele. Pelo tanto que paga por este lugar, a segurança é amedrontadora. Apesar de que, neste momento, eu acho que você está bem satisfeito com isso.

Ela passa a mão na barriga mexendo no tecido fino de sua calcinha. Apesar de meus olhos estarem cheios de vontade de seguir sua mão, forço-os a continuarem focados em seu rosto.

– Você está errada.

Ela levanta da cama e fica parada na minha frente, com olhos cabisbaixos e as mãos dobradas: a imagem perfeita de vulnerabilidade sensual.

– Eu *errei* ao terminar as coisas com você como fiz. Te ver novamente me fez perceber o quanto sinto saudades. Estava torcendo para que me desse uma segunda chance agora que voltei à cidade.

Não vou mentir. Ela me pegou de surpresa ao dizer isso.

Meu ego deu pulos de alegria. Esse não é o desejo de todo mundo que leva um fora? Escutar seu antigo objeto de desejo dizer que estava errado? Implorar e pedir para ser aceito de volta?

– Você está deixando o Julian? – pergunto, entorpecido.

Ela dá uma risadinha.

– Deixando? É claro que não, bobinho. Se eu terminar com ele, não ganho nada, o acordo pré-nupcial foi bem específico quanto a isso. Mas isso não significa que não posso curtir minhas próprias… distrações. Podemos curti-las juntos.

Frequentemente.

Há algumas semanas, eu teria aceitado sua proposta.

Transar com Rosaline sempre foi um evento espetacular. E

s o u *homem*. Sexo constante sem precisar estar em um relacionamento é o pote de ouro do final da porcaria de um arco-íris. É algo que todos sonhamos encontrar, mas que, na verdade, não acreditamos que realmente exista.

Mas aqui e agora, nem mesmo meu pau está interessado.

O que é realmente algo importante, levando em conta que ela está quase nua.

Rosaline dá um passo à frente e se movimenta para colocar seus braços em volta do meu pescoço. Mas domino seus antebraços e a seguro na altura do braço.

– Vista-se.

Ela aparenta estar verdadeiramente surpresa. Confusa.

Mas antes que eu possa entender tudo, escuto uma batida na porta. A voz cantante e alta de Deloris começa a dominar o corredor: "*How ya call ya loverboy? Come 'ere, loverboy…*"

Merda.

Isso é terrível. Terrível do tipo construir uma casa em um antigo cemitério indígena, cujos corpos despertam novamente, putos com tudo.

Saio de perto de Rosaline e sigo até a porta, pensando em minhas opções. Poderia esconder Rosaline em um armário ou debaixo da cama, mas, se Dee encontrá-la, ficarei parecendo culpado. Poderia tentar tirar Deloris da cena do crime, mas, se um dia ela descobrir o porquê, ficarei parecendo *muito* culpado.

A única opção viável é abrir o jogo, contar toda a verdade para Deloris, esperar que sua natureza confiante e a fé dada por Deus a façam acreditar na honestidade de seu companheiro.

É, você está certa, estou completamente ferrado.

Abro a porta. Deloris me dá o DVD de *Dirty Dancing – Ritmo Quente* para eu vê-lo enquanto ela dança.

– Este é o filme perfeito para nós! Tenho certeza de que você ainda não assistiu, já que seus globos oculares encharcados de testosterona têm estado muito ocupados assistindo filmes de ação e de pornô de guerra. Mas para a sua sorte, eu tenho a versão do diretor com cenas estendidas. Podemos recriar a cena em que ele a "levanta".

Também consigo fazer um chá-chá-chá sensual.

Vou até o corredor antes dela terminar de falar e fecho a porta atrás de mim. Ela então percebe a expressão em meu rosto e para de dançar.

– Que foi?

Coloco as mãos em seus ombros e digo: – Preciso que você *não* fique brava.

É claro que dizer isso só vai fazer com que ela fique brava mais rápido. *Burro.*

– Por que eu ficaria brava?

Tento melhorar a situação.

– Você precisa confiar em mim, Deloris. Juro que não é o que parece.

Isso não melhorou nadinha, né? *Merda*.

Seus olhos de coruja apreensivos se movem do meu rosto para a porta atrás de mim, e voltam novamente. Ela não assevera ou concorda, mas manda: – Abra a porta, Matthew.

É melhor acabar com isso logo.

Abro a porta e Deloris avança na minha frente. Ela não encontra o que estava procurando. Ela dá uma olhada pela sala de estar.

– O que você…

É aí que Rosaline chega andando pelo corredor, ainda coberta pela cinta-liga e pela renda.

Se eu não tivesse azar? Não teria sorte alguma.

– Acho que você está sendo meio infantil quanto a… – Rosaline para um momento ao ver Dee, mas não fica nem um pouco incomodada. – Bem, isso é estranho.

Ranjo os dentes.

– Falei para você se vestir.

– Achei que estava sendo recatado. Não achei que falasse sério.

Viro de costas para ela e olho para a Deloris.

– Dee…

Meia dúzia de emoções passam em seus olhos: choque, surpresa, dor, traição, raiva, humilhação. Fé e confiança sumiram do mapa.

Mas ela não sai correndo.

Por apenas um instante, acredito que conseguiu me entender. Que ela se lembrou das minhas promessas, pensou nas minhas ações nos últimos dias e que chegará à conclusão inevitável de que não sou um maldito traidor.

Vou te dar um segundo para pensar no que ela fez depois.

Apenas para manter as coisas interessantes.

…

…

…

…

…

…

…

…

…

Ela me dá um tapa. Bem no rosto.

Pá.

Então sai correndo pela porta como um morcego saindo do inferno.

– Porra!

Quero ir atrás dela – e vou –, mas primeiro tenho um 

extermínio a fazer.

Rosaline, com um sorriso distraído, diz: – Bom, onde paramos?

– Estava quase colocando sua bunda para fora daqui.

Ainda estou. Não quero recomeçar nada com você, Rosaline.

Nós terminamos. Não ouse conversar comigo em festas. Se você me ver na rua? Dê a volta e vá para outra direção. Se você tentar algo assim novamente ou tentar interferir na minha vida? Pode ter certeza de que vou garantir que seu marido e todas as socialites conhecidas saibam que você é uma vaca calculista, fria e com duas caras. Entendeu?

Sua confiança some e ela fica com cara de machucada.

Mas por apenas um segundo. Logo depois seus olhos já estão frios novamente. Nervosos, mas controlados. Como um rato empenhado em sobreviver, mesmo que isso signifique mastigar sua própria perna.

– Totalmente.

Saindo, dou a ela um último olhar.

– Não esteja aqui quando eu voltar.

Quando consigo pegar o próximo elevador e descer até o saguão, Dee já sumiu de vista. Corro até a calçada e procuro pelo mar de nova-iorquinos até que vejo sua cabeça loira indo embora pelo quarteirão.

E é quando começa a chover. A chuva está forte e muito gelada, parece uma ducha gigante do tamanho do céu ligada numa explosão bem fria.

Muito obrigada, Deus. Ótimo jeito de me dar uma ajuda.

Misturo-me entre os pedestres – tentando ao máximo não ter meus olhos arrancados pela agitação dos guarda-chuvas pelo caminho. Quando consigo alcançar Dee, pego seu braço, viro-a e grito: – Para de correr! Falei para você não ficar brava!

Ela gesticula apontando para o meu prédio e berra: – Como você quer que eu não fique brava quando vejo uma mulher nua dentro do seu apartamento?

– Porque não estou lá em cima com ela! Estou aqui embaixo, provavelmente pegando pneumonia, indo atrás de você, droga!

– Por quê?

É neste ponto que percebo que pedi para Dee confiar em mim, para acreditar que sou diferente dos idiotas do passado, sem realmente lhe dar uma razão para isso.

Qualquer cara pode fazer uma garota feliz durante um tempo, dando presentes, saindo em encontros divertidos, mas isso não significa que ele é honesto. Ele poderia estar apenas colocando uma fachada de convencimento. Defendendo um motivo oculto ou uma personalidade de jogador.

Para provar que não está escondendo nada, às vezes você tem que esvaziar seus bolsos, abrir sua mala e deixá-la ser revistada. Mesmo que seja desconfortável ou vergonhoso.

Confiança tem que ser ganha… mesmo que seja abrindo o jogo.

– Namoramos por dois anos na faculdade. Queria casar com ela, e pensei que ela quisesse o mesmo. Mas ela não queria. Ela estava me traindo o tempo todo com um cara mais velho e mais rico, e eu estava cego demais para enxergar isso. Ela me deu um fora quando ele a engravidou. Ela partiu meu coração… e… e agora, estou muito feliz por isso.

Porque se ela não tivesse feito isso, talvez eu nunca tivesse te conhecido.

Deloris parece surpresa, depois compreensiva. Mas uma dúvida ainda permanece ali.

– Ela é tão bonita.

Olho para o cabelo molhado e embaraçado da Dee, seu rosto cheio de rímel espalhado, seus lábios azuis tremendo por causa do frio. Então mexo a cabeça.

– Eu não acho.

Ela escuta o que falo e, depois de um tempo, abre um pequeno sorriso. Estendo minha mão.

– Podemos entrar novamente?

Ela aceita.

– Tudo bem.

Voltamos rapidamente para o

prédio. Ao nos aproximarmos, vejo Rosaline saindo pela porta do saguão, com óculos de sol escuro, apesar do clima, uma impecável

capa de chuva fechada com cinto, cabelo preso em um nó baixo e organizado. Seu motorista está segurando um guarda-chuva sobre sua cabeça no caminho até a porta aberta da limusine. Não fico olhando-a enquanto ela vai embora – só me sinto aliviado por ela ir.

De volta ao meu apartamento, Dee está de braços cruzados, mas aquilo não faz com que ela pare de tagarelar.

Arrancamos nossas roupas molhadas e frias e encho a enorme Jacuzzi com água quase escaldante. Apesar de haver poucas coisas melhores do que uma transa escorregadia dentro de uma banheira, não é disso que se trata. Não vou ficar todo brega e dizer que quero apenas “abraçá-la”, quero muito mais.

Só que… não agora.

Relaxo na parte de trás da banheira, com os braços nas bordas, e Dee está com a cabeça encostada em meu peito, deitada ao meu lado. Fecho os olhos, sentindo a água quente afrouxar meus músculos e aquecer nossas peles. O

ambiente cheio de vapor nos espelhos está silencioso e tranquilo; nós dois estamos contentes de estar lá.

Então Dee sussurra: – Qual foi a pior coisa que você já fez?

Abro os olhos e abaixo a cabeça para ver seu rosto: – Você pergunta cada coisa.

Vejo-a sorrir. Ela explica: – É fácil falar sobre as boas ações, mas as coisas mais difíceis dizem mais sobre nós.

Inalo um gole de vapor e faço um resumo mental de todas as minhas transgressões. Confesso: – Eu traí… toda namorada que já tive, no ensino médio e na faculdade… antes de Rosaline. Nas poucas vezes em que fui pego, fiz elas se sentirem como se tivessem sido as culpadas.

Deloris não demonstra nenhum julgamento no rosto. Não está horrorizada ou demonstrando repugnância. Apenas curiosidade.

– Por que fez isso?

Por que os homens traem? É uma velha pergunta com uma variedade de respostas. A mais simples é: homens são homens. Mas isso não explica toda a história.

Alguns homens ficam entediados. Bater na mesma bunda, mesmo que pareça a da Kate Upton, pode cansar. Para outros, é um jogo. A sensação de conseguir escapar de algo que não devia fazer, a empolgação de talvez ser pego.

Outros são apenas covardes. Não têm coragem de admitir para a mulher que os ama que não sentem o mesmo. Eles acham que estão protegendo-a de se machucar, deixando-a acreditar que o compromisso deles significa mais do que realmente acontece.

– Porque eu era jovem e tolo. Egoísta. Porque eu queria ficar com elas, mas não tanto quanto queria ficar com outras também. Porque eu não sabia o quão terrível e humilhante era se sentir traído daquele jeito. Mas carma é uma puta honrada. Depois de Rosaline… eu soube. Jurei que nunca mais faria alguém se sentir daquele jeito novamente.

De um jeito meio louco, Rosaline me fez um favor, me ensinou algo que precisava aprender. Me fez ser um homem melhor. Para as mulheres que vieram depois dela.

Para Deloris.

Toco o dedo no queixo da Dee e levo seus olhos aos meus.

– Eu *nunca* faria isso contigo. Você sabe disso, né?

Por favor, meu Deus… faça com que ela acredite.

Ela procura meus olhos, tentando me ler e, em seguida, abre um sorriso desonesto.

– Sim, eu sei – ela encosta a cabeça de novo em mim. – Mas ainda vou precisar

que você me lembre de vez em quando.

– E você? – reflito. – O que esconde?

Ela não responde rapidamente. Quando fala, sua voz tem um tom apressado.

– Fiz um aborto quando tinha dezesseis anos. Ele foi o meu primeiro, era bonito, convencido, do lado mais rico da cidade. Falou que me amava e… eu acreditei.

Ela observa a mão se movimentar por baixo da água, fazendo ondas.

– Sei que tenho que ter esse sentimento de…

arrependimento. Culpa. Mas não tenho. Foi a decisão certa na época. Mas ainda assim, de vez em quando, penso que poderia ter um filho agora. Ele ou ela teria uns nove anos. E

não fico triste de verdade, mas fico pensando em como seria minha vida se as coisas tivessem sido diferentes.

Ela olha dentro de meus olhos.

– Você me acha terrível?

– Nem um pouco – puxo-a para mais perto de mim e beijo sua cabeça.

Com um tom menos pesado, ela comenta um pouco depois: – Não seria uma loucura? Eu criar uma menininha ou um menininho?

– Você quer ter filhos? Algum dia?

Ela encolhe os ombros.

– Não sei, não tenho certeza de que seria boa com isso.

Minha mãe não é o melhor exemplo. Não acho que ela estava pronta para ser mãe. Eu fui um acidente; Billy foi um caso de caridade. Ela nos amava e dava seu melhor, mas nada nunca era… estável enquanto eu crescia, entende o que quero dizer? Ela estava sempre mudando de emprego, tentando se reinventar, procurando por amor sempre nos locais errados.

Ela é mais uma amiga do que uma mãe. Tenho medo de que sua contradição possa ser hereditária.



Apesar desta conversa ter tomado um rumo muito mais sério do que eu pensava, não consigo parar de imaginar Dee como uma mãe. Saindo pela cidade de salto alto e blusa regata, com o bebê em seu colo naquela geringonça parecida com uma mochila.

Na minha imaginação, o bebê é a mistura perfeita de nós dois: o cabelo loiro-morango da Dee e meus olhos castanhos.

– Acho que você seria uma ótima mãe.

Uma apreciação afetuosa se derrete em seus olhos e radia em seu sorriso.

– Sério?

Deloris lembra muito a Alexandra. Feroz – com um afeto fervente. Uma doadora de abraços apertados e beijos abundantes. São coisas que fazem parte do melhor tipo de mãe.

Paramos de conversar depois disso. Ficamos na banheira até a água esfriar, curtindo um silêncio confortável, juntos.

Algumas mulheres não vão gostar de ouvir isso, mas vou dizer de qualquer jeito: você não precisa de amor para fazer um ótimo sexo. As experiências sexuais mais fantásticas da minha vida não incluíram qualquer tipo de emoção. Elas incluíram mulheres com as quais eu era bem indiferente, na verdade. Eu não as conhecia tão bem para gostar ou não.

Nem mesmo sabia o nome de algumas delas.

Mas sabia que elas eram gostosas, sentia-me atraído por elas em um nível estritamente físico.

O desejo é fácil. Claro. Estimulante.

O amor é uma bagunça. Confuso. Às vezes assustador.

O desejo é poderoso. Primordial. Condutor.

O amor é duvidoso. Transitório. Ele pode ferrar sua cabeça.

Sei que esta opinião não é exclusiva dos homens, mas, estatisticamente falando, eles têm uma tendência muito maior de conseguir se satisfazer com uma experiência sexual aleatória, sem emoção, do que as mulheres.

Se você não acredita em mim, basta procurar no Google.

A maioria das mulheres quer sentir algo nas relações sexuais – talvez nem consigam gozar se não sentirem.

Mas Deloris Warren não é igual à maioria das mulheres.

Ela acabou comigo na primeira vez em que saímos. Sem me conhecer o bastante para sentir algo, exceto desejo. E foi demais. Para nós dois. Na verdade, ela parecia preferir daquele jeito.

Como eu disse… o desejo é fácil.

Mas depois da noite em que Rosaline invadiu meu apartamento, algo não continuou igual. Mudou.

Se transformou.

Não quero apenas que Dee goze, quero agradá-la. Quero fazê-la se sentir feliz, amada: dentro ou fora do quarto. E

quero que ela seja a razão de eu me sentir assim.

Ela está suspirando dormindo e o som me acorda. Ela está de barriga pra baixo, e o cobertor cobre apenas sua cintura, expondo sua coluna sem defeitos. Observo seu rosto e fico pensando no que ela está sonhando. Está com o rosto relaxado, suave, o que a deixa vulnerável e jovem.

Inocente.

E uma proteção ardente enche meu peito, apertando meu coração. Minha mão toca seu punho, suavemente subindo até sua coluna. Em seguida, são meus

lábios que fazem isso.

Minha língua. Sinto o doce gosto salgado de sua pele, desde sua espinha até seu pescoço.

– Matthew – suspira ela, me mostrando também está acordada.

Ela vira para mim, e seus olhos alertas encontram os meus na escuridão. Tiro o cobertor e ela abre as coxas para mim.

Me convidando.

Eu subo nela, nossos peitos se apertam, coxas se alinham e quadris se apoiam. E quando beijo seus lábios, parece muito mais do que apenas um beijo. É diferente dos outros que já dividimos.

Quero que ela saiba como me sinto. Quero mostrar a ela – com todo cuidado, todo impulso – o que ela começou a significar para mim. Mais do que tudo… quero saber se significo o mesmo para ela. Quero sentir isso vindo dela.

Deslizo completamente para dentro dela. Sua gloriosa umidade apertada se estica, sucumbe e aperta em mim enquanto forço outro impulso. Minha boca paira sobre a dela, nossas respirações se misturam e juntos ofegamos.

É esplêndido.

Ela toca meu rosto e beijo seu queixo, sua bochecha, seu cabelo, sua orelha, borrifando-a com meu recém-descoberto sentimento. Nossos movimentos são afetuosos… não são nada gentis ou calmos, porém… significativos.

Profundos.

Seu quadril se levanta até encontrar o meu, nos unindo mais profundamente. Engulo o soluço que sai de seus lábios quando ela goza antes de mim. Mergulho inexorável dentro dela através de seu orgasmo, até conseguir segui-la com um meu de tremer a terra.

Ela coloca as pernas ao meu redor, me mantendo magnificamente preso em seu calor envolvente. Nos beijamos ao gozarmos, mordiscando e mordendo o lábio de cada um. Viro o rosto em seu pescoço, relaxando minha cabeça em sua

clavícula, sentindo seu cheiro. Suas mãos analisam meus braços e se posicionam em minhas omoplatas.

Alguns minutos depois, relutantemente tiro. Dee me abraça bem forte, então não saio de cima dela. Pegamos no sono naquela mesma posição, com meu corpo servindo como um cobertor pesado e o dela como meu travesseiro elástico.

Capítulo 14

Nos próximos dias e noites que seguem, Deloris e eu literalmente passamos todas as noites juntos. Ela finalmente se abriu e me contou sobre todos os ex-namorados. Não houve muitos como você deve estar pensando, mas os que ela teve foram verdadeiros ganhadores.

Teve o primeiro idiota, é claro, aquela criança que a engravidou e depois jogou ela no lixo.

O bastardo número dois acabou sendo mais velho do que havia dito primeiramente. Tipo… dez anos mais velho. E

casado. Com um filho.

O próximo imbecil, durante os anos em que Deloris estava na faculdade, roubou as informações de sua conta bancária, roubou tudo e fugiu para Vegas. O ignorante ainda deixou um recado explicando que tinha um vício incontrolável por apostas que ele conseguiu esconder da Dee durante os meses em que ficaram juntos.

E, por fim, tem o último. O filho da puta que bateu nela.

Deloris disse que só aconteceu uma vez, mas uma vez já é demais para mim. Ela não quis me falar o nome dele, mas juro por Deus que se um dia eu descobrir, vou atrás do desgraçado até a casa dele quebrar todos os ossos da mão que tocou nela.

Depois vou quebrar a outra, apenas para garantir que ele 

não se esqueça.

Ah – tem também a história sobre os pais. Deloris disse que sua mãe e seu pai

tinham um relacionamento forte e tenso, juravam que não era apenas algo do momento, mas um amor eterno. Até que sua mãe engravidou. Aí seu pai se transformou em um fantasma e desapareceu… sem ninguém nunca mais saber dele.

Agora que sei detalhes sobre a história de perdas de Dee, tudo faz muito mais sentido. A razão de ela estar tão nervosa no primeiro encontro, apesar de gostar de mim – *porque* ela gostava de mim.

É um milagre que ela acredite em mim agora. Depois do que passou, não ficaria surpreso se ela jogasse tudo pro alto e virasse lésbica.

Por mais legal que fosse, fico feliz por ela não ter feito isso.

A noite anterior ao Dia de Ação de Graças é oficialmente a maior noite de bares no calendário. Todo ano, após a festa do escritório na véspera do Dia de Ação de Graças, Drew, Jack e eu saímos para baladas até o sol raiar. É muito divertido. É tão tradicional quanto peru, recheio e molho de mirtilo.

Apesar de que nunca entendi muito bem o negócio do molho de mirtilo. Mesmo quando feito em casa, ele continua ruim pra cacete.

Enfim, neste ano convidei Dee para participar de tudo: da festa do escritório e das festividades que viriam em seguida.

Faz mais de duas semanas que não saio com os caras. Às vezes acontece isso. Quando uma criança ganha um brinquedo novo no Natal, a última coisa que quer é deixar seus amigos brincarem com ele. Ele fica junto do brinquedo, até mesmo dorme com ele debaixo do travesseiro. Então, depois de uma ou duas semanas, deixa alguém ter sua vez.

Não é que o Jack ou o Drew vão ter uma “vez” com Dee do jeito que eles provavelmente gostariam, mas é hora de levá-la. Apresentá-la aos caras para que eles vejam que ela é uma namorada legal. Aquela que joga dardos e sinuca e que não se esquece dos bons momentos.

Ligo para o celular de Dee do lado de fora de seu apartamento para que eu não precise procurar por uma vaga para estacionar a moto. Depois fumo um cigarro enquanto a espero descer. Quando ela sai do prédio, dou um sorriso ao ver sua roupa. Uma calça preta de cetim aperta suas pernas tão forte que parece estar

pintada nelas. Um escarpim combina com sua regata e ela segura uma jaqueta preta. Seu cabelo está preso no alto e encaracolado, fazendo com que o colar de diamante que está caindo bem em seu decote chame atenção.

– Bonito colar – digo, dando-lhe o capacete.

Ela encolhe os ombros.

– Bijuteria da QVC.

Faço uma nota mental para que me lembre de comprar um verdadeiro para ela. E a imagem de Dee se esbaldando em diamantes, sem mais nada, faz com que eu dê um sorriso malicioso e meu pau fique duro na minha calça.

Ela coloca o capacete, mas não sobe na Ducati rapidamente. Para na calçada, com as mãos no quadril, olhando pensativa.

– O que você diria se eu falasse que quero ir dirigindo a moto até a festa?

– Eu falaria que você está totalmente sem sorte. Não pego carona, vaca.

Ela bate na minha cabeça, mas meu capacete ameniza o soco.

– Então deixa eu dar uma volta sozinha. Só pelo quarteirão.

– Acho… melhor não.

Ela faz beiço.

Suspiro.

– Já dirigiu uma moto antes?

– Não, mas sempre quis.

– Bom, eu sempre quis voar, mas isso não significa que vou me prender em um traje de esquilo e farei paraquedismo na droga do Empire State Building.

Ela chega mais perto e passa as mãos de um modo pacífico 

em meu peito.

– Vai, deixa, por favor. Serei muito cautelosa e ficarei muito agradecida. Muito agradecida. Do tipo… malicioso, te deixo me algemar na cama como forma de agradecimento.

Esqueça o sistema de transmissão nacional, este é o teste.

Continuarei firme com minhas armas masculinas, vou manter meu orgulho e proteger meu lindo veículo de algum tipo de matança ou vou ser dominado pelo meu pau e influenciado pela promessa de sexo excêntrico, em que terei Dee à minha mercê a noite toda?

Sem disputa.

– Tudo bem, aceito pegar carona com você, vaca.

Deslizo no banco para que ela consiga subir na minha frente. Mostro onde está a embreagem, o acelerador e, principalmente, o freio.

Conhece aquele ditado de que, antes de morrer, um filme da sua vida passa em sua mente?

Quando chegamos ao prédio do escritório, pude ver, sem dúvida alguma, que isso é completamente real.

Vi toda minha vida passar na minha frente. Três vezes.

Uma quando Dee virou com tudo na frente de um ônibus.

Outra quando ela derrubou diversos latões de lixo como se fossem pinos de boliche, e outra quando um táxi quase nos atropelou pela lateral.

Apesar de que a última vez não foi completamente culpa da Deloris. Os taxistas de Nova York são loucos pra caramba, eles te atropelam antes mesmo de piscarem os olhos e nem mesmo verificam pelo retrovisor para ver se você morreu.

Após deixar minha moto segura no estacionamento, Dee e eu andamos de mãos dadas até a grande sala de conferência cheia de decorações de festa. Uma música

clássica e alegre sai da caixa de som do DJ em um canto; aromas de dar água na boca flutuam da mesa de comida em uma parede; e os sons de conversas e risadas preenchem o ambiente.

John Evans é bom em muitas coisas, mas dar uma ótima festa está no topo da lista.

Faço as honras com Dee, apresentando-a aos meus colegas de trabalho e ao meu assistente executivo. Pegamos umas bebidas no bar e ficamos com Jack O'Shay, que nos dá uma versão leve de suas mais recentes explorações do final de semana. Vejo meus pais do outro lado e, enquanto vamos até eles, Jack me olha, aponta para a Dee e faz um sinal positivo.

Minha mãe é baixinha, muito mais baixa do que meu pai, que, mesmo mais velho, continua com 1,87 m. Ela está envelhecendo, seu cabelo castanho-claro fofo está um pouco mais grisalho desde a última vez em que a vi. Mas seus olhos castanhos iguais aos meus ainda brilham com a doçura vivaz que sempre tiveram.

Ela sempre foi uma verdadeira debutante, educada para ser elegante, equilibrada… e silenciosa.

Dizem que ela conheceu meu pai quando ele entrou de penetra na festa de encerramento da faculdade e que houve uma paixão instantânea. Naquela época, ele era bagunceiro, adorava uma festa, mas ficou fascinado pela serenidade. Ela ficou descontroladamente atraída por sua paixão. E, apesar da ameaça de meu avô de tirar sua herança, eles se casaram quatro semanas depois do dia em que se conheceram.

Minha mãe não tem um osso malvado em seu corpo. Ela é sensível, virtuosa. Tem uma voz naturalmente calma, quase lírica, como Jackie Kennedy naquelas entrevistas históricas na Casa Branca. Meu pai sempre a protegeu com todas as forças, e não há nada – *nada* – que me lembro dela ter pedido que ele não lhe deu imediatamente.

Meu pai me cumprimenta com um aperto de mão: – Filho.

– Oi, pai.

Dee fica ao meu lado enquanto dou um abraço em minha mãe.

– Querida.

Apresentar uma garota aos pais pode ser um pouco estressante, especialmente se sua mãe for uma daquelas que adoram criticar, julgar ou que acha que ninguém é boa o bastante para o seu filhinho. A mãe do meu colega de quarto da faculdade era assim. Ela acabou com a namorada dele porque ela vestiu a porcaria de uma bermuda branca depois do Dia do Trabalho. Não preciso nem dizer que ela não continuou sendo a namorada por muito tempo.

Mas meus pais são fáceis. Meu pai, especialmente, sabe que não sou um santo. Se eu conseguir encontrar uma mulher que aceite me aguentar, ela já será boa o bastante para ele. Minha mãe só quer que eu seja feliz. Sua definição de felicidade é casar e ter uns dois ou três filhos e um animal doméstico. Qualquer garota que fizer isso acontecer será bem-vinda à família de braços abertos.

Se tal mulher ainda conseguir me convencer a vender a moto, aí ela será ainda mais adorada.

– Mãe, pai, esta é Deloris Warren.

Deloris abre um sorriso brilhante.

– Prazer em conhecê-los, senhor e senhora Fisher.

Meu pai acena.

– Digo o mesmo.

Minha mãe comenta: – Que sapatos lindos, Deloris.

– Obrigada. Eles são meu par favorito do momento e muito mais confortáveis do que parecem ser. Posso até dançar com eles e não sinto dor nenhuma.

– Você é dançarina, querida? – minha mãe pergunta.

– Não profissionalmente.

– Quando tinha sua idade, eu amava dançar. Eu fazia o Frank me levar sempre que podíamos.

Como a taça da Dee está quase vazia, aproveito para buscar refil no bar. Vejo Kate Brooks chegar e percebo que o cara com ela é o primo da Deloris, aquele das fotos em seu apartamento.

Dou a Dee sua bebida fresca e, quando ela e minha mãe param de conversar um pouco, digo: – Seu primo e Kate acabaram de chegar.

Minha mãe pede licença: – Foi um prazer te conhecer, querida. Espero te ver de novo em breve.

– Eu também – diz Dee, com um tom de sinceridade.

Enquanto entrávamos no meio da multidão, ela me diz: – Devíamos levar sua mãe para dançar algum dia. Acho que ela está morrendo de vontade de descer até o chão.

– Descer ou cair até o chão? – rio.

Alcançamos Kate e Billy, e Deloris me apresenta ao seu primo. Ele me dá um forte aperto de mão.

– Que prazer te conhecer, cara.

Concordo. Deloris provoca o primo.

– Kate finalmente conseguiu te colocar dentro de um terno, é? Está bonito, nunca pensei que fosse ficar tão bem.

Ele puxa o colarinho, desconfortável.

– Não se acostume com isso. Só vou tirar isso novamente do armário se tivermos que ir a um enterro.

Kate revira os olhos. Em seguida, John Evans se junta a nós. As apresentações são feitas e conversamos sobre trabalho por alguns minutos. Vejo o Drew chegando do outro lado. Por conhecê-lo desde pequeno, já consigo entender suas expressões faciais, mesmo aquela que ele está tentando esconder. Neste momento, ele está puto. Muito puto.

Não tenho certeza da razão. Ele e Kate perderam Saul Anderson, o cliente que

era o objetivo deles algumas semanas atrás. Apesar de o pai estar decepcionado, Drew estava excessivamente satisfeito consigo mesmo por ter mandado o cara embora, então sei que não é por isso. Ele também conseguiu suavizar as coisas com o pai, então não deve ser isso também que o está aborrecendo. Por um instante, penso que talvez ver Kate, a primeira mulher que conheço que o acertou com tudo, aqui com seu noivo pode ter sido o que o pegou de jeito.

Mas desconsidero assim que penso melhor. Drew é possessivo com seu carro, seus clientes, mas não com mulheres. Ele não tem ciúmes, assim como não assume relacionamentos. Então não consigo imaginá-lo chateado porque a garota que ele quer pegar está pegando outra pessoa. Mesmo uma mulher tão atraente quanto Kate Brooks.

– Drew! – seu pai o cumprimenta. – Estava contando para o senhor Warren sobre aquele contrato que a Kate conseguiu fechar na semana passada. Como somos sortudos em tê-la aqui.

– É tudo atuação – provoca Deloris. – Por baixo daquela roupa social e daquele jeito de boa menina está o coração de uma verdadeira rebelde. Eu podia contar histórias sobre Kate que deixariam vocês de cabelos em pé.

Kate olha séria para sua amiga.

– Muito obrigada, Dee. Por favor, *não* faça isso.

Billy sorri e coloca o braço em volta da cintura de Kate.

Drew franze as sobrancelhas. E apesar de estar brincando, ele fala malicioso.

– Isso mesmo. Você era uma pequena infratora antigamente, não era, Kate? Pai, sabia que ela cantava em uma banda? É como você conseguia pagar a faculdade de Administração, certo? Melhor do que fazer *pole dancing*.

Dee olha brava para Drew, não gostando do seu tom de voz.

Kate engasga. Drew lhe dá um guardanapo, como um cavalheiro. Mas depois direciona sua sagacidade letal para Warren.

– E o Billy aqui ainda faz isso. Você é músico, certo?

– Isso mesmo – responde Billy.

– Então, Billy, conte, você é roqueiro como o Bret Michaels? Ou é mais como o Vanilla Ice?

– Nenhum dos dois.

– Por que não pega seu acordeão, ou o que quer que você toque, e sobe no palco? Tem muito dinheiro passeando por esta sala. Talvez você conseguisse agendar um casamento.

Ou um bar-mitzvá.

Billy olha com uma vontade enorme de chutar a bunda do Drew.

– Não toco nesse tipo de cerimônia.

Com o próximo comentário, parece que Drew está morrendo de vontade que Billy tente bater nele.

– Uau. Com a economia atual, não sabia que os pobres e os desempregados poderiam ser tão seletivos.

– Escute, seu filho da…

Kate tenta suavizar a tensão, como um juiz em um ringue, separando dois boxers empenhados em arrancar uma parte do outro.

– Billy, querido, você podia buscar outra bebida pra mim lá no bar? Já estou terminando esta aqui. – Kate puxa o braço do Warren.

Ele bufa. Mas vai até o bar mesmo assim.

Em seguida, não parecendo nada amigável, Kate diz: – Drew, acabei de lembrar que tenho que te dar alguns documentos da conta do Genesis. Eles estão na minha sala.

Vamos.

– É uma festa, Kate – diz John, jovialmente. – Você devia deixar o trabalho pra segunda-feira.

– Vai ser rápido – ela diz, sorrindo. Em seguida, o sorriso desaparece quando ela pega no braço de Drew e o leva para longe.





Enquanto o John conversa com um associado que está ao seu lado, Dee se apoia em mim e me diz com voz baixa: – Não gostei do jeito que seu amigo estava tratando o meu primo e a Kate.

Coloco meu braço em volta dela.

– Ele é apenas competitivo. É algo do mundo dos negócios, tipo um cão comendo outro cão.

Não tenho dúvidas de que Drew daria sua bola direita para comer a Kate Brooks.

Dee não fica satisfeita.

– Se ele voltar e decidir agir como um idiota novamente, vou lhe dizer que ele está correndo o risco de ser trucidado.

Desde a primeira semana em que a conheci, tenho visto muitos lados da Deloris: despreocupada, sedutora, delicada, tola. Mas esta é a primeira vez em que vi seu lado protetor.

Tenho muito respeito por lealdade. E o fato de Dee ser tão violenta ao expressá-la é incrivelmente adorável.

Beijo o topo de sua cabeça.

– Vamos torcer para que não chegue a esse ponto.

Quando Kate e Drew não voltam para a sala de conferência após alguns minutos, acho que Billy decidiu ir procurá-los. Porque dez minutos mais tarde, Billy e Kate aparecem ao lado de Dee, e os dois parecem muito desconfortáveis. Tensos. Com certeza não são campistas felizes.

Drew não volta em momento algum para a festa.

Quando Jack decide ir embora meia hora depois, presumo que ele e Drew combinaram mais cedo de ir para a balada.

Devido às recentes ameaças de Dee contra Drew, acho que esta não é a melhor noite para sair com ela e os caras. Então quando a festa chega ao fim, Kate, Billy, Dee e eu vamos para a cidade juntos. Andamos alguns quarteirões e conseguimos uma mesa num bar, que estava começando a encher e tinha uma noite do *open mic* no palco.

Deloris e Kate enchem o saco de Billy para que ele se inscreva para se apresentar. Billy cutuca Kate com o cotovelo.

– Cante comigo. Como antigamente.

Kate mexe a cabeça.

– De jeito nenhum. Meus dias de cantora já terminaram.

Desliguei o microfone pra sempre.

Apesar de seu tom ser de piada, Warren parece…

decepcionado. Talvez até um pouco machucado.

Depois de bebermos nossa primeira rodada de drinques, o nome dele é chamado e ele assume o palco, pegando um dos violões do bar emprestado. Faz um cover de “Here’s to Us”.

Não me lembro do nome da banda original, mas sei que o som faz um estilo heavy metal e que a vocalista é uma ruiva muito gostosa com uma voz de matar.

Preciso comentar, estou impressionado com Billy Warren.

Ele toca violão muito bem e sua voz é demais: suave, com a quantidade certa de rouquidão.

Dee levanta o copo, bate palmas, grita, ao mesmo tempo movimenta a cabeça seguindo a sintonia da melodia. No entanto, Kate apenas observa Billy, com olhos orgulhosos, mas sérios. Acho que algumas das letras são um pouco tristes, de certo modo. Comoventes.

Falam sobre brindar ao amor, boas épocas, erros e seguir em frente.

Warren acerta a última nota da música perfeitamente e todos no local aplaudem. Kate sorri e levanta quando ele volta para a mesa, dizendo-lhe que foi muito bem. Aperto sua mão e digo o mesmo. Já Dee decide seguir uma abordagem mais exuberante.

– Foi demais, idiota!

Ela então o abraça até ele ficar vermelho.

Kate pede licença para ir ao banheiro. E me viro pra Deloris.

– Então… acho que seu primo herdou todos os genes musicais na família, né?

Billy acrescenta: – Quer dizer então que você já viu uma amostra das habilidades de cantoria da Dee-Dee.

– Vão se ferrar vocês dois, sou uma excelente cantora.

Seu primo ri.

– É claro que é, Rain Man. Gatos vêm de quilômetros apenas para ouvir você cantando, esperando terem alguma sorte.

Rio e bato a garrafa de cerveja na de Warren, brindando.

Logo em seguida, ele se curva quando Dee joga um pretzel em sua cabeça.

Kate senta novamente perto de Billy e não consigo deixar de notar o espaço entre as cadeiras. Billy se inclina um pouco pra frente e diz: – Bom… tenho algumas notícias. Aquele produtor musical que veio ao meu show há alguns meses ligou. Ele quer que eu vá para a Califórnia… disse que consegue me colocar dentro de um estúdio.

Dee sorri, alegre.

– Caramba! Isso é fantástico!

Mas, julgando pela expressão no rosto da Kate, ela não acha isso nem um pouco fantástico.

– Quando… quando foi que isso aconteceu? – ela pergunta.

Billy encolhe os ombros.

– Alguns dias atrás – dando um gole na bebida.

– Por que estou sabendo apenas agora?

Tensão se alastra no ar como um enxame de gafanhotos.

Billy fica com o olhar fixo.

– Quando eu devia ter te contado, Kate? Você nunca está por perto.

Sua sobrancelha se aprofunda.

– Nós moramos juntos.

– E mesmo quando você está no apartamento, você não está lá.

Ela desvia o olhar e coloca uma mão no cabelo. Deloris observa preocupada, como a filha de dois pais divorciados que está presa em uma briga.

– Não posso… – Kate começa. – Não posso ir para a Califórnia agora.

Billy continua olhando para a garrafa de cerveja.

– Sim… eu sei. É por isso que vou sozinho.

Kate parece pega totalmente de surpresa: fica machucada e um pouco brava.

– Mas… tínhamos um plano. Você me apoiou quando eu estava estudando e agora eu… é a minha vez de fazer isso por você.

Billy empurra a cadeira da mesa. Uma frustração defensiva faz com que ele aperte as mãos e fique com uma expressão dura.

– Bom, os planos mudam, Katie. Fala sério, você vai perceber quando eu for embora? Porque realmente não parece que irá.

Ela está quase perguntando o que ele quis dizer com isso.

Está na ponta de sua língua. Mas ela para um pouco e diz: – Não quero brigar.

Isso acaba deixando Warren ainda mais puto.

– É claro que não quer brigar. Você ultimamente não quer nada comigo! Você sempre está muito ocupada para ir a qualquer lugar…

– Estou trabalhando!

Ele a ignora.

– Você não quer discutir ou conversar; não quer fazer sexo…

As bochechas de Kate ficam coradas, mas não consigo perceber se é porque está com vergonha ou com raiva.

– Tudo que você quer fazer é analisar a porra de um arquivo e decidir qual roupa deve vestir para ir trabalhar.

– Isso não é justo!

– Sei que negócios fazem parte do mundo do homem, mas não sabia que você precisava se vestir a caráter.

Deloris entra na conversa.

– Não seja um imbecil, Billy.

– Não se mete, Dee-Dee.

Com fogo nos olhos, Kate dá um tapa no rosto de seu noivo.

– Vá se foder!

Ele ri de um jeito amargo.

– Escolha interessante de palavras. Não sei com quem você tem fodido ultimamente, mas tenho certeza que não é comigo.

Kate levanta e arranca a bolsa da cadeira.

– Vou pra casa. Boa noite, Matthew. Dee, te ligo depois.

Enquanto Kate sai pela porta, Warren levanta para ir atrás dela, mas Dee agarra seu braço.

– Billy! Não… não diga coisas de que possa se arrepender mais tarde… coisas que você e eu sabemos que não são verdadeiras.

Ele apenas concorda. E também sai pela porta.

Dee dá um longo gole no Martini.

– Caramba, isso acabou de acontecer.

– Acha que vão ficar bem? – pergunto.

– Não. Tenho certeza de que vão fazer as pazes, ficarão juntos, farão aquela coisa de relacionamento a distância.

Mas faz muito tempo que eles não estão bem. O namoro deles é como um necrotério… sem vida. E Billy está certo.

Não me lembro da última vez que brigaram antes desta noite.

– Mas isso não é bom? – reflito, terminando minha cerveja.

– Não para eles. Eles não deixam de brigar porque estão felizes, eles não brigam, acho, porque bem lá no fundo, onde nenhum dos dois quer admitir, não existe mais nada pelo qual valha a pena lutar.

Os casamentos e relacionamentos mais bem-sucedidos são aqueles entre melhores amigos que querem transar também. Amigos de confiança que não conseguem parar de se tocar. Quando você está há muito tempo com a mesma



pessoa, isso acaba sendo confortável. Treinado. Como sua calça de moletom favorita que está bem usada.

Mas tem que haver um clima, uma atração desesperada.

Um desejo enorme. Às vezes, como Steven e Alexandra, ela vai e volta. Eles cedem a ela quando as exigências da vida permitem. Mas se a paixão desaparece e você nem mesmo se importa de tentar reacender a chama, tudo que sobra é amizade. Companheirismo.

Aos oito anos de idade, isso já basta. Mas aos vinte e cinco? Você só está acostumado com a atual situação.

– Podemos ir embora? – Deloris pergunta.

– Claro. Acho que só sobramos você e eu esta noite.

Ela fecha o punho fazendo sinal de vitória.

– Guerreiros do final de semana… em uma quarta-feira.

Vamos lá.

Passamos as próximas horas indo de bar em bar. Jogamos dardos e sinuca. Ela tirou de mim cinquenta mangos em nosso último jogo porque não percebi que estava lidando com uma trapaceira experiente.

Devia ter percebido.

Finalmente terminamos em um clube, nos apertando e esmagando na pista de dança tumultuada. Mas durante o tempo todo Dee fica mais quieta do que o normal. Parece sobrecarregada. Inquieta. Não aquela garota imprevisível e jovial que conheci nas últimas semanas.

Encerro a noite muito mais cedo do que nos outros anos e voltamos para a casa dela. Ao chegarmos, nos jogamos no sofá e conversamos sobre nada… e tudo. Depois de um tempo, começamos a falar sobre animais de estimação, e conto tudo sobre o Rei, o dogue alemão preto que cresceu comigo. Eu honestamente amava aquele filho da mãe, então fico meio horrorizado quando Deloris me diz:
– Nunca tive um cachorro.

– Sério? Nunca? Nem mesmo um chihuahua?

Ela mexe a cabeça.

– Tive um hamster, eles são bem independentes. Minha mãe nunca quis ter a responsabilidade de criar um cachorro.

Além disso, tenho fobia de baba.

Sorrio, porque sei que isso será engraçado.

– O quê?

– Fobia de baba. Tenho uma antiga aversão a qualquer homem ou animal cujas glândulas salivares produzam em excesso.

– Você está brincando.

– Não tenho problema algum com beijos molhados, você sabe disso. Eles são gostosos quando estou no clima. Mas muita saliva é nojento. Cuspir e babar, então, são motivos para acabar com um relacionamento. Tenho o maior nojo.

Deloris não se importa com sujeira ou suor ou desleixo.

Não tem medo de roedores, até mesmo daqueles ratos do tamanho de gatos que se arrastam pela cidade e são de arrepiar, se quer saber. Ela é apaixonada pela minha moto e adora cobras também. Então não consigo evitar achar essa esquisitice, essa fissura que foge de sua aparência de "não se importar", algo fofo. Engraçado.

Quero zoá-la por causa disso.

O garoto de nove anos de idade dentro de mim, aquele que se divertiu balançando uma aranha de patas enormes na cara de Alexandra, apesar das consequências que sempre vinham depois, domina meu corpo. É a única explicação que tenho para o que faço em seguida.

– Então… você ficaria irritada se eu fizesse isto? – sugo meu nariz bem alto, depois engulo a bola de catarro bem para o fundo da garganta.

Deloris dá um passo pra trás, fecha os olhos de nojo e aponta as mãos pra cima.

– *Não* faça isso.

Engulo meu cuspe e provoco.

– Acho que você não quer que eu faça uma imitação do John Bender na sua frente.

John Bender, do *Clube dos Cinco*. Se você não está entendendo nada, assista e aprenda.

Ela parece estar entrando em pânico.

– Não ouse fazer isso!

Abro um grande sorriso. Depois levanto a cabeça, abro a boca e lanço uma impressionante quantidade de catarro no ar. Ele consegue uma boa distância, fica parado por um instante, e aí cai novamente dentro da minha boca, que estava aberta esperando por ele. Antes de poder dizer “que delícia”, Dee pula e grita.

– Eca! Isso é tãaao nojento! – ela fica se virando como se algumas formigas estivessem entrando por baixo de seu vestido e aponta para mim, gritando: – Você não é mais o Garoto do Clitóris ou Deus! Você é o Homem Catarrento e tenho nojo de você! Nunca mais vou te beijar de novo!

– Isso é um desafio?

Ela ri nervosa e se afasta.

– Não… não, vá para longe de mim, você com sua língua suja!

Num piscar de olhos, saio do sofá e coloco os braços em volta de sua cintura. Dee se esforça para tentar sair e nós dois caímos no chão um em cima do outro gritando, rolando e rindo. Consigo ficar por cima; sento em sua barriga e seguro seus pulsos sobre a cabeça. Não tem como escapar de mim, mas isso não faz com que ela pare de tentar.

E talvez seja por causa da fricção do seu corpo se contorcendo por baixo de mim. Talvez seja porque estou me divertindo pra caramba. Ou talvez sejam as fantásticas escapadas sexuais que tivemos nessa mesma posição, mas, não importa a razão, estou rápida e completamente excitado.

Ainda assim, ignoro a ereção, que não vai fazer nada por enquanto, porque tenho

que praticar um pouco de tortura.

Como um tentáculo em um filme de ficção científica, minha língua estendida lentamente se abaixa em direção ao rosto da Dee. Ela bate a cabeça e seus gritos são de ensurdecer.

Depois ela tenta me morder.

Então vou direto ao ataque. Lambo a bochecha e a testa, garantindo que fique um bom rastro de saliva, como uma lesma que sofreu alguma mutação por causa de um vazamento de radiação. Sigo até seus olhos fechados e, ao me mover para seu pescoço, há uma forte batida na porta.

Fico pensando se algum vizinho escutou a Dee gritar e chamou a polícia. Saio de cima dela. Ela levanta e bufa, indignada, limpando o rosto com força. Depois ameaça: – Sua bunda é mato, Fisher, e sou cortadora de mato. Não feche os olhos esta noite.

Apenas rio.

Dee abre a porta sem olhar pelo olho mágico. E parado em pé, cabisbaixo, com o *case* do violão na mão, está Billy Warren. Ele olha pra Dee e pergunta: – Posso ficar aqui esta noite?

Dee abre mais a porta para deixá-lo entrar.

– Sim, claro. O quê… você está bem?

Ele coloca o violão no canto. Está com os olhos um pouco molhados, como se tivesse se esforçando para não chorar, mas não está conseguindo.

– Eu e Kate… nós… eu terminei com Kate.

Capítulo 15

Depois de dar os mínimos detalhes para Deloris, Billy insistiu para que ela fosse ver Kate, pois parece que ela estava se sentindo como se tivesse sido atropelada por um trem. Dee pega o casaco e faz contato visual comigo da porta. Mexe a cabeça na direção do primo, dizendo em silêncio para ficar com ele enquanto ela vai até lá.

Aceno com força. Ela me dá um sorriso de agradecimento e vai embora.

Deixando o garoto e eu sozinhos.

Sinto como se tivesse que fazer o papel de anfitrião, mas este é o apartamento de sua prima, então ele provavelmente já está confortável, porque sabe onde fica a bebida. Assim que a porta se fecha, ele vai até a cozinha e volta com uma garrafa de vodca, dois copinhos para *shots* e duas cervejas.

Ele senta no sofá, coloca a parafernália vou-encher-a-cara na mesa e serve dois *shots*. Desliza um na minha direção e imediatamente toma o dele. Quando engulo o meu, ele já terminou o segundo.

Billy dá um suspiro profundo e olha para a mesa. Sem olhar pra cima, me informa: – Você é bom para a minha prima. Você a faz… feliz. A Dee tem um péssimo gosto pra homens, sempre teve. Idiotas costumam fazer seu tipo, mas você, você parece decente.

Abro a cerveja com um estalo.

– Gosto de pensar que sou. Ela também me faz feliz.

Ele acena. Em seguida, olha pra mim.

– Por ela vale a pena passar por tudo. Pelo inferno que ela vai te fazer passar. A Deloris pode ser um pé no saco, mas ela é apenas assim porque já sofreu muito, confiou nas pessoas erradas… e agora está com medo de estar errada de novo. Mas… ela te ama… muito. Ela está te dando tudo que pode. Se ela te deixar entrar, ela nunca vai te deixar sair.

– Sei que ela vale a pena – rio. – Estou trabalhando em deixá-la entrar também.

Billy toma um gole da cerveja.

– Que bom.

Ele me oferece outro *shot*, nego com a cabeça e ele bebe sozinho.

Em seguida, me diz: – Sei que não me conhece, cara, mas espero que seja bem sincero comigo. Tem algo rolando entre a Kate e aquele Evans?

As palavras ficam no ar por um instante e pergunto, com cuidado: – A Kate te disse que está rolando algo entre eles?

Ele bebe a cerveja e mexe a cabeça.

– Não, é apenas um pressentimento. Ela está sempre falando dele, ou porque está puta com ele ou porque ele está ajudando-a ou porque ele fez algo brilhante qualquer.

Em situações como essa, não gosto de mentir. Fui criado com a ideia de que o modo como você trata os outros será como o mundo irá dar voltas e tratar você. Mas ao mesmo tempo, o Drew é meu melhor amigo. Então, mesmo que o Billy pareça ser um homem bom, se eu vou ficar do lado de alguém aqui, não será o dele.

– A Kate não parece ser o tipo de pessoa que trai, Billy.

– Ela não é. Pelo menos nunca foi.

Aceno.

– E o Drew… bom, ele não sai com mulheres do escritório.

É tipo uma regra que ele segue. Ele nunca a quebrou antes.

Nenhuma vez.

Ele encosta no sofá, acalmado e aliviado com a minha declaração.

Depois diz rude.

– Isso é uma merda.

Concordo.

– Separações são sempre assim.

Ele bufa.

– Esta é a minha primeira. Kate e eu estamos juntos desde sempre… desde os 15 anos. Ela foi a minha primeira de tudo.

Pensei que ela fosse ser a minha última de tudo também.

Minha única.

Apenas aceno e deixo ele falar.

– Mas nos últimos anos… parece que estamos apenas um do lado do outro, sabe? Acho que nunca vou deixar de amá-



la… mas não é mais a mesma coisa. Não é o bastante. Nós não… damos certo… mais.

Digo a ele, compreensivo: – Isso acontece muito. As pessoas mudam.

Ele acena também.

– É – dá outro longo gole da cerveja. – Mas, ainda assim, parece que estão arrancando um pedaço de mim.

– Vai melhorar.

Ficamos sentados em silêncio por alguns instantes, pois nosso tempo de abrir os corações acabou.

Então pego o controle remoto e coloco nos filmes *pay-per-view*.

– Quer assistir *O Predador*?

Billy serve outro *shot*.

– Claro, nunca assisti.

Sorrio.

– Vai mudar sua vida.

Algumas horas antes do nascer do sol, Deloris volta andando até o apartamento. Estou meio dormente na velha cadeira reclinável, enquanto o Billy está desmaiado no sofá.

A garrafa de vodca está vazia na mesinha de centro, com seu propósito cumprido.

Dee tira os sapatos, suspirando. E me vê. Está surpresa.

– Você ainda está aqui?

– Eu não deveria estar?

– Não, não, tudo bem.

Ela cobre o primo com um cobertor, passando a mão em seu cabelo com carinho, como uma mãe faz em seu bebê febril. Ela anda na minha frente até o quarto. Me levanto e acompanho.

– Como a Kate está?

Deloris tira as roupas que estava vestindo desde a festa e as deixa caírem no chão. Revelam uma calcinha bem pequena com estampa de leopardo e um sutiã sem alças fazendo par.

– A Kate está perdida. Machucada… Billy disse umas coisas bem ferradas durante a briga. Umas merdas sérias. E

ela se sente culpada. Billy trabalhou pra caramba enquanto a Katie estava na faculdade para ajudá-la. Ela se odeia, agora que não vai poder retribuir o favor.

Dee fica de costas pra mim enquanto tira o sutiã, se vira somente depois de passar uma camiseta vermelha da Phillies pela cabeça.

– Obrigada por ficar com ele, Matthew.

– Não tem problema.

Ela suspira, mas os ombros estão tensos.

– Estou muito cansada.

Começo a desabotoar a camisa para me juntar a Dee na cama. Não estou querendo transar, apesar de, com aquela quantidade de álcool que o primo dela bebeu, acho que nem uma festa cheia de sexo iria acordá-lo. Mas não previ o que

a Dee disse depois.

– Pode ir embora agora.

Congelo os dedos enquanto desabotoo.

– Como?

– Eu disse obrigada, estou cansada. Pode ir embora.

Seus olhos estão categóricos e seu rosto rígido – como um manequim em uma loja.

Dou um passo em sua direção, tentando ignorar sua atitude.

– Dee, sei que você está chateada…

– Ou talvez eu apenas não queira você aqui, Matthew! – ela ataca. – Talvez eu apenas queira ficar sozinha.

E, sim, caso esteja se perguntando, fico com esta expressão quando estou nervoso. Maxilar contraído, lábios fechados, olhos vivos cheios de adrenalina. Estou bravo com o que ela está falando, sua percepção, a porra da sua teimosa incapacidade de olhar para mim e para o nosso relacionamento sem a nuvem preta de seu passado por cima de nós.

– Você não quer ficar sozinha, você está apenas assustada. Você está vendo a Kate e seu primo e não quer sentir o que eles estão sentindo…

Ela bate palmas devagar, sendo sarcástica.

– Brilhante dedução, Watson. Esqueça gogo boy, se sua carreira como bancário não der certo, acho que você poderia ser um terapeuta.

Passo a mão no cabelo, tentando controlar a frustração que me faz querer socar a parede do quarto.

– Esta merda de você me afastar está ficando um porre já, Deloris.

– Bom, a porta está logo ali – ela aponta. – Por que você não vai atrás de algo que seja novinho em folha?

Falo baixo, porém enfurecido.

– Ótima ideia, farei isso.

Dou a volta e saio do quarto.

Ando até a sala de estar e, já com a mão na porta do apartamento, paro. Porque estou fazendo exatamente o que ela espera. Que eu desista. Dela.

De nós.

Dee prefere bater primeiro e depois jogar tudo pro alto do que arriscar levar um murro depois.

Sei disso. Como também sei que a última coisa que ela realmente quer é que eu a deixe.

Que eu a deixe sozinha.

Tiro a mão da porta e volto decidido para o seu quarto. Ela está sentada reta igual a uma vareta na ponta da cama e não me vê.

– Não vou embora. Quer gritar? Pode gritar. Quer bater em algo? Posso aguentar seu soco. Ou não precisamos falar nada. Mas não vou para nenhum lugar.

Sento na cama, tiro os sapatos, rapidamente tiro o restante das roupas. Dee deita por baixo das cobertas, depois apaga a luz, mas o quarto não fica totalmente escuro. Tem bastante luz vindo da janela para eu conseguir ver sua silhueta, de costas, olhando para o teto. E assim que encosto a cabeça no travesseiro, ela chega mais perto de mim, encostando-se e relaxando a testa no meu bíceps.

– Ainda bem que você não foi embora.

Abraço-a, juntando nossos corpos. Sua bochecha está agora no meu peito, sua mão na minha barriga, nossas pernas estão entrelaçadas. Deloris sussurra: – O que vou fazer amanhã? É Dia de Ação de Graças.

Kate, Billy e eu íamos passar o dia juntos, íamos sair para comer carne.

Arqueio as sobrancelhas.

– Carne?

Sinto que ela encolhe os ombros.

– Todo mundo come peru. Odeio fazer o que todos fazem.

Não consigo deixar de sorrir.

– Não posso escolher entre eles – ela continua. – Isso já vai ser difícil o bastante, não quero que nenhum dos dois se sinta sozinho.

Dee levanta a cabeça e olha em meus olhos.

– Se Steven e Alexandra terminassem, você escolheria passar o dia com quem?

Passo a mão nela suavemente e respondo do jeito mais inútil possível.

– Não sei.

Ela volta a deitar em meu peito. Acrescento: – Você não precisa escolher. Você podia furar com os dois e ir comigo para a casa dos pais do Drew para o jantar.

Ela bufa.

– Não, não posso fazer isso.

Na verdade, não achei que ela aceitaria mesmo.

Sugiro uma alternativa.

– Seu primo vai dormir por um bom tempo ainda. E, quando acordar, posso te garantir que ele não vai querer comer carne. Deixe um recado para Billy, encontre-se com Kate no almoço, passe a tarde com ela e depois leve-o para jantar mais tarde.

– Mas ainda assim os dois vão continuar sozinhos, pelo menos durante uma parte do dia.

– Dee, eles já são adultos. Eles vão dar um jeito. E quem sabe talvez amanhã já consigam consertar as coisas.

– Acho que não – ela diz, suavemente. – Acho que é melhor se eles não consertarem.

– Foi o que seu primo disse também.

Ela beija meu peito levemente, apenas um doce toque.

– É apenas… triste. O fim de uma era.

Eu a abraço. Dee inclina a cabeça para o lado para me olhar.

– Matthew, estas últimas semanas que nós passamos juntos… eu… – pausa, molhando os lábios. – Eu… fiquei



muito feliz que você ficou hoje à noite.

– Eu também.

Depois de alguns minutos, sua respiração fica constante e profunda. Acho que ela está pegando no sono, até que com uma vozinha diz: – Apenas… não me machuque… ok?

Passo a mão em seu cabelo e a abraço mais forte.

– Nunca, Deloris. Prometo.

Essas são as últimas palavras que falamos antes de pegarmos no sono.

Bem cedo na manhã seguinte, Dee acorda bem na hora de me dar um beijo de despedida. Passo pelo Billy, que está morto no sofá e vou pra casa tomar um longo banho. Sigo dirigindo até a casa dos pais do Drew no interior para as festividades do dia.

Todos os suspeitos de sempre estão presentes: John e Anne, Steven e Alexandra, George e minha mãe e pai. Passo cumprimentando com apertos de mão e abraços até chegar ao solário dos fundos, que tem uma vista panorâmica do quintal imaculado. E Drew está com Mackenzie, em lados opostos, na mesma gangorra em que costumávamos brincar quando éramos crianças, há muito tempo.

Apesar de parecer que estão tendo uma conversa séria, saio para o quintal dos fundos para me juntar a eles. Drew fala para Mackenzie que estou aqui e ela pula da gangorra, corre e se joga em meus braços como se fizesse alguns meses que não me vê. Mas me aproveito da situação e dou um longo abraço quando seus bracinhos envolvem meu pescoço.

Em seguida, coloco ela no chão e voltamos até Drew.

– Oi, cara – ele cumprimenta.

– Tudo bem? Você foi embora cedo ontem à noite? Não voltou pra festa.

Ele encolhe os ombros.

– Minha cabeça não estava lá. Fiz um pouco de exercícios e fui dormir.

Nossa. Drew não tem esse tipo de comportamento, e fico me perguntando se isso tem algo a ver com a atitude nervosinha que ele teve com Kate e Billy na festa.

– Você saiu com aquela Deloris?

Aceno. E testo: – Ela, Kate e Billy.

Ele balança a cabeça.

– Aquele lambe-saco.

Mackenzie chega perto de nós e levanta a Jarra do Palavrão, uma invenção da Alexandra para nos manter controlados perto de sua filha. Está simultaneamente sendo um veneno pra minha existência e incrivelmente engraçado.

– Ele não é tão ruim.

Drew diz: – Idiotas me irritam – e perdendo outro dólar.

Acho que ele faz isso de propósito, na verdade xinga mais do que faria se a jarra não existisse. Como algum tipo de psicologia reversa distorcida, apenas para se opor ao sistema e provar para a irmã que não pode ser controlado.

E talvez você esteja questionando o porquê de eu não ter contado sobre a separação de Kate e Billy? A resposta é simples: homens não fofocam. Não

falamos sobre esse tipo de merda, sobre os problemas dos relacionamentos dos outros. Quase nem conversamos sobre os nossos problemas. Simples assim.

Além disso, Drew ficaria no pé da Kate se soubesse que ela levou um fora. Porque todo mundo sabe que mulheres que levam um fora ficam fáceis. São presas fáceis. Acho que daria uma vantagem injusta na guerrinha deles. Uma de que ele não precisa.

Por fim, as pessoas terminam toda hora… e depois voltam no outro dia. Apesar do que Dee disse, Billy parecia bem acabado por causa da Kate. Algo me diz que ele vai tentar ganhar mais uma vez aquela presa antes de esse jogo específico terminar.

Por isso não há sentido algum em ficar deixando o Drew esperançoso por enquanto.

– Então, o que está rolando entre você e Deloris?

Sorrio e sou direto.

– Estamos saindo. Ela é legal.

– Imagino que você a comeu?

Franzo as sobrancelhas. Porque, apesar de saber que ele não quis faltar com respeito, Dee não é apenas qualquer garota. Escutá-lo falar como se ela fosse *parece* falta de respeito. Então abro o jogo.

– Não é assim, Drew.

Agora ele ficou confuso.

– Então como é, Matthew? Você não sai há mais de duas semanas. Posso entender se a chave de boceta for muito forte. Mas, se não é isso, então o que é?

Espero Mackenzie chegar perto de nós com a Jarra do Palavrão… mas ela não vem. Acho que não escutou desta vez.

Depois tento fazer com que o Drew entenda, mas, como ele nunca se apaixonou por alguém a não ser a si mesmo, acho que realmente não pode fazer isso.

– Ela é apenas… diferente. É difícil de explicar. Nós conversamos, sabe? Sempre me sinto bem quando penso nela. Parece que, quando deixo-a em casa, não aguentarei até vê-la de novo. Ela apenas… me surpreende. Gostaria que você soubesse do que estou falando.

Ele me aconselha: – Você está entrando em um território perigoso, cara. Veja o Steven. Este caminho leva para o Lado Negro da Força.

Nós sempre dissemos que não iríamos para lá. Tem certeza 

disso?

Apenas continuo sorrindo e, com minha melhor voz de Darth Vader, digo: – Você não conhece o poder do Lado Negro.

Esse Dia de Ação de Graças, sem dúvida alguma, vai entrar para a história. Ou para o álbum de fotos. Se eu estivesse com minha câmera, com certeza documentaria todo o desastre hilário e horripilante. Foi besteira minha pensar que a espertinha da Mackenzie não tinha percebido o Drew falando da "chave de boceta". Ela escutou muito bem.

Apenas não cobrou porque não sabia que era um "palavrão".

Depois que ela repetiu na mesa de jantar no Dia de Ação de Graças? Foi quando descobriu. E o inferno veio à tona.

Não consegui me controlar e acabei rindo de novo. Ela perguntando ao Steven "O que é *chave de boceta*, papai?", vai ficar na memória para sempre como a coisa mais engraçada que já ouvi na vida. Fiquei tão chocado que acabei cuspindo a azeitona preta da minha boca e quase ceguei Steven quando ela o acertou bem no olho. O pai de Drew praticamente engasgou até morrer com o peru e minha mãe derrubou sua taça de vinho, deixando um lembrete permanente na toalha de mesa bordada de Anne Evans.

Bons tempos.

Alexandra estava merecida e verdadeiramente puta. É claro que, se sua ira estivesse direcionada a mim, eu provavelmente não acharia isso tão engraçado e divertido.

Mas ela estava bem direcionada para Drew, então rio com a imitação da Mackenzie e suas consequências durante todo o caminho até em casa.

Só queria que Deloris estivesse lá comigo para ver também. Falando na Dee, antes de voltar para a cidade, paro para colocar gasolina e ligo para saber como ela passou o dia.

– Foi melhor do que esperado. Mas posso dormir no seu apartamento esta noite? Meu primo está canalizando seus sentimentos em música. Mesmo eu amando escutá-lo cantar, se tiver que escutar mais uma porcaria de música sobre seu coração ter sido partido vou fazer com que nosso episódio de intoxicação alimentar pareça um soluço.

E minha vida se tornou um pouco mais perfeita. Sei que quando as coisas começaram comigo e com a Dee ela me disse que não estava a fim de um relacionamento. E sei que ela teve seus momentos de insegurança, mas olhe para nós agora. Ela está vindo até mim, pedindo para ficar na minha casa. Isso é algo grande. Significa que ela quer as mesmas coisas que eu. Que estamos na mesma página. Que ela está investindo e interessada em um futuro comigo.

Dou um risinho no celular.



– Claro que sim, chego no meu apartamento daqui trinta minutos. Pode vir, linda.

É sempre mais escuro antes do amanhecer . É um ditado comum. Menos comum, mas igualmente verdadeiro é: *Orgulho vem antes da queda.*

Lembra um tempo atrás quando eu disse que as mulheres deviam parar de fazer o papel de vítimas? Parar de ficar subentendendo as ações de um homem, pensando que elas significam mais do que realmente são, e apenas aceitar o que um homem diz diretamente para elas? Eu estava tão a fim da Dee, estava com tanta vontade de pegar o que tínhamos e correr todo o caminho até chegar à reta final que acabei ignorando meu próprio conselho.

Já ouviu sobre o mito de Ícaro?

Acho que você não estava esperando por uma aula de mitologia grega, mas, se

possível, escute, pois isso é importante. Ícaro era o filho de um artesão original. O pai dele criou um par de asas feito de penas e cera para ele e o aconselhou, antes de sair, a ficar no caminho do voo. E a não voar muito alto. Ícaro concordou.

Mas, quando estava voando, ele estava tão envolvido na beleza de tudo, a beleza e o calor do sol, que se esqueceu do aviso. Ignorou os sinais que estavam logo à sua frente porque tinha certeza que sabia aonde estava indo, pensou que tinha tudo sob controle.

Você pode adivinhar o que aconteceu depois. Isso mesmo, Ícaro se queimou. Suas asas caíram e ele colidiu na terra.

Infelizmente… posso me identificar com isso.

Capítulo 16

A Bíblia diz que há tempo para todo propósito debaixo do céu. Tempo para paz e tempo para guerra, tempo para colheita e tempo para plantação… tempo para o amor… e tempo para *contar* a uma garota que você a ama.

Não é bem desse jeito que a Bíblia cita. Mas deveria.

Porque diversos pobrezinhos cometem o erro de dizer isso a uma mulher no momento errado.

Como depois do sexo. *Errado*. Isso é pedir pra entrar em alguma confusão.

Ou durante uma discussão. *Muito errado.* Tem uma razão de a música “Love Her Madly” do The Doors ainda ser popular hoje em dia. Porque a letra, “Don’t you love her as she’s walking out the door” [Não a ame enquanto ela está saindo pela porta] é atemporal. Homens não gostam de perder. Uma aposta, a camiseta favorita deles ou uma namorada. Na possibilidade de perder a última, costumamos dizer algumas tolices, coisas que não são realmente verdadeiras.

Mas, para mim, esta noite é o momento perfeito para levar o meu relacionamento com Dee para outro nível. Fiz uma cópia da chave do apartamento e, quando eu colocá-la em suas mãos, vou dizer que estou apaixonado.

Não está surpresa, né? Caramba, você já sabia que isso ia acontecer.

Tenho pensado bastante nisso ultimamente. Foi ocorrendo aos pouquinhos, mas não podia ter sido melhor.

Em quatro semanas, Dee passou de uma garota que eu queria pegar para uma com quem eu queria passear, para uma mulher de quem realmente gosto… para alguém que não consigo mais viver sem.

Penso nela o tempo todo, desejo e sinto saudades quando estamos separados, não importa quanto tempo ficamos juntos. Ela é engraçada e linda e interessante… e é claro que é um pé no saco também, mas – como disse no começo – eu a amo por causa de suas esquisitices, não apesar delas.

A última semana e meia tem sido maravilhosa. Billy ainda está passando um tempo no apartamento dela, então ela tem ficado aqui comigo, exceto quando vai lá dar uma olhada nele. Mas ainda quero mais. Houve muitas vezes em que eu podia ter jogado a bomba nela durante os últimos dias, mas eu queria que isso ficasse na memória. Fosse especial. Algo que ela vai contar para Kate com orgulho, ou algum dia para nossos filhos. Mulheres adoram esse tipo de merda.

Ainda não conversei com ela hoje. Fiquei fora do escritório o dia todo, visitei um cliente após outro. Mas ela vai vir pra cá à noite e já planejei tudo. Quer ouvir como será?

Vamos começar com uma excursão para a praia. Meus pais sempre me levavam para lá quando era criança. Estamos em dezembro, mas a maioria dos passeios e jogos no calçadão ficam abertos o ano todo. Aquele lugar tem uma mágica indescritível, uma aura de dias mais simples, uma beleza nostálgica. Vou segurar a mão de Deloris, gastar trinta dólares pra ganhar um daqueles ursinhos de pelúcia de dois dólares, em um daqueles jogos em que você tem que bater nas latas cheias com um taco, para dar a ela. Vamos nos carrinhos bate-bate, talvez em uma montanha-russa e dividiremos um bolo delicioso, porém incrivelmente ruim pra saúde.

Depois vamos tirar os sapatos e caminhar pela praia, bem perto da água para que possamos ver as ondas à noite sem nos molharmos. Estará frio, então ela vai se encostar em mim e vou abraçá-la para mantê-la quentinha. Depois, com o barulho das ondas ao fundo, vou dizer.

Que ela mudou minha vida. Que quero passar o resto da minha vida com ela. Que nada está do mesmo modo de quatro semanas atrás e, por causa dela, tudo está inexplicavelmente melhor. Não acho que ela vai enlouquecer, apesar de que isso talvez possa acontecer. Mas, se ela surtar, vou falar que ela não precisa dizer nada. Sou um rapaz bem paciente. Posso esperar.

Depois vamos nos agarrar. E será demais. Sexo na praia não é tão legal quanto parece. A areia não é amiga da genitália. Mas… caso Dee esteja interessada, não sou eu quem vai negar.



Quando escuto a porta destrancada do apartamento abrir, verifico meu cabelo no espelho do banheiro. *Está ótimo.*

Saio até a sala de estar, sorrindo, até ver o rosto de Deloris.

Ela está furiosa. Aquela fúria de ranger os dentes, de ficar andando de um lado pro outro, das narinas ficarem se abrindo. E as palavras disparam de sua boca como se fossem diversas balas. Que batem bem na minha frente.

– Seu amigo é um idiota! Me fale aonde posso encontrá-

lo.

– Qual amigo?

– Drew vou-cortar-o-pinto-fora-e-fazê-lo-engolir Evans.

Rio, mesmo não devendo.

– Calma, Lorena Bobbitt. Acalme-se.

Acalme-se. Que porra estou pensando? Falar isso é como jogar água em fogo de óleo – só torna tudo mais quente. É o segundo modo de deixar uma mulher mais irritada ainda. A primeira, claro, é perguntar se ela está menstruada.

– Me acalmar? Você quer que eu me acalme? – Dee grita.

– Que droga está acontecendo com você?

– O que está acontecendo comigo, seu bundão insensível, é que acabei de sair do apartamento da Kate. Ela está acabada, completamente arrasada. Porque o seu amigão, Drew, tocou nela como um violino e depois a tratou como uma puta que ele nem mesmo se importou de pagar depois.

Sabia que Drew tinha uma queda pela Kate, mas mesmo assim não consigo esconder a surpresa em minha voz.

– Drew e Kate ficaram juntos?

Dee cruza os braços.

– Eles ficaram. Ele tem consolado e tem sido gentil depois que ela terminou com Billy. Ele a fez acreditar que realmente se importava. Ela passou o final de semana no apartamento dele. E depois, nesta manhã, depois que foram trabalhar, ele basicamente disse que ela é uma merda na cama, que não valia a pena ter uma segunda rodada.

Coloco os dedos na testa, tentando digerir a informação que Dee está me contando, que não faz sentido algum. Drew não leva mulheres para o apartamento, qualquer mulher.

Drew não transa com a mesma mulher duas vezes… pelo menos quando ele lembra que já a pegou. Passar o final de semana com uma garota? De jeito nenhum.

– Você tem certeza que Kate disse que é o Drew?

– Ele a chamou da porra de um “projeto”, Matthew! Um que ele já tinha “concluído”. Vou fazer a cara dele virar um projeto. A Kate é a melhor pessoa que conheço. Ela parece ser forte, mas por dentro é mole. Frágil. Ele não tem o direito de tratá-la desse jeito.

Debaixo dessa raiva da Dee, há dor. Ela está machucada porque sua amiga está machucada. Dou um passo à frente para tocá-la, para consolá-la e acalmá-la, mas ela se afasta.

Levanto as mãos como se estivesse me rendendo e tento chegar a um acordo.

– O Drew não é esse tipo de idiota, Dee. Ele respeita as mulheres… do jeito

dele. Ele gosta de curtir o momento, não gosta de magoar os outros. Ele não se delicia fazendo as mulheres se sentirem mal. Ele não se esforçaria para machucar alguém, principalmente… caramba, com certeza não a Kate.

– Bom, mas ele fez isso!

Mexo a cabeça.

– A Kate não deve ter entendido ele direito.

Por um instante, ela apenas me olha. Seu olhar me encara, de cima pra baixo, como se estivesse me vendo pela primeira vez. Depois sua expressão muda de fúria justa para descrença fria.

E sua voz assume um tom duro de sussurro.

– Você o está defendendo?

– Ele é meu melhor amigo. É claro que o estou defendendo!

Ela levanta o queixo bruscamente, quase como se estivesse levando um soco, e sibila: – Então foda-se você também!

– O quê?

– Se você acha que o que ele fez não está errado, então você não é a pessoa que eu imaginava. Nem um pouco.

Grito.

– Você está falando sério mesmo?

– Sim! Sou uma perfeita idiota. Pensar que me abri e acreditei… eu nunca devia ter deixado as coisas chegarem a esse ponto. Matthew, está tudo terminado. Não venha ao meu apartamento, não me ligue! Você e seu amigo idiota podem sumir de perto de nós!

O que ela diz me acerta no estômago como um martelo.

Bate em mim. Me fere. É desgraçadamente enlouquecedor. O

falatório de Dee continua, mas não estou mais ouvindo. Só consigo pensar agora em como fui burro.

Cego.

De novo.

É quase engraçado, de um modo irônico e depressivo. Dee me disse, mais de uma vez, que não podia fazer isso. Que seus relacionamentos nunca terminavam com um final feliz.

Mas não escutei. Apenas escutei o que queria e acreditei que pudesse fazê-la mudar de ideia. Que se eu fosse um pouco charmoso e bajulador, ela perceberia – como eu percebi – como ficamos bons juntos.

Fui um belo idiota.

Na verdade, não é muito diferente de como foi com Rosaline. As bandeiras vermelhas talvez não estivessem lá pelas mesmas razões, mas estavam lá. E eu não as vi.

– Porra! – chuto a mesa de centro, que não quebra. Então continuo chutando até quebrá-la. A perna se rompe e o topo de vidro se racha no chão, fazendo com que Deloris imediatamente pare de fazer seu discurso.

Ela dá dois passos para trás, parecendo cautelosa, quase com medo de ter exagerado. Odeio ter feito ela se sentir assim. Mas estou muito nervoso, muito decepcionado com ela para parar. Então, ao invés disso, rebato: – Você disse que a Kate finge ser forte mas que por dentro é mole? Então por que não se olha na droga de um espelho, Dee? Você é aterrorizada, nada mais que uma garotinha amedrontada. Você prefere ficar sozinha e dizer para si mesma que é o que escolheu do que tentar algo que podia dar certo. Algo que podia ser maravilhoso. Fiz de tudo para te agradar! Passei semanas tomando cuidado para tentar não te assustar! E aonde isso tudo me levou? Para lugar algum!

Você acha que não aguenta mais? *Eu* não aguento mais!

Pois não vale a pena.

Ela cruza os braços na cintura, tentando não desmoronar.

E não parece mais brava. Parece… triste.

Respiro e passo a mão no cabelo. Rio de mim mesmo, porque sou um idiota. Patético.

– Tinha planejado tudo. Ia te levar para o calçadão e conseguir para você um ursinho. Ia te falar que acho que você é a mulher mais incrível, linda e fantástica que já conheci. E ia te contar que estou completamente apaixonado por você. E agora… agora não posso dizer mais nada – mexo a cabeça. – Porque você está apenas esperando…

procurando uma razão… porque eu não posso amar alguém que está com tanta vontade de sair correndo pela porta.

Ela fala baixo agora. Mais suave.

– Te disse… te disse que não sou boa nisso.

E falo rude: – É, bom, agora eu finalmente acredito em você.

Olho dentro dos olhos castanhos cor de mel de Dee.

Olhos que sempre disseram tantas coisas, mesmo ela não falando uma palavra. E viro as costas.

– Apenas vá embora, Dee. Saia, é o que você quis desde o primeiro dia.

Escuto sua respiração. Esperando. Depois escuto seus passos. Eles param perto da porta e, por um momento maravilhoso e terrível, acho que ela mudou de ideia.

Até que sussurra: – Adeus, Matthew.

Não respondo e não me viro. Até que escuto a porta se fechar atrás dela.

Capítulo 17

– Porra!

Passo os próximos trinta minutos depois que Dee foi embora xingando e andando e chutando tudo no meu apartamento – basicamente estou puto com o

mundo todo.

– Merda!

Estou bravo comigo mesmo por deixar as coisas chegarem tão longe, por perder minha paciência e minha cabeça e até mesmo por ter me apaixonado pela Dee em primeiro lugar.

Minha autoflagelação é dura, variada e não faz sentido algum, até mesmo para mim.

Estou furioso com Deloris porque ela não acreditou em mim, porque ela nem mesmo tentou. Porque ela não pensou que o que tínhamos valia correr o risco. Porque ela pensava que eu era a droga de um risco de algum modo, mesmo quando fiz de tudo para mostrá-la que não sou.

E estou mais do que irritado com o Drew, mas ainda não sei por quê. Talvez ele tenha acabado com Kate como Dee disse. E se ele fez isso, foi a jogada de um idiota. Uma que foi injustamente atribuída a mim. Estou meio puto por ele ter transado com Kate – quebrando sua preciosa e idiota regra, que estava lá por uma razão. *Esta* razão. Porque, igual à droga de um homem-bomba, suas ações tiveram consequências dolorosas para todos ao seu redor.

Mas, principalmente, estou muito bravo porque Drew não atende a merda de seu telefone para que eu possa descobrir o que aconteceu.

– Caralho!

Homens não gostam muito de conversar. Telefone não é uma necessidade para nós, a não ser que precisemos descobrir aonde vamos nos encontrar ou quais são os últimos resultados dos jogos de beisebol. Mas esta é uma daquelas vezes em que eu realmente preciso conversar, e ele desapareceu. Ligo para Erin, sua secretária, que ainda está no escritório. Ela me informa que ele foi pra casa se sentindo mal esta tarde – que ele provavelmente está gripado.

Perfeito.

Foda-se. Jogo o telefone, pego as chaves e vou até o apartamento do Drew, para escutar a história direto da boca do desgraçado.

Mas quando chego na casa dele, ele não responde.

Bato na porta pela terceira, ou trigésima, vez.

– Drew! Abra a porta! O que aconteceu hoje? Drew!

Nada. Paro e tento ouvir qualquer sinal de vida dentro do apartamento, mas tudo que consigo escutar é silêncio. Nem mesmo o som de passos ou o chiado do sofá. Tem uma boa chance de que ele nem mesmo esteja em casa. O que significa, por enquanto, que estou com um baita azar.

Respirando fortemente, saio do prédio. Subo na moto e dirijo rápida e bruscamente. Provavelmente não é a melhor

ideia no momento, mas faço isso de qualquer modo. Passo pelo túnel até a rodovia com pedágio, onde o trânsito está, felizmente, escasso.

Eu realmente abro espaço. O vento sopra tão frio e áspero que meu rosto fica entorpecido. Mas é uma coisa boa.

Porque não sentir nada é muito melhor do que sentir que perdi o que eu e Dee tínhamos, tudo o que poderíamos ter tido.

Dirijo durante várias horas. Tentando não me lembrar.

Tentando esquecer hoje… e as últimas quatro semanas.

Estaciono minha moto na garagem e desço – rígido e congelado do passeio. Não acho que eu esperava que Deloris estivesse aqui, me esperando. Que ela teria percebido que cometeu um erro terrível e apareceria na minha porta implorando e se desculpando. *Principalmente a parte de implorar.*

Mas agora vejo que isso era exatamente o que estava esperando que acontecesse… quando chego ao meu apartamento e vejo que ela não está lá.

A decepção é devastadora.

A decepção se intensifica quando checo as chamadas perdidas no meu telefone e vejo que nenhuma delas é da Dee.

Mas não fico tentado a ligar para ela.

Estou frustrado e sinto saudades, mas não vou ligar. Não vou correr atrás dela. Não desta vez. Nunca mais, se for preciso.

Drew também não me ligou de volta. Não vejo a hora de ir trabalhar amanhã para vê-lo, escutar a história… e, provavelmente, dar um soco na sua cara. Isso fará eu me sentir melhor.

Não se preocupe, não vou realmente causar qualquer dano. Mesmo ele não praticando boxe tanto quanto eu, Drew não é uma galinha. Ele pode tomar conta de si mesmo.

Diferentemente do relacionamento que tive com Dee, nossa amizade sobreviverá. Alguns socos entre amigos não são nada de muito importante.

Estou sem fome, então pulo o jantar. Apenas tomo um banho e me jogo, pelado e molhado, na cama. Mas quando meu rosto encosta no travesseiro, sinto o cheiro dela. O

perfume de sua pele, de seu cabelo, doce e picante, uma mistura de maçãs e canela, é diferente.

Isso faz com que meu peito doa.

Ao invés de me levantar e ir dormir no sofá, como provavelmente devia, puxo o travesseiro para mais perto de mim e abraço mais os lençóis, me rodeando nas lembranças de Dee, até pegar no sono.

Meio patético, certo?

É, concordo.



Na terça-feira de manhã, levanto a bunda e vou trabalhar, mal-humorado, desarrumado e me sentindo uma merda – apesar de ter dormido como uma pedra. Lá, escuto nos mínimos detalhes sobre o show que Billy Warren deu para Kate no saguão e fico pensando se eles voltaram. Por melhores que sejam os grandes gestos, não tem como se sair melhor do que fazendo uma serenata em

público e enchendo um saguão de flores. Mas se Kate voltou com Billy, por que ela se importaria com o que Drew acha ou sente por ela?

Durante todo o dia horrível, fico checando para ver se Drew aparece. Ele não aparece. E fico pensando se realmente está doente. Ou se o que quer que seja que aconteceu entre ele e a Kate, e a possibilidade de ela ter voltado com o ex logo depois, o deixou pior do que ele admite.

Passo um tempo pensando nisso… porque aí não preciso pensar na Dee. Mas é claro que minha mente encontra um jeito de colocar alguns pensamentos sobre ela no meio.

Pensamentos abundantes, de doer.

Sobre onde ela está, como ela está se sentindo. Se de algum modo está tão mal quanto eu.

Erin reúne eu, Steven e Jack O'Shay e pede para que cubramos o Drew enquanto ele não está por aqui. Como ele próprio, seus clientes são supermimados e costumam enlouquecer quando ele não está por perto para dar uma mão. Pego alguns arquivos dele, porque, apesar de achá-lo neste momento um bundão, não vou deixar sua carreira ir por água abaixo.

O trabalho extra faz com que o dia passe mais rápido e, antes que eu perceba, já é hora de ir embora. Vou para a academia, mesmo me sentindo além de ruim, faço uma sessão de exercícios brutais e luto boxe.

Porque é isso que a maioria dos homens faz quando estão machucados. Se castigam ou, como o chefe insano que precisa muito transar, castigam todos ao redor deles.

Depois da academia, passo novamente no apartamento de Drew, bem mais calmo do que na noite passada. Ele ainda não abre a porta, mas desta vez escuto o som da televisão ligada lá dentro. Parece que ele está assistindo *O Âncora: a lenda de Ron Burgundy*.

Bato na porta.

– Abra isso, seu merda.

A única resposta que escuto é o rosnado da Pantera Sexual – uma parte do filme. Bato novamente: – Vamos lá, bundão. Sabe, você não é o único com problemas.

Quando ele ainda não responde, começo a ficar um pouco preocupado.

– Drew, sério, você precisa me dar algum tipo de sinal. Se não vou achar que você realmente está morrendo e vou ligar para a polícia.

Passa um minuto. Depois outro. E quando vou tirar meu telefone, algo bate do lado de dentro da porta. Como se fosse de propósito. Talvez um taco de beisebol.

Bam.

– Drew? Foi você?

Bam.

– Quer que eu arrombe a porta?

Bam.… Bam.

Penso por um instante. Em seguida, para garantir, pergunto: – Uma vez para sim e duas para não?

Bam.

Acho que isso terá que bastar por enquanto. Sento no chão e me encosto na porta do Drew. Começo a falar, fazer perguntas com respostas afirmativas e negativas, me sentindo um idiota. Igual a algum adolescente em um filme de terror que se comunica com o outro lado através de um tabuleiro ouija, burro o bastante para não se lembrar de que esse tipo de interação nunca termina bem.

– Erin disse que você mandou um SMS para ela. Você está mesmo gripado?

Bam.

– Você e a Kate transaram no final de semana passado?

Bam.

– Foi bom como imaginava?

Bam… Bam.

Você deve estar confusa com a resposta dele. Eu não.

– Foi melhor ainda?

De repente, há uma pausa significativa. E então…

Bam.

– Você agiu como um idiota no outro dia?

Bam… Bam.

Não. Então Dee entendeu tudo errado. Mas depois, Drew explica. Um pouco.

Bam.

Não e sim. Drew foi um idiota com Kate… mas ele parece achar que teve uma razão para isso. Continuo.

– A Deloris terminou comigo. Por causa de como você tratou a Kate. E eu estava muito apaixonado por ela, cara.

Eu… eu me apaixonei por ela – minha voz fica mais forte, irritada. – Você pelo menos se importa? Está arrependido?

Há outra pausa significativa. Em seguida…

Bam.

Apesar de ser bom escutar seu remorso, isso não me ajuda em nada. O que realmente importa é que não foi Drew quem terminou com Dee e eu. Nós fizemos isso. Sua recusa em acreditar em mim… minha recusa em continuar tentando ganhá-la.

O que quer que seja que Drew disse para Kate, ele está claramente sofrendo por causa disso. Então tiro-o da história.

– A verdade é que não é tudo culpa sua. Tínhamos…



questões. Problemas que pensei que pudéssemos resolver…

mas… ela não queria tanto quanto eu resolvê-los. Você sabe como isso termina.

Bam.

– Vai ficar aí dentro pra sempre?

Bam.… Bam.

– Precisa de algo? Posso fazer alguma coisa?

Bam.… Bam.

Aceno, apesar de fazer isso apenas pra mim.

– Quer que eu volte amanhã?

Há um minuto de silêncio, presumo por ele estar pensando nisso. Depois responde.

Bam.

Volto para o meu apartamento e fico apenas assistindo à televisão pelo resto da noite. Fico o tempo todo do mesmo jeito, com uma expressão de tristeza. Passando os canais, um daqueles comerciais longos pra caramba aparece anunciando a mais recente compilação de rock balada dos anos oitenta. “One More Night” do Phil Collins começa a tocar em alto e bom som. Está na parte da música em que ele pensa se liga para a garota.

E parece um filme de ficção científica, como se a televisão estivesse lendo minha mente. Olho para o celular.

Contemplando.

Tentando usar um truque de controle mental Jedi.

Liga, seu idiota. Liga.

Pego o telefone e passo os dedos nos números. E teclo nove dos dez dígitos de Dee…

Até que a próxima música que toca na TV me lembra que talvez ela não esteja sozinha.

Jogo o telefone longe, como um Hot Pocket queimando que acabou de sair do micro-ondas. Em seguida, encosto a cabeça na almofada do sofá e grito.

– Vai pro inferno!

A música do infomercial muda. E agora está tocando “Against All Odds”: uma canção sobre um cara que precisa falar muita coisa para uma garota, mas ela não quer dar o braço a torcer e deixá-lo.

Sabe, acho que alguém realmente acabou com o Phil Collins.

Como só estamos eu e você aqui, canto algumas das músicas. E por ser uma música dos anos oitenta, até que estou me saindo bem.

Ah – e quem diria – “Total Eclipse of the Heart” acabou de começar. Completando a tríade de melodias dos anos oitenta que dão vontade de se suicidar e de acabar com o coração.

Ótimo.

Me dê licença, vou ao banheiro cortar os pulsos.

Capítulo 18

Na manhã de quarta-feira há uma reunião da equipe na sala de conferências. Fico sentado em estado de coma o tempo todo, ouvindo apenas pela metade. Depois de seu término, todos saem, com exceção da Kate, que ainda está na mesa, separando e organizando uma pilha de papéis e pastas na sua frente.

Ela é a melhor amiga de Dee e, claro, isso significa que existe um código. Tão impenetrável quanto a parede azul de silêncio. Mas não tenho nada a perder a este ponto.

– Oi.

Ela abre um suave sorriso.

– Oi, Matthew.

Vou direto ao assunto.

– Ela… ela falou alguma vez sobre mim?

Kate olha para a mesa de conferências.

– Nadinha.

É – ai.

Mas não desisto fácil.

– Ela pensa em mim?

Os olhos de Kate encontram os meus e estão solidários, um pouco tristes. Mas não sei se essa tristeza é por mim ou por Deloris. Ela sussurra: – Todo dia. O tempo todo. Ela não sai de casa, só… chora e assiste a filmes. Ela não admite, mas sei que é por sua causa.

Bom… pelo menos isso. O sofrimento adora uma companhia e a de Deloris apenas me dá uma forma doente de consolo. Tranquilidade. De que pelo menos não estou sozinho nessa.

– Matthew, por que você não liga pra ela? As pessoas que estão em relacionamentos às vezes discutem; não significa que tudo terminou.

Já estou mexendo a cabeça.

– Não posso fazer isso. Deloris gosta que corram atrás dela, já entendi. Mas, em algum momento, ela vai precisar parar de correr e deixar eu pegá-la. Fiz de tudo para mostrar o quanto ela é importante para mim. Que estou dentro no longo prazo, se ela quiser. Mas agora é a vez dela. Tem que me mostrar que também quer.

Orgulho nem sempre é um pecado. Às vezes é uma salvação que te mantém longe de fazer alguma besteira. De não apenas parecer um tolo, mas de ser um.

– Já estive com alguém que… queria algo diferente.

Alguém diferente. Não vou passar por isso de novo.

Kate concorda com a cabeça, dando um sorrisinho.

– Tudo bem. Se quer saber, espero que Dee abra os olhos logo.

– Obrigado.

Dou uns passos até a porta. Mas depois paro. Porque 

apesar de não ter realmente visto o Drew, meus instintos me dizem que ele está sofrendo. Chorando as mágoas.

Sofrendo até morrer.

Meu palpite é que Kate está passando pelo mesmo tipo de sofrimento, só que consegue esconder melhor do que ele.

– Escuta, Kate… sobre o que aconteceu entre você e Drew…

Todos os sinais de cordialidade desaparecem de seu rosto. Ela fica com olhos vigorosos, aperta os lábios e me corta com uma voz ríspida: – Não comece, Matthew. Apenas… não faça isso.

Acho que Drew não é o único disposto a manter um silêncio total.

– Tudo bem – aperto seu ombro. – Tenha um bom dia.

Ela dá um sorriso forçado e sigo até a minha sala.

Mais tarde naquela noite, dou uma passada na casa do Steven e da Alexandra para cuidar de Mackenzie enquanto eles vão ao cinema. Lexi abre a porta para mim, olha para meu rosto por um tempo maior do que o necessário, depois olha de relance atrás de mim. Ao ver um espaço vazio, faz uma cara de pena.

Ela me puxa para dar um abraço apertado e diz: – Sabe, Matthew, há realmente o que se chama “muito diferentes”.

Engulo saliva.

– É, eu sei, Lex.

Não temos tempo de começarmos uma festa de pena porque uma mancha loira aparece correndo pelo corredor, vestindo uma camisola azul de princesa e segurando um ursinho de pelúcia. Ela se joga nas minhas pernas e coloca os braços em volta dos meus joelhos.

– Você está aqui!

Alcanço seus braços e pego Mackenzie no colo.

– Ei, princesa.

– Quer brincar de tomar chá, tio Matthew? Você pode ser o Buzz Lightyear e eu posso ser a Senhorita Nezbit.

– Isso parece a coisa mais divertida que fiz durante a semana toda.

Ganho em troca um sorriso lindo com dentes de leite. E, pela primeira vez depois de dias, o peso que estava em meu coração fica um pouco mais leve.

Steven ajuda Alexandra a colocar o casaco e eles dão um beijo de despedida na Mackenzie.

– Ela tem que ir dormir às oito – Alexandra informa –, não deixe ela tentar negociar mais tempo.

– Não sei se consigo ir contra aqueles olhos grandes, azuis e com cara de cachorrinho.

Ela ri.

– Seja forte.

Eles saem e tranco a porta. Durante a próxima hora e meia, brinco de tomar chá com Mackenzie. E com as bonecas Barbie. Também construímos uma parede de blocos e a destruímos com seu Humvee por controle remoto. Antes de ela ir dormir, fazemos algumas cestas em sua cesta de basquete ajustável Fisher-Price

que lhe dei de aniversário.

Depois que ela está arrumada na cama, me pede para ler uma história e puxa um livro fino da Disney debaixo de seu travesseiro.

Cinderela.

Mackenzie abraça seu urso e me observa com olhos sonolentos. Quando chegamos à parte em que o Príncipe Encantado faz um anúncio, ela pergunta: – Tio Matthew?

– Hummm?

– Por que a Cinderela não foi até o príncipe com seu sapatinho de cristal? Por que ela não disse "Sou eu"? Por que esperou por ele?

Penso no que ela perguntou e não consigo deixar de compará-la a mim e à Deloris.

– Talvez… talvez a Cinderela não tivesse muita certeza do que o príncipe sentia por ela. Talvez precisasse que fosse atrás dela, para que soubesse que ele a amava.

Isso é triste. Falar sobre a minha vida amorosa com uma criança de quatro anos?

Ah, que decadência.



Mackenzie acena entendendo tudo e eu continuo. Até…

– Tio Matthew?

– Sim?

– Como o príncipe não sabia que era a Cinderela? Se ele a amava, teria lembrado de sua aparência, certo?

Lembro do sorriso provocante de Dee, de seus lábios perfeitos, da ternura suave em seus olhos quando ela acorda ao meu lado, de como é acariciar sua bochecha

com as pontas de meus dedos como se estivesse tocando uma pétala de rosa.

Minha voz fica grossa ao responder: – Sim, Mackenzie. Se ele a amava, ele não teria esquecido de sua aparência. Nunca.

Ela dá um longo e grande bocejo. Depois vira de lado e se aninha no travesseiro.

Com um suspiro sonolento, diz: – Acho que tio Drew está certo. O Príncipe Encantando realmente é um tonto.

E essas são as últimas palavras que ela diz antes de viajar para a terra dos sonhos.

Na quinta-feira no trabalho, meu pai passou em minha sala e informou que minha mãe estava me esperando para o jantar daquela noite. Decepcionar minha mãe é uma ofensa capital, e a última coisa que preciso neste momento é ter meu nome no topo da lista negra do meu pai.

Chego às cinco e meia em ponto. Meus pais moram numa casa geminada com quatro quartos e diversos andares, originalmente construída na década de 1920, com sanca original, três lareiras ornamentadas, uma sala de estar, uma sala de TV, uma sala de música, uma despensa e uma espaçosa e formal sala de jantar.

Eles realmente precisam de todo esse espaço? Não. Mas eles não sonham em se mudar. Principalmente depois que saí da casa e, como minha mãe costumava dizer, agora podiam finalmente ter “coisas legais” de novo.

Acho que vai demorar apenas mais alguns anos antes de precisarmos instalar uma daquelas cadeiras automáticas para levá-los por cima da escada.

Após Sarah, a empregada que trabalha para os meus pais há anos, abrir a porta, vou até minha mãe na sala de estar, onde ela está tomando uma taça de xerez em frente à lareira acesa.

Ao me ver, ela sorri, levanta e me dá um abraço apertado.

– Oi, querido. Estou tão feliz que você tenha vindo esta noite – ela dá uma olhada em meu rosto. – Você parece cansado. Acho que está trabalhando demais.

Dou um sorriso.

– Não, mãe, na verdade, não estou.

Sentamos e ela me conta sobre os crisântemos que tem plantado e sobre os últimos eventos do clube. A deixa para sabermos que o jantar está servido acontece quando meu pai sai do escritório.

A mesa da sala de jantar não é tão grande, tem apenas seis cadeiras, mas meu pai come em uma ponta, folheando o jornal que ele sempre encontra um tempo para ler, minha mãe janta do outro lado e eu fico no meio.

Enquanto corta seu *cordon bleu* de frango, minha mãe pergunta: – Você ainda está saindo com aquela jovem da festa do escritório? Gostei muito dela, Matthew. Tão animada. Não acha, Frank?

– O quê?

– A garota que Matthew levou para a festa do escritório, gostamos dela, não? Qual o seu nome mesmo? Deanna?

– Deloris – meu pai grunhe, provando que está, na verdade, prestando atenção ao que está acontecendo ao seu redor.

Às vezes acho que ele finge ser desinformado e surdo para que não precise participar de conversas em que ele não se interessa. É um truque habilidoso.

Engulo a comida fazendo força pela minha garganta, que, de repente, ficou apertada.

– Não, mãe, eu e Dee… não deu certo.

A língua dela faz um estalo de decepção.

– Ah, que pena – ela dá um gole no vinho. – Eu só quero que você se arrume. Não estamos ficando mais jovens.

Lá vai.

Minha mãe é maravilhosa – é amável e gentil –, mas não deixa de ser *mãe*. Portanto, daqui alguns segundos, ela vai começar a falar que preciso de alguém que cuide de mim e que quer ter netos antes de morrer.

É uma conversa que já tivemos antes.

Ela debruça em mim e, com um tom de conspiração, sussurra: – Foi… um problema sexual?

Minha mordida de frango fica presa em meu esôfago. Dou um soco em meu peito e consigo desalojá-la, mas minha voz sai áspera.

– Quê?

Ela senta reta na cadeira.

– Não precisa ter vergonha disso, Matthew. Eu costumava limpar sua bunda, não tem porque não termos uma conversa adulta sobre sua vida sexual.

“Costumava limpar sua bunda” e “vida sexual” nunca, *nunca*, deviam ser utilizadas na mesma frase. A não ser que seu nome seja Woody Allen.

Limpo a garganta novamente, que ainda está queimando.

– Não, mãe. Estamos bem nesse departamento.

– Tem certeza? Algumas mulheres não se sentem bem em mostrar do que gostam…

Isso não pode estar acontecendo.

– …em comunicar seus desejos. Meu clube do livro está discutindo sobre um romance este mês sobre o mesmo as s u n t o . *Cinquenta Tons de Cinza*. Quer uma cópia emprestada, Matthew?

Dou um longo gole de água.

– Não, já conheço, obrigado.

O fato da minha mãe querida e doce conhecê-lo, no entanto, com certeza irá me fazer ter pesadelos.

Ela acaricia minha mão.

– Tudo bem. Avise se mudar de ideia. Aquele Sr. Grey sabe usar a gravata

criativamente.

Graças a Deus, o resto da conversa no jantar é sobre outros assuntos menos nauseantes.

Depois que os pratos foram tirados, levanto e dou um beijo na bochecha da minha mãe.

– Boa noite, mãe. E obrigado… pelos conselhos.

Ela sorri.

– Boa noite, querido.

Meu pai seca a boca e depois joga o guardanapo no prato.

– Te levo até a porta. Vou fumar um pouco.

Meu pai fumou a minha vida toda, mas ele não sabe que eu também fumo. Não importa eu ter treze ou trinta anos, se algum dia ele descobrir, vai quebrar todos os meus dentes.

Descemos as escadas e ficamos parados na porta da frente, onde ele acende um cigarro. O cheiro de sua colônia e do

cigarro recém-acendido parecem familiares.

E

estranhamente… confortantes.

– O que está acontecendo com você? – solta, com seu tom áspero. – Nos últimos dias tem andado de um lado pro outro igual quando tivemos que sacrificar o Rei.

Viu? Ele pode não comentar muito, mas faz isso porque está ocupado demais ouvindo e observando – e fingindo que não está.

Chuto um pedregulho no degrau à frente.

– Estou bem, pai.

Sinto que ele me olha. Me examina.

– Não, você não está – apaga o cigarro no cinzeiro com areia. – Mas vai ficar.

Depois ele me abraça.

Bem forte, como um urso. Do mesmo jeito como costumava me abraçar quando eu era criança, antes de ir para alguma viagem de negócios.

– Você é um bom rapaz, Matthew. Sempre foi. E se ela não consegue perceber isso? Então não te merece.

Abraço-o também, porque… preciso muito.

– Obrigado, pai.

Nos separamos. Passo a mão no nariz e ele dá um tapa nas minhas costas.

– Te vejo no escritório.

– Boa noite, filho – ele fecha a porta depois que saio.

Não vou logo em seguida para casa. Ando uma dúzia de quarteirões tentando não pensar, ou ver, o rosto de Dee em

minha mente a cada passo. Ando uma rua abaixo até o prédio do Drew.

O porteiro me cumprimenta, e quando chego na cobertura me sento no corredor, encostando as costas na porta do Drew.

Não tenho certeza de que ele está me ouvindo, mas parece que está lá.

E rio.

– Cara, espero que esteja sentado aí, porque você não vai acreditar na conversa que acabei de ter com minha mãe…

Sexta-feira é um dia difícil. Simplesmente… sinto falta dela.

É algo agudo e inexorável. As lembranças, a imagem de seu rosto, tudo está na minha cabeça a todo momento, me provocando. Não consigo me concentrar; não quero comer.

Sinto meu corpo pesado e sobrecarregado; meu peito está apertado, dolorido, como se estivesse no final de uma bronquite. Sinto saudade de tudo dela. Sua risada, suas teorias ridículas e, claro, não vou mentir, sinto falta de seus extraordinários peitos. Me acostumei a dormir ao lado de Dee, ou por cima dela, pele com pele, abraçado ou com a cabeça aninhada no conforto macio de seus seios.

A porcaria do meu travesseiro nem se compara.

O que preciso agora é transar. Talvez você não goste de ouvir isso, mas azar o seu, porque esta é a verdade.

Quando o carro irreparavelmente morre, você fica sentada lá dentro, lembrando de todas as vezes em que ele te levou até o serviço, até a casa de uma amiga ou em alguma maravilhosa viagem? É claro que não. É tolice. A coisa mais lógica a se fazer, na verdade a única coisa a se fazer, é sair para comprar um novo. É o único jeito de você conseguir seguir em frente.

Para um homem ou uma mulher, transar é bem parecido com isso. É gostoso, mesmo que seja por apenas alguns minutos, e te lembra que a vida não para. Que o mundo não vai acabar somente porque seu relacionamento mudou.

Conseguir algo instila confiança por um amanhã mais animado. Por um futuro

que não seja imerso em tristeza.

Mas, enquanto penso na ideia, e sei que é algo que eu devia fazer… eu não quero. Não tenho vontade alguma de foder com alguém que não seja Deloris Warren. Para falar a verdade, tem um pequeno e castrado lado meu que está com medo. Assustado até mesmo de tentar.

É o mesmo lado que fica muito decepcionado toda vez que chego em casa e ela não está lá. O lado que ainda acredita que há uma chance de ela perceber o quanto ficamos bem juntos, que ela está completamente apaixonada por mim, que vai voltar correndo. E se uma ou todas essas coisas acontecessem, nunca ia querer contar que durante nosso tempo separados, acabei transando com outra mulher. Certo



ou errado, a confiança que demorei tanto para conseguir seria destruída. Então, no fim das contas, é um risco que quero correr, não por alguma bunda que nem mesmo quero.

Sábado não fica nada melhor. Jack me implora para sair com ele, reclama que está se sentindo abandonado, que está com saudade de seu parceiro.

Mas não estou com vontade.

Ao invés disso, levo um pacote com seis cervejas e pizza e faço um piquenique de compaixão na porta do apartamento do Drew. Sou eu quem puxa a conversa: ele apenas “bam” a resposta quando pergunto se ainda está vivo. Parece que agora ele está assistindo *Escorregando para a Glória*. Por que esta obsessão com o Will Ferrell? Que coisa estranha.

Enfim, depois que termino a pizza e acabo de tomar o fundo da última cerveja, encosto a cabeça na porta dele – um pouco tonto. Passo a ficar completamente filosófico. Falo sobre o final de semana quando éramos crianças e meu tio levou Drew, Steven e eu para acamparmos em sua cabana nas Adirondacks.

Steven teve uma forte alergia ao carvalho venenoso e ficou inchado como um gafanhoto.

Mas nem isso o fez desistir de procurar pelo tesouro secreto conosco. Meu tio nos deu um mapa, que tinha feito com meu pai quando eram crianças, que levava

até uma caixa de moedas de prata que eles acharam que seria uma ideia brilhante esconder.

Durante os primeiros três dias inteiros lá, tudo o que fizemos foi procurá-la. Mas depois, como toda criança costuma fazer… desistimos. Começamos a focar em subir em árvores, em lutar com gravetos e em ficar observando as garotas da faculdade local irem ao lago para nadarem nuas.

Me lembro desses dias e, é claro, de Deloris, sempre dela, e reflito, triste: – Você acha que se tivéssemos esperado um pouco mais, observado um pouco melhor, tentado apenas um pouco mais, teríamos chegado até o tesouro, Drew?

Ele não responde. E estou muito mais tonto do que achava que estava. Então, antes que desmaie aqui no corredor dele, junto minhas coisas e pego um táxi de volta para minha cama.

Como em todas as noites anteriores, sonho com Dee.

Capítulo 19

Quando um homem está cuidando de um coração partido, ele se dedica a um de três comportamentos: bebe, transa, briga. Às vezes faz as três coisas na mesma noite.

Já faz seis dias desde o último em que vi Deloris e ainda não peguei ninguém. Quase não bebi nada, mas estou, sem dúvida, pronto para brigar. Tenho ido para a academia todos os dias, malhado mais do que normalmente, tentando canalizar os sentimentos de saudade em algo positivo.

Domingo à tarde, quando entro na academia, a primeira pessoa que vejo é Shawnasee. Lembra dele? O idiota que mencionei antes, aquele que está desesperado para derrubar alguém, lembra?

Acho que hoje é seu dia de sorte.

Ele sorri de forma ameaçadora.

– Quer tentar algumas rodadas ou vai fugir de novo?

Algo me rasga por dentro, como quando Hulk rasga a camiseta, e respondo: –

Vamos lá.

Não vejo a hora de entrar no ringue. Para bater em algo, para descarregar a frustração, a culpa e todos os sentimentos ruins que têm me abatido durante os últimos seis dias. Pulo na ponta dos pés, viro a cabeça da esquerda para a direita, estalando o pescoço. Em seguida, me abaixo 

pelas cordas, dou pancadinhas nas luvas e ando até o centro do ringue.

Shawnasee já está à minha espera, parecendo seguro e ansioso. Ronny fica entre nós e informa as orientações conhecidas sobre lutas limpas e espírito esportivo. Batemos as luvas, voltamos aos nossos cantos e esperamos.

Depois o sinal toca.

Vou até ele, com força e rapidamente, mas não estou com a cabeça ali. Se quer saber a verdade, não estou nada interessado nesta droga de luta agora. Porque meu foco não está no meu oponente. Está na injustiça da vida. O

ressentimento de querer algo – alguém – que não me quer do mesmo modo. Nesse momento, sou apenas dor e coração partido, sentimentos que, espero, sejam levados pelos socos.

Shawnasee e eu dançamos e nos esquivamos em uma roda ao nosso redor… só que o movimento da porta da frente acaba me distraindo. E me esqueço sobre movimentos dos pés, posturas defensivas, murros, ganchos diretos e golpes corporais.

Porque parada na entrada está Deloris Warren.

Em um nanossegundo, minha mente a absorve da cabeça aos pés. Ela está com o cabelo preso para trás em um rabo-

de-cavalo, revelando um rosto sem maquiagem e lindo. Sua camiseta branca simples está presa no quadril sobre um jeans azul justo e tênis pretos Converse. Não tenho tempo para cumprimentá-la ou até mesmo para pensar no motivo de ela estar aqui.

Porque logo depois que a vejo, o punho de Shawnasee entra em contato com o meu queixo, como um golpe direto do martelo de Thor.

Meus dentes se apertam e minha cabeça inclina pra trás.

Meus olhos automaticamente se fecham conforme vou caindo reto pra trás e bato no chão.

Não sei por quanto tempo fico apagado, mas deve ter sido por apenas alguns momentos. Quando abro os olhos novamente, o rosto barbudo de Ronny está a apenas alguns centímetros do meu. Minha visão está embaçada, as cores e as luzes estão se esticando e sangrando umas nas outras. O

som ruge em meu ouvido como estática de um aparelho de televisão que está fora do ar.

Através da barulheira, a voz de Ronny força passagem.

– Fisher! Está me escutando, Fisher?

Pisco e respondo, mas minha fala sai abafada como se estivesse falando embaixo d'água.

– Sim, eu… te ouço.

– Está me enxergando bem?

– É claro, Ronny. Vejo você todo.

Ronny vira e fala com alguém ao seu lado. Consigo entender apenas algumas palavras: "concussão… hospital".

Depois ele abaixa até mim novamente.

– Preciso que você se levante, Fisher.

Minhas pernas não acham uma boa ideia.

– Prefiro ficar por aqui mesmo, se não tiver problema.

– Você precisa se levantar, Matthew.

Não. Minhas pernas ainda dizem "Vai se ferrar".

– Acho que não consigo.

Então a vejo. Ela se agacha de joelhos perto de Ronny, ao meu lado. Sua mão suave toca meu bíceps, no fim da minha camiseta, e sussurra: – Levanta, filho da puta… pois o Mickey te ama.

De repente, fico sem palavras. E não é por causa da estimulante citação do filme, mas no que essas palavras poderiam significar.

Para nós.

– Você assistiu ao *Rock y V*?

Deloris confirma.

– Assisti a todos. A morte do Mickey foi a coisa mais triste que já vi em toda a minha vida, idiota.

Em seguida fica com o rosto enrugado e começa a chorar.

Nem tenta esconder. Sua mão não cobre o rosto ou suprime os soluços. Porque ela não está tentando ser outra pessoa. Aceite-a ou deixe-a, o que você está vendo é o que terá.

Isso é o que amo nela. Uma das muitas coisas que amo.

Meu braço está pesado, mas o levanto. Uma mão, ainda com a luva, seca a lágrima que está caindo por sua bochecha.

– Não chore, Dee.

– Desculpe. Me desculpe. Te tratei muito mal.

– Não… eu fui um bundão. Te prometi que ia ser paciente e depois… não fui.

– Não, você estava certo. Você estava certo sobre tudo.

Recordo de nosso público quando Ronny mofa: – Ok, rapazes, vamos para os vestiários um pouco. Vamos deixar estes pombinhos sozinhos para despejarem suas lágrimas.

Conforme os outros caras saem de lá, Ronny mexe a cabeça para Dee e para mim.

– É por isso que não quero mulheres na minha academia.

Depois que estamos sozinhos, me esforço para conseguir ficar sentado. Esta não é uma conversa que quero ter deitado. Bem… a não ser que estivesse pelado e de costas.

Dee me ajuda a tirar as luvas e depois encosto a parte superior de meu corpo no canto do ringue.

Ela pergunta: – Você está bem?

– Sim. Parece que um caminhão passou por cima do meu rosto, mas além disso estou bem.

Com olhos vingativos, ela olha em direção à porta do vestiário em que Shawnasee acabou de entrar: – Vou furar os pneus daquele cara antes de irmos embora.

Isso vai fazer você se sentir melhor?

Rio.

– Você nunca muda, Dee.

Ela recupera a lucidez, abaixa os olhos para as mãos e confessa: – Pensar em sentir algo por você, aquele tipo de sentimento que é real, “para sempre”, me assusta pra caramba.

Sua declaração não me incomoda. Ela não está me contando nada que eu já não saiba. Mas o fato de ela estar aqui… isso significa *tudo*.

– Eu sei.

– Não queria me acostumar a ficar com você, porque se me acostumasse, quando você fosse embora… eu ficaria muito mal. Mas é tarde demais. Eu já estava sofrendo de qualquer jeito. Estes últimos dias… nunca me senti tão triste. E

sozinha. Vazia.

– Me senti do mesmo modo.

Ela sorri, apesar de ainda haver lágrimas nos olhos e na voz: – Mas, quando estou com você… quando está ao meu lado… parece perfeito. Você me faz mais feliz do que já imaginei, Matthew.

– Mas isso é fácil de arrumar. Terei apenas que ficar com você… o tempo todo. Não será muito difícil. Porque estou meio que… estou completamente apaixonado por você.

– Você é um homem maravilhoso, Matthew. Engraçado e carinhoso, atencioso e sexy pra caramba. Você é… a melhor coisa que já aconteceu na minha vida – seus olhos estão leves e afetuosos ao me olhar. Ela toca meu resto gentilmente. – Eu te amo, Matthew.

Apesar de parecer que minha mandíbula vai cair a qualquer momento, sorrio. É impossível não fazer isso.

Passo a mão na nuca de Deloris e a puxo. Esfrego minha boca nela, levemente no começo e depois mais profundamente, com mais amor. Empurro-a para ficar completamente em meus braços. Nossas línguas se tocam e se provam, devagar e sem pressa, com a promessa de muito mais.

Dee suspira e encosta a testa em mim.

– Nunca pensei que falaria “te amo” nessas circunstâncias.

– Eu também não. Mas pelo menos vai ficar na memória, certo? Bem nossa cara.

– Com certeza – Dee então fica em pé e estica a mão para mim. – Por que ainda estamos aqui?

Consigo levantar sem sua ajuda. Mas quando estou em pé, me lembro do que nos trouxe a esta situação em primeiro lugar.

– Dee, sobre Drew e Kate…

Ela coloca os dedos sobre meus lábios.

– Não. Não vamos falar sobre eles. Nunca. Você não é igual ao seu amigo idiota, sei disso. Não quero que ele fique entre nós.

Ela está certa. Isso não tem relação alguma com Drew ou Kate ou Rosaline ou qualquer outro imbecil do passado dela.

Eles não deviam nos atrapalhar, eles não podem ficar no nosso caminho.

Isso é apenas entre eu e Dee.

Conforme vamos caminhando para fora do ringue, pergunto: – Você veio de táxi até aqui?

– Sim, por quê?

Sorrio.

– Eu vim com a Ducati.

Dee está satisfeita.

– Que saudade de sentir o poder entre minhas pernas.

Coloco o braço em seus ombros.

– Ah, você vai sentir o poder, mas *depois* que eu te levar de volta para o meu apartamento.

Dee passa o braço em volta da minha cintura e mexe a cabeça.

– Que cafona – depois sua voz fica mais firme, mais insistente. – Mas nós dois teremos que esperar para sentir o poder, porque, antes de irmos pra casa, vamos ter que pegar um táxi para o pronto-socorro para fazer um *check -up*.

– O quê? Não, estou bem, sério – reclamo, como uma

criança de seis anos que não quer ir ao dentista.

Dee mexe a cabeça.

– Pode reclamar o quanto quiser, você vai. Não se deve brincar com concussões. Acabei de consegui-lo de volta, não vou correr o risco de te perder agora.

Abro a boca para discutir por que estou muito bem e ficarei fantástico assim que conseguir levar a Dee para minha cama. Ou pro balcão da minha cozinha, para a mesa na sala de jantar, para a parede da sala de estar… você entendeu o que quis dizer.

Mas antes de poder discordar, ela acrescenta: – Além do mais, para o que planejei pra você? Vamos precisar de uma autorização médica.

Bom, quando ela fala desse jeito…

Nossa ida ao hospital foi praticamente rápida, um pouco mais de três horas. Depois de algumas perguntas e alguns exames, o médico me diagnosticou com uma concussão pequena.

Porra de Shawnasee.

A vingança é um prato que se come frio – e pode apostar que vou deixar isso bem claro na próxima vez que estiver na academia.

O médico pediu para eu ficar atento se estiver sentindo 

náuseas, visão embaçada e blá-blá-blá. Eu e Dee perguntamos juntos se tinha algum problema em fazermos sexo.

Ele disse que não.

É por isso que quando fecho a porta do meu apartamento, eu e Dee nos beijamos, rasgamos nossas roupas, nos atacamos, com seis dias de desejo e vontade nos guiando. É

mais fácil tirar as minhas roupas do que as de Dee, então quando pisamos no umbral do quarto já estou completamente nu.

Forte, quente e grosso, preciso estar dentro dela mais do que preciso dar minha próxima respiração.

A camisa de Dee? Já tirei.

Seu sutiã? Na mesa de sinuca na sala de jantar.

Eu a toco, a abraço, me afogando na sensação de nossos peitos se apertando e na textura aveludada de sua pele perfeita. Meus dedos trabalham no botão de seu jeans. Mas Dee me interrompe. Suas mãos cobrem as minhas e ela dá um passo para trás. Seu peito aumenta e rapidamente desce ao tentar pegar fôlego.

– Matthew, preciso te contar algo. Eu… fiz algo. Na noite passada.

Porra.

Ontem foi sábado. Meu primeiro pensamento é “Dee transou com outro cara na noite passada”, e quase me curvo com a dor forte que sinto por isso. E com a ira.

Sei que, tecnicamente, não estávamos juntos. Tínhamos terminado. Não posso ficar nervoso.

Foda-se, não vou ligar para isso.

Vou perdoá-la. Vou superar… *depois* que quebrar alguma coisa em mil pedaços e jogar nas paredes como um gorila que acabou de usar cocaína.

Sento na cama.

– O que você fez? Não importa o que você tenha feito…

dane-se, fale logo o que é.

Em seguida, algo muito estranho acontece. Ela sorri e desabotoa a calça, tirando-a por suas pernas enquanto fala: – Pensei durante a semana toda no que você disse. De como eu estava assustada, que não queria correr o risco…

– Eu estava bravo quando falei isso, Deloris.

– Mas você estava certo. Então queria fazer algo para te mostrar, para *provar* que realmente confio em você. Que quero isso e você, permanentemente.

Ela puxa a calça e fico, num instante, hipnotizado pela vista de sua boceta suavemente maravilhosa. Até que percebo uma bandagem cobrindo uma pequena parte embaixo do osso pélvico.

Ela tira a bandagem e mostra uma tatuagem azul brilhante brasonada na sua pele. Uma tatuagem com meu nome.

MATTHEW

Estou sem palavras, só consigo admirar. Depois me agacho de joelhos na frente dela e beijo a pele suave e ainda frágil ao lado do meu nome.

– Amei. Eu te amo – passo os dedos sobre ela, bem gentilmente. – Agora você está realmente presa a mim.

Deloris levanta o meu rosto e passa as mãos em meu cabelo.

– É, estou mesmo.

Levanto, viro-a e jogo-a na cama. Depois pulo em cima dela.

Capítulo 20

Mais tarde, quando o sol já baixou e os lençóis da minha cama estavam fantasticamente amarrotados, depois de fervorosos “Eu te amo”, “Senti saudades de você” e “Nunca mais me deixe” sussurrados entre toques desesperados e gemidos de gratificação, faço força para me levantar.

Não é nada fácil. Dee está deitada nua na cama, com os lábios inchados e bem usados e descabelada de um modo sedutor. Levanto por um instante, com a calça na mão, apenas para observá-la.

– Caramba, você é muito linda.

Desta vez ela sorri, e sei que é porque acredita em mim.

Ela estica a mão.

– Então não vá. Volte para cama, Matthew.

Chio, porque tudo o que mais quero é voltar para cama.

Mas mexo a cabeça.

– Não vou ficar muito tempo longe. Tenho somente que dar uma rápida checada

no Drew, sabe, é uma coisa de homem. Que tipo de amigo eu seria se não garantisse que ele não se enforcou dentro do closet?

– O tipo que quer fazer o mundo se tornar um lugar melhor.

Em seguida, ela vê minha câmera na mesa de cabeceira.

Pega-a e morde o lábio: 

– Acho que terei que me ocupar… tirando fotos impróprias para menores com sua câmera. Podemos revelá-

las quando você voltar.

Paro por um segundo pensando nas imagens que surgem em minha mente, as quais, se Deus quiser, vão aparecer na minha máquina.

Depois lhe dou dois rolos extras de filme.

Dou um beijo de despedida antes de obrigar as minhas pernas a andarem até a porta. Antes de sair, Dee chama: – Matthew?

Paro e me viro.

– Eu te amo.

E como toda vez em que ela disse isso hoje, um sorriso pateta e ridiculamente alegre aparece em meus lábios. Ando de volta para a cama e lhe beijo novamente.

– Para sua informação, nunca vou cansar de ouvir você dizer isso.

Ela sorri, contente.

– Volta logo.

Termino indo embora correndo até a minha moto, para que possa fazer exatamente isso.

Do lado de fora do apartamento do Drew, tudo continua igual. Bato na porta e

chamo, mas a única resposta que consigo é o barulho de uma bola de beisebol batendo na porta quando pergunto se ele ainda está respirando.

Suspiro e coloco a mão na porta.

É hora de ser um pouco cruel. Se você quer saber a verdade, já passou da hora de fazer isso.

– Cara, você precisa parar de ser um cuzão. Não sei o que aconteceu entre você e Kate, ou que merda você conseguiu fazer, mas não vai ficar nada melhor se você não sair daí e tratar de lidar com isso.

Sem resposta.

Continuo provocando-o.

– Nunca pensei durante todos esses anos que nos conhecemos que você conseguiria ser uma bicha tão grande.

Você percebe que está acabando com a imagem que eu tinha de você, certo?

Ainda nada.

– Fala sério, Drew. Abre a porta. Lembra como eu fiquei depois de Rosaline? Você estava ao meu lado… deixe-me fazer o mesmo.

Terceira tentativa e depois estou fora.

Bato na porta do mesmo jeito que faria no punho do Drew se fossem dias normais.

– Tudo bem, cara, faça como achar melhor. Volto amanhã, ok?

Bam.

A porta vibra por causa do impacto da bola no outro lado,

e sei que ele me escutou.

Mexo a cabeça enquanto vou até o elevador. Porque amanhã, quando eu voltar,

não estarei sozinho. Eu realmente não queria precisar fazer isso, mas já faz uma semana, droga.

Ele me deixou sem escolha.

É hora de usar força nuclear.

Saio do saguão do prédio, direto para a calçada. Pego o telefone e disco.

Ela atende depois de duas chamadas e me cumprimenta pelo nome.

– Oi, Alexandra. Escuta, preciso da sua ajuda… com Drew.

E o resto, como dizem, é história.

Então agora você já conhece tudo. As partes que não tinha visto antes, as respostas para algumas das perguntas que talvez estivessem te perturbando.

Quanto aos conselhos, estou meio sem ideias agora, não tenho muita coisa para dar. Mas vou te deixar com um: A vida é curta, é uma jornada selvagem. Não tente ir devagar, analisar demais ou tentar controlá-la. Se você tiver sorte, como eu tive, vai encontrar aquela pessoa perfeita que vai se sentar ao seu lado e segurar sua mão em todas as curvas, todas as subidas e descidas.

E isso? Faz tudo ficar ainda mais legal.

Epílogo *Seis meses depois…*

Las Vegas, Nevada. Capela do Elvis. É tecnicamente chamada Capelinha de Casamento Branco, mas como quem administra os serviços é um imitador do Elvis, sempre será Capela do Elvis para mim. Esperamos numa sala até a nossa vez, rodeados por fotografias autografadas pelas celebridades que já trocaram votos de casamento aqui com o passar dos anos.

Já faz seis meses desde o nosso primeiro beijo na pista de dança. Talvez você ache que estamos indo rápido demais.

Talvez você ache que somos loucos. Mas para Dee e para mim?

Loucura é algo meio que completamente normal. Vamos ver, por exemplo, como

ficamos noivos: *“Sr. Fisher, por favor deite-se de novo! – a enfermeira grita com uma voz mandona, mas eu ignoro.*

Que desastre.

Ao invés de uma noite romântica e particular no restaurante favorito de Dee, não sei como consegui terminá-la com um avental de hospital, numa maca, na sala dos fundos da porcaria do PS. Só podia piorar se o anel de noivado tivesse sido roubado por uma enfermeira ladra ou por algum morador de rua.

Eu mesmo criei o anel, e ficou perfeito. Um impecável diamante de dois quilates cheio de esmeraldas, rubis e safiras. É colorido, único, igual à Dee. Agora tenho apenas que dá-lo para ela.

Procuro minha calça naquele saco plástico em que somos obrigados a colocar as roupas e tiro a caixa com o anel do bolso. Depois, antes de a enfermeira conseguir me interromper, corro pelo corredor até a ala de espera do pronto-socorro, onde Deloris está. Ela se levanta assim que me vê.

Ando até ela e me agacho em um joelho.

– Quero que você seja minha. E quero ser seu. Quero ser a razão de seus sorrisos. Quero passar o resto da minha vida escutando suas teorias e te ensinando a diferença entre um bom filme e um ruim. Quero ter oitenta anos e ficar segurando sua mão durante a patinação em casais, e prometo te amar a cada momento único a partir de agora.

Quer se casar comigo, Deloris?”

Isso mesmo, este foi o meu pedido romântico.

Dee não queria ficar em um noivado por muito tempo, e eu estava muito empolgado com tudo. A filosofia de “por que esperar?” foi como começamos, e ela não nos deixou na mão nenhuma vez. Então aqui estamos – eu, Dee, Drew e Kate – em Las Vegas, para um casamento rápido e uma celebração foda.

Olho no espelho e tento arrumar a gravata, mas ela não coopera.

– Você tem certeza de que quer isso? – Drew pergunta atrás de mim, vestido com seu terno customizado.

– Nunca tive mais certeza, cara.

Desisto da gravata. *Foda-se.*

– Você tem certeza mesmo? Nunca é tarde demais para desistir.

Rio.

– Já é tarde demais.

Ele olha para a minha gravata torta e fica na minha frente para arrumá-la, como um pai ajudando seu filho na noite do baile de formatura. Depois que está arrumada do jeito que Drew quer, ele coloca as mãos em meus ombros, me olha nos olhos e diz: – Você tem certeza de que tem certeza?

A voz carrancuda de Kate chama do outro lado da sala.

– Drew?

– Sim, amor.

– Ele tem certeza. Não pergunte novamente ou não vou ficar feliz. E você não vai gostar de não me ver feliz.

Acho que ultimamente eles têm assistido a reprises de *O*

Incrível Hulk demais.

Drew concorda. Mas assim que Kate vira as costas, ele silenciosamente pergunta mexendo a boca: – Tem certeza? Tem realmente certeza?

Rio. Porque tenho certeza.

E porque nunca, nunca mesmo, pensei que veria o dia em que Drew fosse se calar por causa de uma garota. Mas parece que ele se calou.

Não nos calamos todos?

Estou arrumando as mangas em meus punhos quando Dee chega ao meu lado, com os olhos cheios de contentamento afetuoso. Ela está com um vestido curto todo branco, cheio de renda, mangas compridas e sapatos de saltos finos azul-

bebê. Seu cabelo loiro-morango está preso de lado e ela está com um véu na altura do ombro, que cai sobre o cabelo como uma auréola, preso com uma pequena tiara de diamantes posicionada em cima da cabeça.

– O que está pensando? – pergunta para mim.

Coloco um braço em sua cintura e a puxo.

– Estava pensando sobre a primeira vez que liguei para você. Não queria assumir na época, mas estava um pouco nervoso – beijo sua testa, gentilmente. – Agora não estou nervoso.

Ela encosta a cabeça em meu peito.

– Eu também não.

Logo em seguida, as portas da capela se abrem e um Elvis cheio de cristais entra na sala.

– Estamos prontos para começar este show, garotos?

Drew e eu vamos para perto do altar assim que as portas se fecham mais uma vez. Uma música instrumental começa a tocar, as portas se abrem e Kate entra pela arcada. De relance, vejo Drew abrir um grande sorriso seguindo cada movimento da Kate. Quando ela passa pelo corredor, ele pisca, e Kate responde com um sorriso adorável.

Assim que Kate assume seu posto, as portas se abrem novamente e mostram Dee nos braços de Elvis. Enquanto ele a leva pelo corredor, canta nossa música de casamento: “Can’t Help Falling in Love”.

Deloris e eu ficamos lado a lado, de mãos dadas, enquanto Elvis faz nossos votos.

– Você, Matthew Franklin Fisher, aceita Deloris Warren como sua esposa oficial?

– Aceito.

– Promete nunca tratá-la como um “Cão de caça” (“*Hound Dog”*), “Nunca ser

cruel” (“*Don’t be cruel* ”) ou deixá-la “Sozinha em uma noite” (“*Lonesome Tonight*”)?

– Prometo.

– Promete ser seu “Grande amor” (*“Big Hunk O’ Love”*), seu “Urso de pelúcia” (*“Teddy Bear”*) e amá-la terna e verdadeiramente até que a morte os separe?

Seguro a bochecha de Dee.

– Sempre.

Dee sorri e se derrete em lágrimas conforme coloco a aliança platinada em seu dedo, perto do anel de noivado.

Depois Elvis pergunta para Deloris: – Você, Deloris Sunshine Warren, aceita Matthew Fisher como seu legítimo esposo?

Ela responde, com uma voz clara e confiante: – Aceito.

– Promete nunca pisar em seus “Sapatos de camurça azuis” (“*Blue Suede Shoes”*), nunca fazer com que ele tenha uma “Mente suspeita” (“*Suspicious Mind*”) ou deixá-lo “Descontrolado” (*“All Shook Up”*)?

– Prometo.

– Vai sempre tê-lo na mente, sempre mostrar “Sua admiração” (*“Wonder of You”*) e sempre manter o “Amor ardente” (“*Burning Love”*) até que a morte os separe?

– Sim.

Após isso, Dee coloca a aliança em meu dedo. Falando com uma voz profunda, Elvis proclama: – Pelo poder investido em mim pelo Estado de Nevada, eu vos declaro marido e mulher – ele bate em meu ombro. – Pode beijar a noiva.

Não preciso ouvir duas vezes. Coloco os braços nela e beijo-a, com todo pedaço de amor, excitação e gratidão que tenho por ela.

Não sei se é aceitável beijo de língua no casamento, mas não deixo isso me

interromper.

Antes de pegar Deloris no colo, ela pula em meus braços e eu a nino enquanto nos beijamos. Kate bate palmas e Drew assovia. Depois de tirar mil fotos, agradecemos a Elvis e saímos de lá. Nós quatro passamos o resto da noite rindo e dançando até não aguentarmos mais ficar em pé.

É o melhor dia de nossas vidas. E tudo ainda está apenas começando.

Document Outline

- Página de Título
- Direitos Autorais Página
- Agradecimentos
- Capítulo 1
- Capítulo 2
- Capítulo 3
- Capítulo 4
- Capítulo 5
- Capítulo 6
- Capítulo 7
- Capítulo 8
- Capítulo 9
- Capítulo 10
- Capítulo 11
- Capítulo 12
- Capítulo 13
- Capítulo 14
- Capítulo 15
- Capítulo 16
- Capítulo 17
- Capítulo 18
- Capítulo 19
- Capítulo 20
- Epílogo

Table of Contents

Página de Título
Direitos Autorais Página
Agradecimentos
Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Capítulo 8
Capítulo 9
Capítulo 10
Capítulo 11
Capítulo 12
Capítulo 13
Capítulo 14
Capítulo 15
Capítulo 16
Capítulo 17
Capítulo 18
Capítulo 19
Capítulo 20
Epílogo